



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**A SINTAXE DAS PASSIVAS VERBAIS E ADJETIVAIS COM PREDICADOS
PSICOLÓGICOS EXPERIENCIADOR OBJETO NO PORTUGUÊS**

BRUNO PILASTRE DE SOUZA SILVA DIAS

BRASÍLIA

2017

BRUNO PILASTRE DE SOUZA SILVA DIAS

**A SINTAXE DAS PASSIVAS VERBAIS E ADJETIVAIS COM PREDICADOS
PSICOLÓGICOS EXPERIENCIADOR OBJETO NO PORTUGUÊS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rozana Reigota Naves

BRASÍLIA

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D637s Dias, Bruno Pilastre de Souza Silva
A sintaxe das passivas verbais e adjetivais com
predicados psicológicos experienciador objeto no
português / Bruno Pilastre de Souza Silva Dias;
orientador Rozana Reigota Naves. -- Brasília, 2017.
178 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2017.

1. Construção passiva. 2. Predicados psicológicos.
3. Verbos auxiliares. 4. Forma participial. 5. By
phrase. I. Naves, Rozana Reigota, orient. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

BRUNO PILASTRE DE SOUZA SILVA DIAS

A SINTAXE DAS PASSIVAS VERBAIS E ADJETIVAIS COM PREDICADOS PSICOLÓGICOS EXPERIENCIADOR OBJETO NO PORTUGUÊS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves (LIP-UnB)

Presidente

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais (FFLCH-USP)

Membro externo

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen (LET-UnB)

Membro externo

Prof^a. Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles (LIP-UnB)

Membro interno

Prof^a. Dr^a. Helena da Silva Guerra Vicente (UnB) (LIP-UnB)

Membro interno

Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior (LIP-UnB)

Membro suplente

Dedico esta tese a Deus pai todo-poderoso, à
minha família e à Universidade de Brasília.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Juliana Dias Pilastre, dedico especialmente esta tese. Sabíamos que a conclusão deste projeto mudaria nossas vidas. Sempre recebi o seu incentivo por meio de palavras e gestos carinhosos. Eu te amo, minha linda Juliana!

À minha orientadora, professora Rozana. Sua postura gentil e humana trouxe, por muitas vezes, vida nova à minha pesquisa. Espero poder acolher e conduzir tão bem os meus futuros orientandos. Obrigado pelo exemplo.

À minha mãe e ao meu pai, sempre zelosos e amorosos na condução de meus passos.

À Universidade de Brasília, ao Instituto de Letras, ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística pelo apoio institucional recebido desde a graduação. Às agências de fomento (CNPq e CAPES) e ao Governo Federal (REUNI), pelo apoio financeiro.

À comissão examinadora. Também dirijo especial agradecimento a todos os professores que contribuíram, em congressos e em comunicações pessoais, para a elaboração deste trabalho.

A todos os meus colegas que, desde o mestrado, trouxeram energia e apoio para que eu continuasse os trabalhos: Bruna Elisa, Cristiany Fernandes, Déborah Oliveira, Giovana Santiago, Humberto Borges, Michelle Machado, Moacir Júnior, Paula Guedes e Sanderson de Oliveira. Obrigado pelos momentos de descontração, de trabalho e de estudo.

Aos meus ex-alunos, alunos e futuros orientandos.

A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade.

Papa João Paulo II

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – O OBJETO DE ESTUDO, O PROBLEMA TEÓRICO E A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Introdução	1
1.2. Delimitação do objeto de estudo: a construção passiva e os predicados psicológicos	5
1.3. O problema teórico: a assimetria das passivas com predicados psicológicos	10
1.4. Fundamentação teórica	14
1.5. Objetivos, hipótese e estrutura da tese	24
1.6. Síntese do Capítulo 1	25

CAPÍTULO 2 – PROPOSTAS TEÓRICAS PARA A CONSTRUÇÃO PASSIVA VERBAL E ADJETIVAL

2.1. Propostas teóricas para a passiva verbal	27
2.1.1. A construção passiva em Chomsky (1957, 1965 e 1981)	28
2.1.2. A passiva verbal na Teoria de Regência e Ligação	32
2.1.3. A passiva verbal no Minimalismo	37
2.2. Propostas teóricas para a passiva adjetival	54
2.2.1. A passiva adjetival na Teoria de Regência e Ligação	55
2.2.2. A passiva adjetival no Minimalismo	60
2.3. O argumento externo implícito e o estatuto sintático da <i>by-phrase</i>	68
2.4. Síntese do Capítulo 2	72

CAPÍTULO 3 – OS PREDICADOS PSICOLÓGICOS E AS CONSTRUÇÕES PASSIVAS

3.1. Propriedades gerais dos predicados psicológicos: os chamados efeitos psicológicos	74
3.2. O efeito da agentividade na sintaxe dos predicados psicológicos (Arad, 1998)	92
3.3. Proposta de tipologia linguística com base nas passivas com predicados psicológicos (Landau, 2010)	99
3.2.1. A tipologia proposta por Landau (2010)	104
3.2.2. O lugar do espanhol e do português na tipologia proposta por Landau (2010)	115
3.4. Síntese do Capítulo 3	122

CAPÍTULO 4 – O AUXILIAR, A FORMA PARTICIPIAL E A *BY-PHRASE* EM PASSIVAS COM PREDICADOS PSICOLÓGICOS EXPOBJ

4.1. Auxiliabilidade e aspecto em passivas com predicados psicológicos ExpObj	124
4.2. A forma participial nas passivas verbais e adjetivais	131
4.3. O sintagma preposicional em passivas verbais e adjetivais com predicados ExpObj	143
4.4. Síntese do Capítulo 4	146

CAPÍTULO 5 – PROPOSTA DE ANÁLISE

5.1. O problema teórico desta tese: a construção passiva com predicados psicológicos	148
5.2. Em direção a uma proposta de análise	150
5.2.1. Os traços relevantes dos predicados ExpObj em construção passiva	150
5.2.2. Propriedades relevantes das construções passivas	154
5.3. Proposta de análise	156
5.3.1. Derivação das passivas verbais (com e sem <i>by-phrase</i>)	156
5.3.2. Derivação das passivas adjetivais (com e sem sintagma preposicionado)	162
5.4. Síntese do Capítulo 5	166

CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
-----------------------------	-----

REFERÊNCIAS	170
--------------------	-----

RESUMO

PILASTRE, B. **A sintaxe das passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos experienciador objeto no português.** Tese de Doutorado. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

Palavras chave: construção passiva; predicados psicológicos; verbos auxiliares; forma participial; *by-phrase*.

Esta tese propõe uma análise para a sintaxe das passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos Experienciador Objeto (ExpObj) no português. Em nossa análise, explicamos a assimetria existente entre os verbos ExpObj ‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘assustar’ quando em construção passiva verbal e adjetival. A nossa hipótese é a de que a raiz lexical de cada predicado ExpObj (‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘assustar’) determina a possibilidade ou não de um verbo psicológico ocorrer em passiva, sendo [intencionalidade] o traço relevante desses predicados em construção passiva. Predicados como ‘preocupar’, que não ocorrem em passiva verbal (permitem apenas passiva adjetival), não portam o traço [intencionalidade]. Predicados como ‘acalmar’ projetam *v* e licenciam a presença de um argumento externo (Agente) em razão de a morfologia verbal causativa carregar o traço [intencionalidade]. Para predicados ExpObj como ‘assustar’, propomos que são subespecificados para o traço [intencionalidade], o que os torna ambíguos entre leitura agentiva e não agentiva. Defendemos que a passiva verbal e a passiva adjetival sejam formadas na sintaxe. Nossa proposta é a de que a passiva verbal projeta um núcleo Voice (COLLINS, 2005) e a passiva adjetival projeta um núcleo Pred (BAKER, 2003). Essa distinção reflete diferentes propriedades das componentes de cada construção, como o auxiliar, a forma participial e a *by-phrase*.

ABSTRACT

PILASTRE, B. **The syntax of verbal and adjectival passives with Experiencer-Object psychological predicates in Brazilian Portuguese.** PhD. Thesis. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

Keywords: passive construction; psychological predicates; auxiliary verbs; participial form; *by*-phrase.

This dissertation proposes an analysis for the syntax of verbal and adjectival passives with Object Experiencer (OE) psychological predicates in Portuguese. In our analysis, we explain the asymmetry between OE verbs like ‘worry’, ‘calm’ and ‘frighten’ in verbal passives and in adjectival passive constructions. Our hypothesis is that the lexical root of each OE predicate (‘worry’, ‘calm’ and ‘frighten’) determines the (im)possibility of a passive form derived from a psychological verb, being [intentionality] the relevant feature for these predicates. Predicates like ‘worry’, which do not occur in verbal passives (only in adjectival passives), do not bear the [intentionality] feature. Predicates like ‘calm’ project ν and license the presence of an External Argument (Agent), given that the verbal causative morphology bears the [intentionality] feature. EO predicates like ‘frighten’ are unspecified for the [intentionality] feature; therefore, these predicates are ambiguous between an agentive and a non-agentive reading. We assume that the verbal passive and the adjectival passive are both formed in the syntax. Our proposal is that the verbal passive projects a Voice head (COLLINS, 2005), and the adjectival passive projects a Pred head (BAKER, 2003). This distinction reflects different properties of these constructions’ components, like the auxiliary, the participial form, and the *by*-phrase.

CAPÍTULO 1

O OBJETO DE ESTUDO, O PROBLEMA E A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este Capítulo tem como objetivo apresentar o objeto de estudo desta tese, o problema de pesquisa e a fundamentação teórica que dá suporte à proposta de análise. Na primeira seção, apresentamos nosso objeto de estudo, as passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos Experienciador Objeto. Em seguida, na segunda seção, delimitamos nosso objeto de estudo, expondo as propriedades da construção passiva e dos predicados psicológicos Experienciador Objeto. Na terceira seção, mostramos a natureza de nosso problema teórico, o qual envolve o comportamento assimétrico dos predicados Experienciador Objeto ‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘assustar’ em construção passiva. A quarta seção é destinada à fundamentação teórica. Na quinta e última seção, informamos os objetivos e a hipótese de nossa tese. Informamos, também, a organização do trabalho.

1.1. Introdução

Esta tese propõe uma análise para a sintaxe das passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos Experienciador Objeto no português.

Por construção passiva compreendemos a configuração sintática em que o objeto temático da ativa ocorre na posição de sujeito de um predicado constituído do auxiliar e do particípio do verbo da ativa. O sujeito da ativa, por sua vez, é opcionalmente manifesto e, quando ocorre, é introduzido por preposição. As passivas verbais são formadas com o auxiliar ‘ser’ e a preposição ‘por’, sendo classificadas aspectualmente como eventivas. As passivas adjetivais, em português, podem ser subdividas em resultativas e estativas: as primeiras ocorrem com o auxiliar ‘ficar’ e as últimas ocorrem com o auxiliar ‘estar’ e, em geral, não admitem a expressão do sujeito da ativa como um sintagma preposicional. Fundamentalmente, propomos que apenas nas passivas verbais pode haver a interpretação de Agente para o argumento introduzido pela preposição

(sendo comum encontrar na literatura a caracterização desse argumento como agente implícito, quando não manifesto). Os dados em (1) ilustram cada uma dessas construções:

- (1) a. O jardineiro podou a árvore. [ativa]
b. A árvore foi podada (pelo jardineiro). [passiva verbal]
c. A árvore ficou podada. [passiva adjetival resultativa]
d. A árvore está podada. [passiva adjetival estativa]

Os predicados psicológicos constituem uma classe cuja propriedade semântica é a de denotar algum tipo de percepção ou atividade mental, bem como alguma forma de sentimento ou emoção, isto é, de descrever estados da mente ou mudanças nos estados da mente (LEVIN, 1993, p. 191), de maneira que um dos argumentos desse tipo de predicado recebe o papel- Θ de Experienciador (aquele que é afetado pela experiência psicológica). Nesta tese, interessa-nos tratar especificamente dos predicados psicológicos que denotam emoção/sentimento, os quais licenciam a formação passiva verbal e/ou adjetival, como vemos nos dados a seguir:²

- (2) a. O Pedro temeu o crocodilo.
b. O crocodilo foi temido pelo Pedro.
c. *O crocodilo ficou temido com o Pedro.
- (3) a. O Antônio preocupou a Regina.
b. *A Regina foi preocupada pelo Antônio.
c. A Regina ficou preocupada com o Antônio.
- (4) a. O João acalmou o Pedrinho.
b. O Pedrinho foi acalmado pelo João.
c. *O Pedrinho ficou acalmado com o João.

² Apesar de o verbo 'temer' aparentemente não ter um uso muito difundido no português brasileiro (Vicente, c.p.), na descrição do fenômeno, tomamos os verbos 'temer', 'preocupar', 'acalmar' e 'assustar' como prototípicos do comportamento assimétrico dos verbos psicológicos (seja quanto ao mapeamento do argumento Experienciador, seja quanto à formação de passivas verbais e/ou adjetivas). A literatura sobre os predicados psicológicos em outras línguas (por exemplo, no italiano, no inglês e no espanhol) também adota os mesmos verbos como prototípicos em relação às assimetrias.

- (5) a. O Rafael assustou a Joana.
b. A Joana foi assustada pelo Rafael.
c. A Joana ficou assustada com o Rafael.

Os dados em (a) são sentenças ativas que apresentamos nesse conjunto de sentenças apenas como ilustração do fato de que os predicados psicológicos se distinguem quanto à posição sintática em que o argumento Experienciador é projetado. Nelas, podemos perceber dois subgrupos de verbos, que não se comportam de forma homogênea em termos de mapeamento sintático do argumento com papel- Θ de Experienciador: de um lado ‘temer’ mapeia o argumento Experienciador na posição de sujeito, como vemos em (2a), sendo o verbo prototípico da chamada classe dos predicados psicológicos Experienciador Sujeito (doravante ExpSuj); os demais – ‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘assustar’ – mapeiam esse argumento na posição de objeto, sendo, por essa razão, conhecidos como predicados psicológicos Experienciador Objeto (doravante ExpObj). Esses últimos constituem o nosso objeto de estudo nesta tese, pelas razões que apontamos em seguida. Vale ressaltar, ainda, que este trabalho tem como foco as construções passivas, cuja derivação sintática consideramos independente das sentenças ativas, de tal maneira que as propriedades envolvidas em uma computação podem se mostrar distintas em uma e em outra construção.

Os dados em (b) e (c) são sentenças passivas verbais e adjetivais, respectivamente. Como vemos, a gramaticalidade das sentenças passivas também não se manifesta de forma homogênea: (i) verbos como ‘temer’ licenciam passiva verbal e bloqueiam passiva adjetival; (ii) verbos como ‘preocupar’ aceitam a passiva adjetival e bloqueiam a passiva verbal; (iii) verbos como ‘acalmar’ aceitam a passiva verbal, mas a passiva adjetival é considerada agramatical com a forma participial ‘acalmado’; e, por fim, (iv) verbos como ‘assustar’ aceitam tanto a passiva verbal quanto a passiva adjetival.

Os quadros abaixo sintetizam as assimetrias relativas aos predicados psicológicos que acabamos de descrever:

(i)

Predicados Psicológicos	Assimetria 1: mapeamento dos argumentos
‘temer’	Posição de sujeito
‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘assustar’	Posição de objeto

(ii)

Subclasse de predicados ExpObj	Assimetria 2: formação de passivas
‘temer’	✓ Verbal *Adjetival
‘preocupar’	*Verbal ✓ Adjetival
‘acalmar’	✓ Verbal *Adjetival
‘assustar’	✓ Verbal ✓ Adjetival

Em estudo anterior (PILASTRE, 2012), buscamos mapear as propriedades dos verbos psicológicos em construções passivas. Como pressuposto de análise, adotamos o conceito de composicionalidade como em Frege (2009, p. 29), para quem o sentido de uma sentença é determinado pelos sentidos de seus componentes. Assumimos, então, que o auxiliar ‘ser’, a preposição ‘por’ e a formação verbo mais morfema participial atuam conjuntamente para produzir a passiva verbal. Do mesmo modo, o auxiliar ‘ficar’, a preposição ‘com’ e a forma verbo mais morfema participial atuam conjuntamente para produzir a passiva adjetival. A proposta central em Pilastre (2012) é a de que a diferença entre a passiva verbal e a passiva adjetival está relacionada à projeção do núcleo funcional Voice, por sua vez relacionado ao licenciamento do argumento externo do predicado, à semelhança do que é proposto por Collins (2005). O núcleo funcional Voice é, em nossa análise, o *locus* da natureza causativa do processo verbal, que produz a leitura eventiva desse processo na passiva verbal. A ausência do núcleo Voice na passiva adjetival, por sua vez, é a razão da interpretação estativa do processo verbal nessa construção.

Ainda que Pilastre (2012) tenha formulado uma caracterização aspectualmente adequada para a distinção entre as passivas verbais e adjetivais com predicados

psicológicos, percebemos que o tema demanda uma investigação mais detalhada, nomeadamente sobre questões envolvendo a distinção entre passiva verbal e adjetival com predicados psicológicos Experienciador Objeto em relação: (i) à caracterização do argumento (Agente) implícito (e, conseqüente, ao estatuto do sintagma preposicional que introduz o argumento, quando manifesto); (ii) à categoria lexical do participio; e (iii) à natureza das raízes de cada subclasse de verbo psicológico (a que atribuímos, por hipótese, a diferença de comportamento entre os predicados Experienciador Objeto em (3), (4) e (5), visto que os demais elementos da composição – auxiliar, morfema participial e preposição – mantêm-se os mesmos nos três casos).

Por meio desta tese procuramos, então, aprofundar e ampliar as reflexões acerca do tema, discutindo as relações entre léxico e sintaxe e identificando as propriedades essenciais que determinam o padrão apresentado nos dados de (2) a (5). Nosso desafio é identificar quais aspectos do significado dos itens lexicais em foco realmente importam para a sintaxe de uma língua – isto é, quais aspectos do significado dos predicados devem ser codificados em uma construção passiva verbal ou adjetival, de modo a explicar o comportamento não homogêneo dos predicados psicológicos com respeito a essas construções.

1.2. Delimitação do objeto de estudo: a construção passiva e os predicados psicológicos

Em uma sentença transitiva ativa, o verbo seleciona um argumento externo e um argumento interno direto, como em (6):⁴

(6) A Maria humilhou o garçom.

Nessa predicação, a cena apresentada envolve duas entidades, ‘A Maria’ e ‘o garçom’. A organização típica de uma sentença transitiva é aquela em que o argumento externo ‘A Maria’ ocupa a posição de sujeito sintático da sentença (recebendo Caso nominativo); ‘o garçom’, argumento interno direto, ocupa a posição de complemento objeto direto (recebendo Caso acusativo).

⁴ Para a caracterização inicial das propriedades da construção passiva, exploramos os trabalhos de Duarte (2003, 2013) e Estrela (2013). Os dados de (6) a (9) são nossos.

A mesma situação descrita pelo predicado em (6) pode ser descrita por meio de outra organização sintática, como em (7):

(7) O garçom foi humilhado (pela Maria).

Em (7), o argumento interno ‘o garçom’ é realizado na posição de sujeito sintático da sentença. O argumento externo ‘A Maria’, por sua vez, ocorre opcionalmente em um sintagma preposicional (denominado *by-phrase* ‘sintagma-por’).⁶ Nesse caso, temos uma passiva longa. Quando a *by-phrase* não está expressa, temos uma construção denominada passiva curta, em que ainda é possível identificar um sentido agentivo, razão pela qual se diz que o argumento Agente está implícito.⁷ A identificação desse argumento é realizada, por exemplo, pela presença de advérbios voltados para o Agente, como ‘propositalmente’ (‘O garçom foi propositalmente humilhado’). Ao argumento Agente não realizado na passiva verbal, mas semanticamente presente, dá-se o nome de argumento implícito da passiva.

A construção passiva em (7), como antecipamos na seção precedente, é denominada passiva verbal.⁸ Em termos aspectuais, é caracterizada por descrever uma situação dinâmica (evento), em que uma das entidades envolvidas sofre algum tipo de mudança de estado (Duarte, 2013). Tipicamente, a passiva verbal ocorre com o auxiliar ‘ser’ e o sintagma preposicional é introduzido pela preposição ‘por’.

À construção passiva verbal, no entanto, opõe-se a construção passiva adjetival que, segundo Duarte (2003, 2013), subdivide-se em passiva resultativa e passiva estativa (ou de estado), representadas em (8) e (9), respectivamente.⁹

(8) O garçom ficou humilhado.

(9) O garçom está humilhado.

⁶ Na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), a *by-phrase*, denominação adotada amplamente em trabalhos gerativistas para o sintagma preposicional que ocorre em passivas verbais, corresponde ao termo *agente da passiva*.

⁷ Em nossa tese, adotamos a tradução dos termos apresentados por Baker, Johnson e Roberts (1989): *short passives* (para as passivas sem *by-phrase*) e *long passives* (para as passivas com *by-phrase*). Duarte (2013) também segue a mesma nomenclatura.

⁸ De acordo com Estrela (2013, p. 8), a passiva verbal também é denominada *sintática*, *eventiva* ou *perifrástica*.

⁹ Nesse ponto, Duarte (2003, 2013) a autora adota, para caracterizar as construções passivas no português, a tipologia tripartida de particípios proposta por Embick (2004).

A sentença em (8) descreve uma situação dinâmica, mas, diferentemente da sentença em (7), a interpretação recai sobre o estado resultante da transição sofrida (ou seja, sobre o resultado de uma mudança de estado). A sentença em (9), por sua vez, é classificada como estativa por descrever uma situação não dinâmica, não possuindo qualquer componente eventiva relacionada com mudança de estado. Diferentemente da sentença (7), em (8) e (9) não se identifica um argumento implícito, o qual é considerado ausente nas passivas adjetivais.

Consideramos relevante lembrar, juntamente com Duarte (2003 *apud* Estrela, 2013, p. 24), que “a interpretação aspectual das passivas adjetivais está plausivelmente na origem de restrições sobre os verbos a partir dos quais podem ser derivados os adjetivos que nela ocorrem”. Nesse sentido, propomos que verbos que carregam o traço [intencionalidade] como propriedade semântica abstrata associada à raiz (incluindo, nesse contexto o radical e os afixos derivacionais que formam a base para as flexões) possuem interpretação eventiva e selecionam um argumento Agente, caso em que não há possibilidade de esses verbos ocorrerem sob a forma de uma passiva resultativa ou estativa.¹⁰

Temos, então, que a construção passiva é caracterizada por uma mudança de mapeamento dos argumentos. O argumento interno da ativa é realizado como sujeito sintático da passiva; o argumento externo da ativa é opcionalmente realizado como um sintagma preposicionado (uma *by-phrase*, no caso das passivas verbais). Morfologicamente, a forma verbal da ativa, que possui flexão de modo-tempo e número-pessoa, ocorre sob forma participial, que se combina a uma forma auxiliar (‘ser’, ‘ficar’ ou ‘estar’), a qual passa a ser suporte das marcas de modo-tempo e número-pessoa, além de expressar aspecto (respectivamente, eventivo, resultativo e estativo).¹¹ Na passiva, a forma participial tem a propriedade de concordar em gênero e número (flexão nominal) com o sujeito sintático (o argumento interno da ativa). Passamos, agora, a uma caracterização inicial dos predicados psicológicos.

Como já foi dito na seção precedente, segundo Levin (1993, p. 191), os predicados psicológicos – semanticamente definidos pela propriedade de descrever

¹⁰ Cançado (1995) propõe análise semelhante para as passivas com predicados psicológicos. Para a autora, o papel temático do argumento externo deve ter o traço [+controle] para licenciar a passiva verbal. A noção de [+controle], no entanto, é distinta do traço [intencionalidade]. Como veremos no Capítulo 2, o traço de [intencionalidade] interage de maneira mais próxima com a mudança de estado realizada no objeto. O traço de [+controle], diferentemente, interage de modo mais próximo com o evento denotado pelo predicado.

¹¹ Estamos seguindo a classificação de Duarte (2003, 2013) e Duarte & Oliveira (2010).

estados da mente ou mudanças nos estados da mente – são conhecidos por serem uma classe de verbos cujo mapeamento dos argumentos na sintaxe não é homogêneo (embora não haja consenso sobre o papel- Θ dos argumentos dos predicados psicológicos, de modo geral os pesquisadores assumem a grade temática <Experienciador, Tema> como ponto de partida para o estudo desses predicados).

Pesetsky (1995, p. 2) conceitua mapeamento (do inglês, *linking*) como a relação entre categorias semânticas de argumentos de um predicado e suas posições sintáticas. O dado (10) a seguir ilustra o mapeamento de um argumento Agente na posição de sujeito sintático da sentença, em (10a), sendo a sentença agramatical quando nesse predicado ('pegar') o argumento Agente é projetado na posição de objeto direto, como em (10b).

- (10) a. João pegou a bola.
b. *A bola pegou o João.

Na classe dos predicados psicológicos, o problema advém da possibilidade de o argumento Experienciador ser mapeado tanto em posição de sujeito quanto de objeto. Como vemos no dado (11a), verbos como 'temer' atribuem papel- Θ de Experienciador ao argumento na posição de sujeito – predicados ExpSuj. Verbos como 'preocupar', diferentemente, atribuem o papel- Θ de Experienciador ao argumento na posição de objeto, em (11b) – predicados ExpObj.¹²

- (11) a. Mário_{Exp} teme fantasmas.
b. A crise preocupa Mário_{Exp}.

Tal fenômeno representa um desafio, por exemplo, para o estudo de aquisição de língua, uma vez que parece apontar para uma irregularidade forte na relação entre as posições sintáticas e as interpretações semânticas (em termos de papéis temáticos).

As propostas de análise para os predicados psicológicos, embora sejam consensuais no que se refere à assimetria das duas subclasses (ExpSuj e ExpObj) quanto ao mapeamento do Experienciador como sujeito ou objeto, são divergentes em relação ao número de subclasses, no que se refere à assimetria quanto a outras propriedades

¹² As abreviações ExpSuj e ExpObj, que estamos adotando, encontram-se em Pesetsky (1995).

sintáticas. Belletti & Rizzi (1988), por exemplo, propõem a existência de três classes: *temere*, *preoccupare* e *piacere* (respectivamente, ‘temer’, ‘preocupar’ e ‘agradar’), tendo como argumento a ideia de que as grades de Caso desses predicados são diferentes em relação ao parâmetro lexical que envolve a seleção de diferentes Casos inerentes para o Experienciador. Pesetsky (1995), por sua vez, defende uma divisão bipartite dos predicados psicológicos (ExpSuj – *fear* ‘temer’ – e ExpObj – *frighten* ‘assustar’) – e assume que a distinção está relacionada à possibilidade ou não de o argumento participar do fenômeno da alternância sintática.¹³ Para o português, Cançado (1995) propõe uma classificação em termos da rede temática desses predicados e de propriedades gramaticais baseadas em testes sintáticos, de que resulta a proposta de quatro classes: ‘temer’, ‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘animar’.¹⁴

É possível observar, então, que o número de subclasses de verbos psicológicos varia conforme o objetivo de pesquisa ou as propriedades gramaticais analisadas pelos autores. Para nós, a distinção importante é a relacionada ao comportamento dos predicados psicológicos em construção passiva verbal e adjetival.

Sobre a literatura a respeito dos predicados psicológicos que apresentamos nesta tese, podemos perspectivá-la, conforme Naves (2005), a partir de duas linhas: uma sintática (p.ex.cf. BELLETTI; RIZZI, 1988, 1992; ARAD, 1998; entre outros) e outra semântica (PESETSKY, 1995; BOUCHARD, 1995; REINHART, 2000, 2001; entre outros). Neste trabalho, discutimos também o trabalho de Landau (2010), o qual pode ser considerado como de perspectiva semântico-cognitivista. Dessas propostas, extraímos a ideia principal de que propriedades léxico-semânticas dos predicados são

¹³ Segundo Naves (2005, p. 3): A alternância sintática diz respeito à propriedade de um dado predicado de expressar os seus argumentos em mais de uma configuração sintática, em termos do mapeamento desses argumentos em posições sintáticas. No caso dos predicados ExpSuj, apenas uma configuração é possível: *Mário teme fantasmas*. No caso dos predicados ExpObj, duas configurações são possíveis: *A crise preocupa Mário* e *Mário se preocupa com a crise*. Naves (2005) adota a divisão bipartite de Pesetsky (1995) para a análise do fenômeno da alternância sintática em predicados psicológicos, cuja ocorrência estaria, de acordo com a autora, vinculada ao fato de uma sequência [V + argumento interno] ser licenciada pela gramática como sendo uma sentença. Remetemos o leitor ao trabalho de Naves (2005), para mais detalhes sobre essa proposta de análise.

¹⁴ Cançado (1995) adota três testes originalmente propostos por Belletti & Rizzi (1988): (i) possibilidade de apresentar apassivação verbal ou adjetiva; (ii) possibilidade de admitir *pro* arbitrário como sujeito; e (iii) possibilidade de permitir orações causativas perifrásticas (com o uso do operador *fazer*). O único teste proposto por Belletti & Rizzi (1988) e não adotado por Cançado (1995) para aplicação no português é o de aceitação do clítico como anáfora. Segundo a autora, esse não é um bom teste para o português, pois, apesar de ser aceito por alguns verbos, não é aceito por todos – o que torna o teste não conclusivo. Os outros testes utilizados por Cançado são estes: (iv) capacidade de o verbo aceitar construções ergativas; (v) capacidade de o verbo aceitar a causativização com a promoção do terceiro argumento (causa ou Instrumento) para a posição de sujeito; e (vi) capacidade de o verbo aceitar a inversão dos dois últimos argumentos;

responsáveis pelo licenciamento ou não da construção passiva verbal e/ou adjetival com predicados psicológicos.

1.3. O problema teórico: a assimetria das passivas com predicados psicológicos

Desde os trabalhos seminais de Ruwet (1972) e Belletti & Rizzi (1988), a natureza especial dos predicados psicológicos vem sendo investigada (p.ex. PESETSKY, 1995; BOUCHARD, 1995; ARAD, 1998; CANÇADO, 1995; BARBEDO, 1999; NAVES, 2005; LANDAU, 2010; PILASTRE, 2012; GEHRKE & MARCO, 2013; BARON, 2016). Para Landau (2010), por exemplo, argumentos Experienciadores não são apenas cognitivamente especiais; eles são, antes de tudo, linguisticamente especiais.

Nesse contexto, a construção passiva recebe notável atenção, principalmente na classe dos chamados predicados Experienciador Objeto (ExpObj). Como vimos brevemente no início deste Capítulo, os predicados psicológicos não exibem comportamento homogêneo em relação à construção passiva verbal e adjetival. Vejamos mais especificamente como esse problema se apresenta.

Primeiramente, quanto aos predicados psicológicos ExpSuj – cf. (12) –, o padrão de comportamento é regular: esses predicados aceitam a passiva verbal – cf. (13) – e rejeitam a passiva adjetival (resultativa ou estativa) – cf. (14).

(12) Sentenças ativas:

- a. O Pedro temeu o crocodilo.
- b. A moça desejou o colar.
- c. Pedro odiou o novo colega.

(13) Sentenças passivas verbais:

- a. O crocodilo foi temido pelo Pedro.
- b. O colar foi desejado pela moça.
- c. O novo colega foi odiado pelo Pedro.

(14) Sentenças passivas adjetivais (resultativa e estativa):

- a. *O crocodilo ficou temido com o Pedro.
- a'. *A onça está temida com o João.
- b. *O colar ficou desejado com a moça.
- b'. *O colar está desejado com a moça.
- c. *O crocodilo está temido com o Pedro.
- c'. *O novo colega está odiado com o Pedro.

A literatura afirma que, por se tratar de verbos transitivos canônicos, a gramaticalidade em passiva verbal é um corolário. Pelo fato de os predicados ExpSuj não apresentarem um problema teórico no que diz respeito às passivas, não serão objeto de análise em nossa tese, embora em pesquisas futuras nos interesse contrastar esse fato com a análise que ora desenvolvemos para os predicados ExpObj.

Quanto ao comportamento dos predicados psicológicos ExpObj – cf. (15) –, vemos que as subclasses divergem em termos de aceitação das passivas: verbos como ‘preocupar’ e ‘enojar’ rejeitam a passiva verbal, enquanto ‘acalmar’, ‘divertir’, ‘assustar’ e ‘atemorizar’ aceitam a passiva verbal – cf. (16); verbos como ‘acalmar’ e ‘divertir’ rejeitam a passiva adjetival resultativa e estativa, enquanto ‘preocupar’, ‘enojar’, ‘assustar’ e ‘atemorizar’ formam esses tipos de construção – cf. (17):

(15) Sentenças ativas:

- a. O Antônio preocupou a Regina./ A postura da Ana enojou Pedro.
- b. O João acalmou o Pedrinho./ A Ana divertiu o Marcelo.
- c. O Rafael assustou a Joana./ O professor atemorizou o estudante.

(16) Sentenças passivas verbais:

- a. *A Regina foi preocupada pelo Antônio./ *Pedro foi enojado pela postura da Ana.
- b. O Pedrinho foi acalmado pelo João./ O Marcelo foi divertido pela Ana.
- c. A Joana foi assustada pelo Rafael./ O estudante foi atemorizado pelo professor.

- (17) Sentenças passivas adjetivais (resultativa e estativa):
- a. A Regina ficou preocupada com o Antônio./ Pedro ficou enojado com a postura da Ana.
 - a'. A Regina está preocupada com o Antônio./ Pedro está enojado com a postura da Ana.
 - b. *O Pedrinho ficou acalmado com o João./ *O Marcelo ficou divertido com a Ana.¹⁵
 - b'. *O Pedrinho está acalmado com o João./ *O Marcelo está divertido com a Ana.
 - c. A Joana ficou assustada com o Rafael./ O estudante ficou atemorizado com o professor.
 - c'. A Joana está assustada com o Rafael./ O estudante está atemorizado com o professor.

Esse estado de coisas tem estimulado intenso debate na literatura linguística, como aponta Landau (2010). Esse autor discute a questão de haver ou não construção passiva na classe dos predicados ExpObj. Para ele, as propostas teóricas sobre a passiva com predicados ExpObj se dividem em dois campos. No primeiro, esses verbos não possuem argumento externo (são inacusativos) e não podem, portanto, formar passiva verbal. No segundo, predicados ExpObj são transitivos tradicionais e, por isso, formam passiva verbal. Segundo Landau (2010), parte desse desacordo é explicada pelo fato de haver, em muitas línguas, uma ambiguidade entre a passiva verbal e a passiva adjetival.¹⁶

Em nossa pesquisa, consideramos relevante o tipo de papel- Θ que ocorre no sintagma preposicionado que ocorre nas construções passivas verbais e adjetivais. No caso das passivas adjetivais, a seguinte oposição se impõe para a interpretação da construção:

- (18) a. O Marcelo ficou assustado com a Ana.
b. O Marcelo ficou assustado com a postura da Ana.

¹⁵ A título de introdução, observamos que construções com 'ficar' e 'estar', que ocorrem com a forma adjetival 'calmo', são gramaticais: 'O Pedrinho ficou/está calmo com o João'. Consideramos, no entanto, que essas construções são mais próximas de predicções nominais. A análise do par 'acalmado'/'calmo' é desenvolvida no Capítulo 4 desta tese.

¹⁶ As propostas sobre a construção passiva com predicados ExpObj são discutidas em nosso Capítulo 3.

Em (18a), a leitura é ambígua entre agentiva e causativa.¹⁷ Na primeira, a ‘Ana’ assustou o ‘Marcelo’ propositalmente (com uma máscara, escondida no escuro, etc.). Na segunda leitura, a simples presença da ‘Ana’ perto da porta pode ter causado o susto em ‘Marcelo’ (ela não o fez propositalmente). Já (18b) não é ambígua, pois não há traços de agentividade – há apenas a leitura causativa: o fato de a ‘Ana’ ter determinada postura assustou o Marcelo.

Esse fato levou os autores a considerarem que predicados ExpObj como ‘assustar’ são estativos inacusativos quando em leitura causativa e transitivos quando em interpretação agentiva (ARAD, 1998; LANDAU, 2010), diferentemente de predicados ExpObj como ‘preocupar’ que, não possuindo uma leitura agentiva, são classificados pela literatura como estativos inacusativos (BELLETTI; RIZZI, 1988; LANDAU, 2010).

O problema teórico que emerge dessas construções é, então, o seguinte: quais traços formais determinam o comportamento dos predicados ExpObj em construção passiva (verbal e adjetival)? Em outras palavras, quais traços são manipulados pela computação sintática quando um predicado psicológico ExpObj ocorre na construção passiva (verbal e adjetival). É preciso, então, percorrer um caminho que nos esclareça os seguintes pontos: o que é uma construção passiva?; qual é a distinção entre as construções passivas verbais e adjetivais?; por que a classe dos predicados psicológicos (em especial os ExpObj) é especial (semântica e gramaticalmente), nomeadamente em construção passiva?

Outro aspecto de fundamental importância em nosso trabalho é o fato de que o fenômeno analisado acima evidencia que há conhecimentos linguísticos que se desenvolvem independentemente de ensinamentos escolares formais. As gramáticas da língua portuguesa enunciam que as estruturas passivas ocorrem com verbos transitivos diretos. Porém, não tratam dos fenômenos relacionados à voz passiva (verbal e/ou adjetiva) com verbos psicológicos. Por que, então, o falante faz uso exclusivo de passivas adjetivas com certos verbos psicológicos e não com outros? Do mesmo modo, por que constrói exclusivamente passivas verbais com determinados verbos psicológicos e não com outros? E, por fim, por que o falante forma passivas verbais e passivas adjetivas com um terceiro grupo de verbos?

¹⁷ Um Agente atua *intencionalmente* para a mudança de estado mental do Experienciador.

A aquisição desse conhecimento não pode ser por processo mnemônico, pois memorizar cada estrutura e cada especificidade dos verbos psicológicos em estruturas passivas demandaria um grande esforço e um maior tempo para o processo de aquisição da língua. O mais notável é perceber – como dissemos – que o falante domina as construções passivas com verbos psicológicos (produzindo-as ou não) antes de iniciar os estudos escolares. E mesmo que as dominasse após os estudos formais, o ensino da língua não poderia explicar o conhecimento internalizado do falante, pois as nossas gramáticas não oferecem reflexões sobre o fenômeno aqui analisado.

Apresentado o nosso problema teórico, passamos à fundamentação teórica que guia a elaboração desta tese.

1.4. Fundamentação teórica

Este trabalho está inscrito no quadro teórico da Gramática Gerativa e seus desenvolvimentos recentes (Chomsky 1957, 1965, 1970, 1981, 1986, 1995, 2000, 2001, 2005, 2006), o qual postula que todos os seres humanos são dotados de uma faculdade da linguagem, a qual compreende um estado mental inicial (S_0), designado Gramática Universal – GU (do inglês, *Universal Grammar* – UG). Para Chomsky (1965), um dos principais argumentos para a existência de um órgão da linguagem é a diferença evidente entre a alta qualidade da produção linguística de uma criança em face das condições linguísticas não ideais a que é exposta ao longo da aquisição. Trata-se, portanto, de uma abordagem biolinguística da linguagem.

Um dos pressupostos centrais do gerativismo é ser a faculdade da linguagem responsável pelo processo de aquisição de uma língua particular (como o português), o qual é resultado da interação entre um estado inicial S_0 e os dados linguísticos advindos da experiência (*input*) (CHOMSKY, 1981, p. 7). A conclusão do processo de aquisição dá origem a uma gramática nuclear (do inglês, *core grammar*), que é estável. Chomsky (1995, p. 17) chama de língua-I essas várias fases da componente cognitiva da faculdade da linguagem de um indivíduo (incluindo o seu desenvolvimento linguístico e, nomeadamente, o estágio final). A língua-I permite a um indivíduo produzir e interpretar um número infinito de expressões.

Ao longo desta tese, dois momentos desse quadro teórico emergem, a saber: a Teoria de Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981) e o Programa Minimalista

(CHOMSKY, 1995). Algumas propostas discutidas neste trabalho estão situadas no âmbito da Teoria de Regência e Ligação, como a de Jaeggli (1986) para a passiva. Nossa análise, por sua vez, está situada no âmbito do Programa Minimalista, cujos pressupostos são apresentados nos parágrafos seguintes.¹⁸

Segundo Chomsky (2006, p. 125), a investigação dita minimalista tem como suporte a intuição de Galileu sobre a linguagem. Nesse sentido, pergunta-se não apenas quais são as propriedades da linguagem, mas *o porquê* de essas propriedades serem como são – e esse seria, para o autor, o “estilo galileano”: dedicação à busca do entendimento, não apenas do registro.

Para Kitahara (2006, p. 6), o Programa Minimalista é, antes de tudo, um *modus operandi*. Qualquer investigação que se diga minimalista busca determinar o quão ótimo (eficiente, econômico, não redundante etc.) é o funcionamento de determinado elemento do mundo natural – nesse caso, a linguagem. Esses procedimentos, denominados minimalistas, são extensivos às demais ciências, daí ser inadequado contrastar o Programa Minimalista com modelos gerativistas anteriores (como a Gramática Transformacional e a Teoria de Regência e Ligação), pois é possível investigar esses modelos teóricos anteriores sob moldes minimalistas (e dessa (re)investigação resultarem generalizações minimalistas).

A observação de Kitahara (2006) é relevante para destacar que noções originadas em períodos anteriores são reanalisadas sob um olhar minimalista. É o caso da hipótese de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1986), a qual ainda possui validade teórica no Programa Minimalista, embora formulada em termos de traços abstratos. A hipótese de Princípios e Parâmetros, como concebida na Teoria de Regência e Ligação, postula que o estágio cognitivo inicial (GU) é composto por um conjunto de princípios, os quais são universais. Ao lado dos princípios, há um conjunto de parâmetros, os quais são propriedades abertas a serem determinadas no processo de aquisição. No decorrer desse processo, valores são fixados – e as possibilidades paramétricas estabilizadas (os valores são binários).

É justamente a partir dos resultados das investigações subsidiadas pela hipótese de Princípios e Parâmetros que se demonstrou serem as línguas muito mais simples e econômicas em sua estrutura que a variedade de dados parecia demonstrar. Chomsky (1995, p. 171) sintetiza essa ideia da seguinte maneira: “as expressões linguísticas são a

¹⁸ Sempre que necessário, apontamos as distinções entre esses dois momentos teóricos.

realização ótima das condições de interface, em que ‘otimalidade’ é determinada por condições de economia da GU”.¹⁹ A definição completa do Programa Minimalista como proposto por Chomsky (1995, p. 1) é apresentada a seguir:²⁰

Este trabalho tem como motivação duas questões relacionadas: (1) que condições gerais esperamos que a faculdade da linguagem humana satisfaça? (2) até que ponto é que a faculdade da linguagem é determinada por estas condições, sem qualquer outra estrutura adicional para além delas? A primeira questão, por sua vez, tem dois aspectos: que condições são impostas sobre a faculdade da linguagem em virtude de (A) o seu lugar entre a série de sistemas cognitivos da mente/cérebro e (B) considerações gerais de naturalidade conceituais que tenham alguma plausibilidade independente, nomeadamente, simplicidade, economia, simetria, não redundância e outras do mesmo tipo?

A questão (B) não tem uma formulação precisa, mas não deixa de ter conteúdo; prestando atenção a estes assuntos, podemos obter guias para a investigação, como é normal em toda a pesquisa racional. Na medida em que se possa clarificar este tipo de considerações, e torná-las plausíveis, podemos perguntar se um sistema particular as satisfaz de uma forma ou de outra. A questão (A), pelo contrário, tem uma resposta exata, ainda que as nossas conjecturas possam alcançar apenas aspectos parciais dessa resposta, levando em linha de conta o nosso conhecimento atual sobre a linguagem e outros sistemas cognitivos que se relacionam com a linguagem.

Na medida em que a nossa resposta à pergunta (2) for positiva, a linguagem é algo como um “sistema perfeito”, satisfazendo condições externas tão bem quanto possível, numa das maneiras razoáveis. O Programa Minimalista para a teoria linguística pretende explorar estas possibilidades.

Em termos operacionais, o Programa Minimalista propõe que uma língua L consiste de um sistema computacional da linguagem humana (do inglês *Computational Human Language* – C_{HL}) e de um léxico.²² O sistema computacional interage com

¹⁹ No original: *The linguistic expressions are the optimal realizations of the interface conditions, where “optimality” is determined by the economy conditions of UG.* (CHOMSKY, 1995, p. 171)

²⁰ A tradução é de Raposo (1999, p. 39). No original:

This work is motivated by two related questions: (1) what are the general conditions that the human language faculty should be expected to satisfy? and (2) to what extent is the language faculty determined by these conditions, without special structure that lies beyond them? The first question in turn has two aspects: what conditions are imposed on the language faculty by virtue of (A) its place within the array of cognitive systems of the mind/brain, and (B) general considerations of conceptual naturalness that have some independent plausibility, namely, simplicity, economy, symmetry, nonredundancy, and the like?

Question (B) is not precise, but not without content; attention to these matters can provide guidelines here, as in rational inquiry generally. Insofar as such considerations can be clarified and rendered plausible, we can ask whether a particular system satisfies them in one or another form. Question (A), in contrast, has an exact answer, though only parts of it can be surmised in the light of current understanding about language and related cognitive systems.

To the extent that the answer to question (2) is positive, language is something like a “perfect system”, meeting external constraints as well as can be done, in one of the reasonable ways. The Minimalist Program for linguistic theory seeks to explore these possibilities. (CHOMSKY, 1995, p. 1)

²² Informamos que a “maquinaria” associada ao Programa Minimalista é apresentada à medida do desenvolvimento do trabalho. Para efeitos desta tese, apenas os mecanismos teóricos concernentes ao nosso objeto de análise são apresentados.

outros dois sistemas de interface, o conceitual-intencional e o articulatório-perceptual.²³ Com base nessa concepção, torna-se possível abandonar a ideia de haver princípios específicos para cada módulo da teoria – nos moldes como eram postulados no momento anterior da Teoria de Regência e Ligação –, em favor da hipótese de que o sistema computacional é restringido por condições de legibilidade nas interfaces fonológica (Forma Fonológica; do inglês, *Phonological Form* – PF) e semântica (Forma Lógica; do inglês, *Logical Form* – LF).²⁴

As operações computacionais realizadas pelo C_{HL} lidam com os itens do léxico (seus traços) em um processo denominado derivação. Os itens lexicais (que se encontram em uma numeração) são formados por um complexo de propriedades, chamadas traços.²⁵ Os traços são divididos em três tipos: fonológicos, semânticos e formais. Os primeiros são interpretados pela interface fonológica. Os segundos não são acessados diretamente pelo sistema computacional e têm relevância apenas para a interpretação (sendo acessados pelo sistema conceitual-intencional). O momento em que a derivação é dividida de modo a enviar a informação linguística para a interface fonológica e para a interface semântica é denominado *Spell-out*.

Os traços formais, a partir dos quais se constituem as expressões linguísticas, são propriedades abstratas relacionadas às representações sintáticas básicas. São esses traços manipulados pelas operações computacionais que constroem a derivação de uma expressão (ou seja, são lidos pelo C_{HL}). Os traços formais são subdivididos em traços interpretáveis (que geram representação para a forma lógica) e traços não interpretáveis

²³ Esse é o modo como Chomsky (1995) lida com a antiga questão da relação entre som e significado.

²⁴ Entre os princípios mais importantes no modelo da Teoria de Regência e Ligação, destacamos, por oportuno, os seguintes:

(i) Princípio de Projeção: As representações em cada nível sintático (estrutura-D, estrutura-S e LF) são projetadas do léxico, no sentido de que observam as propriedades de subcategorização dos itens lexicais.

No original: *Representations at each level (i.e., LF, and D- and S-structure) are projected from the lexicon, in that they observe the subcategorization properties of lexical itens.* (CHOMSKY, 1981, p. 29)

(ii) Critério- Θ : Cada argumento carrega um e somente um papel temático, e cada papel temático é atribuído a um e somente um argumento.

No original: *Θ -Criterion: each argument bears one and only one Θ -role, and each Θ -role is assigned to one and only one argument.* (CHOMSKY, 1981, p. 36)

(iii) Filtro de Caso: *NP [Um NP é agramatical] se NP possui conteúdo fonético e não possui Caso.

No original: **[Na], where a includes a phonetic matrix, if N has no Case.* (CHOMSKY, 1981, p. 49)

²⁵ Em Chomsky (1995), numeração diz respeito ao conjunto de itens lexicais que podem ser acessados pelo C_{HL}. A definição formal é a seguinte: *Vamos definir o conceito de numeração como um conjunto de pares (IL, i), em que IL é um item do léxico, e i é o seu índice, compreendido como o número de vezes que IL é selecionado. [...] Para que uma derivação seja considerada convergente, todos os índices da numeração devem ser reduzidos a zero.* (CHOMSKY, 1995, p. 314. Tradução de RAPOSO, 1999)

(que não recebem interpretação na interface semântica nem na interface fonológica). Um exemplo de traço não interpretável é o traço gramatical de Caso. Os traços não interpretáveis (do inglês, *uninterpretable features* – *uF*) não podem ser lidos pelas interfaces e devem ser eliminados na derivação. A eliminação desses traços ocorre via checagem de traços, em uma operação denominada *Agree* ‘Concordar’.²⁶

No C_{HL} , a operação *Merge* ‘Confluir’ é responsável por unir os elementos da numeração (composta por itens do léxico) em estruturas sintagmáticas. As relações relevantes estabelecidas por *Merge* são de dois tipos: temáticas (p.ex. atribuição de papel- Θ , predicação), denominada de *Merge* externo; e sintáticas (p.ex. checagem de Caso, concordância), denominadas *Merge* interno. Na primeira relação, o processo de *Merge* seleciona elementos da numeração. Para Chomsky (1995), as relações temáticas são consideradas por como prioritárias. A segunda relação – *Merge* interno – é desencadeada por um traço formal não interpretável, o qual é eliminado por meio do movimento (operação *Move* ‘Mover’) de um elemento α , a partir de um objeto sintático X já formado, para Y (também constituído como um objeto sintático), em uma configuração especificador-núcleo (do inglês, *specifier-head*). A operação *Move* está relacionada ao mecanismo *Attract* ‘Atrair’, que estabelece uma relação sonda-alvo (do inglês, *probe-goal*), em que um elemento cujos traços precisam ser valorados (sonda) busca um elemento (alvo) cujos traços possam valorar os da sonda. A valoração dos traços do alvo pela sonda ocorre como decorrência da operação *Move*. Para Chomsky (1995), as operações sintáticas estabelecidas via *Move* (*Merge* interno) são secundárias. Por exemplo, em estruturas inacusativas, é estabelecido que o argumento que possui papel- Θ recebido internamente, em uma relação prioritária, deve se mover para a posição de sujeito sintático para checar Caso nominativo (operação secundária).^{28 29}

²⁶ Nesta tese, optamos por utilizar os termos técnicos do modelo teórico que remetem às operações do sistema computacional em inglês.

²⁸ Na Teoria de Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981), fala-se de atribuição de Caso (do inglês, *Case assignment*). O mecanismo de atribuição de Caso ocorre em uma configuração de regência, a qual envolve irmandade (i.e., c-comando mútuo). Nessa configuração, verbos e preposições tipicamente atribuem Caso aos DPs dos quais são irmãos – e essa configuração é denominada núcleo-complemento (do inglês, *head-complement configuration*). Adicionalmente à configuração núcleo-complemento, a atribuição de Caso pode ocorrer sob uma configuração especificador-núcleo (*spec-head configuration*), como ocorre na atribuição de Caso nominativo.

As investigações realizadas no âmbito do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) identificaram sérios problemas relativos às distintas configurações em que ocorre a atribuição de Caso, como proposto pela Teoria de Regência e Ligação. Por essa razão, no Minimalismo, a denominação desse processo passa a ser checagem de Caso, o qual ocorre unicamente em configuração especificador-núcleo (*spec-head configuration*). Com isso, o local em que ocorre a checagem de Caso é sempre mais alto do que o local em que o DP é marcado tematicamente. Essa mudança de perspectiva é uma das que produz a economia descritiva que se deseja com a atualização do modelo teórico de análise.

Em nosso estudo, algumas propostas desenvolvidas no âmbito da Gramática Gerativa são fundamentais. Primeiramente, abordamos as hipóteses de mapeamento de argumentos em posições sintáticas: Hipótese de Alinhamento Universal (do inglês, *Universal Alignment Hypothesis* – UAH), de Perlmutter & Postal (1984), no âmbito da Gramática Relacional, e a Hipótese de Uniformidade de Atribuição de Papel- Θ (do inglês, *Uniformity of Theta Assignment Hypothesis* – UTAH), de Baker (1988). Tais hipóteses são formuladas com o objetivo de prever o modo como certas regularidades léxico-semânticas operam. Por exemplo, verbos ativos que selecionam argumentos Agente e Paciente mapeiam regularmente o Agente na posição de sujeito e o Paciente na posição de objeto. A UAH e a UTAH propõem, então, que a previsibilidade no mapeamento é válida também para outros itens lexicais. A formulação original de cada uma das hipóteses é dada a seguir:³⁰

(19) Hipótese de Alinhamento Universal (UAH): há princípios da Gramática Universal que predizem a relação inicial assumida por cada argumento em uma dada oração a partir do significado da oração.³¹

(PERLMUTTER; POSTAL, 1984, p. 97)

(20) Hipótese de Uniformidade de Atribuição de Papel- Θ (UTAH): relações temáticas idênticas entre itens são representadas por relações estruturais idênticas entre esses itens em nível de estrutura profunda.³²

(BAKER, 1988, p. 46)

As hipóteses de mapeamento são importantes na medida em que proveem explicações plausíveis para o rápido processo de aquisição de língua: quanto mais

²⁹ Nessa introdução, limitamos nossa exposição sobre o Programa Minimalista a Chomsky (1995). Em nossa proposta de análise (Capítulo 5), aproximamo-nos a um momento mais recente do Programa Minimalista (CHOMSKY, 2000, 2001, 2005, 2005), que apresenta reformulações especialmente quanto à operação Move e o mecanismo de eliminação de traços não-interpretáveis, sobre os quais não entramos em detalhe nesta Introdução.

³⁰ Pesetsky (1995) avalia que a UAH, proposta por Perlmutter & Postal (1984), é uma versão mais fraca em relação à UTAH, proposta por Baker (1988), visto que a UAH não requer mapeamento sintático idêntico, apenas requer um mapeamento previsível.

³¹ No original:

Universal Alignment Hypothesis (UAH): There exist principles of UG which predict the initial relation borne by each [argument] in a given clause from the meaning of the clause. (PERLMUTTER; POSTAL, 1984, p. 97)

³² No original:

Uniformity of Theta Assignment Hypothesis (UTAH): Identical thematic relationship between items are represented by identical structural relationship between those items at the level of D-Structure. (BAKER, 1988, p. 46)

regular e uniforme for a relação entre som, estrutura e significado, menos esforço terá a criança para adquirir a língua. O problema, no entanto, é que tais hipóteses não são capazes de explicar comportamentos variáveis em relação ao mapeamento dos argumentos, como é o caso dos predicados psicológicos. É preciso, então, apresentar uma proposta alternativa, em que se explique o processo de aquisição dos predicados psicológicos (e suas propriedades especiais de mapeamento).

Outra noção importante em nosso trabalho é apresentada pela Generalização de Burzio (1986):

- (21) Generalização de Burzio: todos e apenas os verbos que podem atribuir um papel- Θ ao sujeito podem atribuir Caso acusativo a um objeto.³³

(BURZIO, 1986, p. 178)

Essa generalização está diretamente relacionada aos verbos inacusativos e às construções passivas. No primeiro caso, os verbos inacusativos, que selecionam apenas um argumento interno, não são capazes de atribuir Caso acusativo, pois não atribuem papel- Θ a um argumento sujeito. O argumento interno deve, então, ser alçado à posição de argumento externo para receber Caso nominativo. Nas passivas, o argumento externo da ativa, não sendo expresso na posição de sujeito, não recebe papel- Θ , o que inviabiliza a atribuição de Caso acusativo (CHOMSKY, 1981; JAEGGLI, 1986). O argumento interno é, assim, alçado à posição de sujeito gramatical para receber Caso nominativo.

Dado que a Generalização de Burzio está situada no âmbito da teoria de Regência e Ligação, Legate (2014) propõe reformulá-la à luz do Programa Minimalista – o que é importante em nossa caracterização da passiva, visto que a autora integra o núcleo funcional Voice à generalização. A revisão proposta pela autora é a seguinte:

- (22) Generalização de Burzio (1986), reformulada por Legate (2014, p.91):

Todos e apenas os núcleos Voice que

a. podem atribuir um papel- Θ ao sujeito e

b. têm um sujeito concatenado em seu especificador

podem atribuir Caso a um objeto.³⁴

³³ No original: *Burzio's Generalization: All and only the verbs that can assign a Θ -role to the subject can assign accusative Case to an object.* (BURZIO, 1986, p. 178)

Para concluir essa fundamentação teórica inicial, apresentamos a Hipótese Lexicalista, formulada inicialmente em Chomsky (1970), cujo pressuposto é o de que itens de diferentes categorias compartilham a mesma estrutura argumental. Para nós, essa discussão é central, uma vez que a distinção entre passivas verbais e adjetivais (e suas formas participiais equivalentes) toca diretamente nessa questão, como veremos ao longo desta tese.

Chomsky (1970) aborda a intuição básica sobre a similitude entre verbos, nomes e adjetivos em relação aos tipos de argumentos que eles tomam e à maneira como esses argumentos são projetados na sintaxe. O autor formaliza essa intuição da seguinte forma (CHOMSKY, 1970, p. 190):³⁵

Vamos propor [...] que um grande número de itens aparece no léxico com traços seletivos fixos e traços de subcategorização rígidos, mas com uma escolha quanto aos traços associados às categorias lexicais substantivo, verbo e adjetivo.

Em desenvolvimento posterior da teoria, Chomsky (1981, p. 49) observa que os adjetivos, por exemplo, também são semelhantes a verbos e substantivos no que diz respeito aos tipos de estrutura argumental que selecionam. O autor argumenta que substantivos e adjetivos se distinguem de verbos quanto à forma, e as razões para essa distinção têm origem na Teoria de Caso. A ideia central, para Chomsky (1981), é que todo nome com uma matriz fonética deve ser marcado com Caso. Em (23), o autor ilustra a distinção entre substantivos e verbos. Nos exemplos em (23a) e (23b), os verbos *destroy* ‘destruir’ e *write* ‘escrever’ são capazes de atribuir Caso acusativo aos elementos nominais *the city* ‘a cidade’ e *the book* ‘o livro’, respectivamente. Nos exemplos em (23c) e (23d), os substantivos *destruction* ‘destruição’ e *writer* ‘escritor’ não são capazes de atribuir Caso acusativo, o que explica o fato de que os complementos nominais aparecem como *of-phrases* ‘sintagmas-de’, contexto em que *of* ‘de’ atribui o Caso requerido.

³⁴ No original: *Burzio's Generalization (revised): All and only the Voice heads that a. can assign a Θ -role to the subject and b. have a subject merged into their specifier can assign accusative case to an object.* (LEGATE, 2014, p. 91)

³⁵ No original: *Let us propose [...] that a great many items appear in the lexicon with fixed selectional and strict subcategorization features, but with a choice as to the features associated with the lexical categories noun, verb, adjective.* (CHOMSKY, 1970, p. 190)

- (23) a. destroy the city.
‘destruir a cidade.’
b. write the book.
‘escrever o livro.’
c. destruction of the city.
‘destruição da cidade.’
d. writer (author) of the book.
‘escritor (autor) do livro.’

(CHOMSKY, 1981, p. 49)

Desse modo, Chomsky (1981) considera que esse processo de inserção de *of* ‘de’ é um fenômeno superficial, sendo as restrições seletivas básicas de adjetivos e de verbos idênticas, na subjacência.

Como observado por Meltzer-Asscher (2011, p. 3), ao longo dos anos, no entanto, diversos linguistas expressaram desconforto em relação ao tratamento de adjetivos como uma categoria completamente paralela aos verbos. Dois motivos são evocados para justificar esse desconforto.

Primeiramente, não está claro qual é o conteúdo semântico dos papéis- Θ atribuídos por adjetivos (e se são os mesmos no domínio verbal). Em alguns casos, a relação semântica entre um adjetivo e seu argumento parece ser paralela à relação entre um verbo e seu argumento (esse é o caso do paralelo entre passivas adjetivais e passivas verbais, em que a intuição é a de que o sujeito de ambas as construções carrega o papel- Θ Tema). Em outros casos, no entanto, parece haver relações entre um adjetivo e seu argumento que são exclusivas da categoria dos adjetivos, não havendo relação análoga no domínio verbal. Alguns trabalhos sugeriram, então, que os papéis semânticos atribuídos por adjetivos são diferentes dos atribuídos por verbos.³⁶

O segundo motivo para não acreditar que adjetivos sejam semelhantes a verbos é que não fica claro se o modo de atribuição dos papéis- Θ por adjetivos é igual ao modo de atribuição dos papéis- Θ por verbos. O que contribui para essa incerteza é o fato de que adjetivos podem funcionar tanto como atributo (função atributiva) quanto como predicado (função predicativa). Adjetivos predicativos são encontrados em construções

³⁶ Meltzer-Asscher (2011) cita o trabalho de Pesetsky (1982), para quem sujeitos de adjetivos recebem o que ele chama de papel Atributivo, o qual é exclusivamente atribuído por adjetivos. Autores como Rothstein (1999), por exemplo, não se comprometem com a classificação dos papéis- Θ atribuídos por adjetivos. Rothstein (1999) os denomina de maneira genérica, como Arg1, Arg2 etc.

copulares, pequenas orações (do inglês, *small clauses*) e como complementos de predicados de alçamento. Adjetivos atributivos são modificadores de nomes. O uso atributivo de adjetivos aponta para um mecanismo de associação (entre o adjetivo e o nome que ele modifica) que não existe no domínio verbal. Meltzer-Asscher (2011, p. 5) cita, por exemplo, Higginbotham (1985), que propõe que a relação entre um adjetivo modificador e o nome que ele modifica é do tipo identificação- Θ (do inglês, *Θ -identification*), em que a posição aberta do adjetivo é identificada com a posição aberta do nome. Identificação- Θ é um modo de descarga temática diferente da marcação- Θ (do inglês, *Θ -marking*), esta última conhecida no domínio verbal. Se esse mecanismo está disponível, e é empregado no caso dos adjetivos atributivos, a questão que naturalmente surge é se, no uso predicativo, adjetivos associam-se com seus sujeitos de modo semelhante aos verbos, ou melhor, usando uma variante do mecanismo de modificação atributiva.

Baker (2003), por sua vez, apresenta uma hipótese que capitaliza a intuição apresentada nos parágrafos precedentes. Para o autor, adjetivos não selecionam um especificador (e, por consequência, não marcam tematicamente seus especificadores do mesmo modo que verbos). Essa hipótese está inserida em uma proposta mais ampla, a qual oferece uma categorização distintiva de verbos, nomes e adjetivos. De acordo com Baker (2003), adjetivos não possuem um especificador marcado tematicamente. Assim, enquanto verbos projetam especificadores, adjetivos não o fazem. Do mesmo modo, adjetivos não possuem índices referenciais, fato que os distingue dos nomes (apenas estes podem carregar índices referenciais).³⁷ A proposta de Baker (2003) é, portanto, oposta à visão comum de que adjetivos e verbos se comportam de modo semelhante em relação à projeção de seus argumentos.

1.5. Objetivos, hipótese e estrutura da tese

O objetivo central dessa tese é propor uma análise minimalista para a sintaxe das passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos Experienciador Objeto no

³⁷ Baker (2003, p.95-96) define índice referencial (do inglês, *referential index*) a partir de duas linhas, uma semântica e outra sintática. A semântica, baseada em Geach (1962 *apud* BAKER, 2003), afirma que apenas nomes possuem critério de identidade (do inglês, *criteria of identity*), i.e., podem servir como modelos de similitude. A sintática, baseada em Gupta (1980 *apud* BAKER, 2003), diz que X é um nome sse X é uma categoria lexical e X carrega um índice referencial.

português. Nosso propósito é identificar, nos predicados psicológicos ExpObj, os traços formais relevantes para a computação dessas construções.

Para atingir esse objetivo central, definimos os seguintes objetivos específicos:

- (i) identificar as propriedades centrais da passiva verbal e da passiva adjetival;
- (ii) identificar os traços relevantes dos predicados psicológicos ExpObj;
- (iii) identificar, a partir de uma análise composicional, o papel de cada um dos elementos que compõem a construção passiva com predicados psicológicos: papel- Θ do argumento externo da ativa; auxiliares ‘ser’, ‘estar’ e ‘ficar’; forma participial; *by-phrase*;
- (iv) caracterizar a derivação das construções passivas com predicados psicológicos no português (incluindo o contraste translinguístico).

A hipótese desta tese é a de que a raiz lexical de cada predicado ExpObj determina a possibilidade ou não de um verbo psicológico ocorrer em passiva. Para nós, os traços relevantes na computação da passiva verbal é [intencionalidade]. Propomos que a raiz de predicados ExpObj como ‘preocupar’ não carrega o traço [intencionalidade], razão pela qual só forma passivas adjetivais. Para predicados ExpObj como ‘acalmar’, o traço de [intencionalidade] está presente, de modo que a passiva verbal é que é licenciada. Já a classe de ‘assustar’ é subespecificada para o traço [intencionalidade], formando tanto passiva verbal quanto adjetival. Dessa forma, em nossa proposta, as propriedades da construção passiva verbal estão diretamente relacionadas à presença ou não do traço [intencionalidade]. Em outras palavras, as componentes da passiva verbal – o auxiliar ‘ser’, a forma participial e a presença de *by-phrase* – somente são compatíveis com predicados que selecionam o traço [intencionalidade]. As componentes da passiva adjetival – os auxiliares ‘ficar’ (resultativo) e ‘estar’ (estativo), a morfologia do particípio (ou do adjetivo, no caso de ‘acalmar’) e o sintagma preposicional – são compatíveis com predicados em que o traço de [intencionalidade] não está presente.

A tese está dividida em cinco capítulos, incluindo este Capítulo 1, introdutório. As propostas teóricas formais que discutem a construção passiva e os predicados psicológicos são apresentadas em detalhes nos Capítulos 2 e 3, respectivamente. Nesses capítulos, destacamos os principais dados, argumentos e evidências que cada proposta apresenta, procurando dar especial destaque às propriedades que interferem diretamente

para o comportamento dos predicados psicológicos em construção passiva. Por meio dos Capítulos 2 e 3, atingimos os objetivos específicos I, II e parte do IV.

O Capítulo 4 versa sobre os elementos que compõem a construção passiva com predicados psicológicos. Iniciamos o Capítulo examinando a relação entre auxiliaridade e aspecto e seguimos com a caracterização da raiz e da forma participial dos predicados psicológicos ExpObj.³⁹ Concluímos o Capítulo 4 com a discussão sobre a *by-phrase*. Por meio desse Capítulo alcançamos o objetivo III e completamos a discussão sobre o objetivo IV.

O Capítulo 5 é dedicado à nossa proposta de análise para a construção passiva verbal e adjetival com predicados psicológicos ExpObj.

1.6. Síntese do Capítulo 1

Neste Capítulo, apresentamos o nosso objeto de estudo, a construção passiva verbal e adjetival com predicados psicológicos ExpObj. Caracterizamos a passiva como uma construção em que há uma mudança de mapeamento dos argumentos. O argumento interno da ativa é realizado como sujeito sintático da passiva e o argumento externo da ativa é realizado como um sintagma preposicionado.

Os predicados psicológicos são descritos como possuidores da propriedade semântica de denotar algum tipo de percepção ou atividade mental. Esses predicados são conhecidos por não possuírem um mapeamento homogêneo do argumento Experienciador, o qual pode figurar na posição de sujeito (ExpSuj) ou de objeto (ExpObj). Mostramos que os predicados ‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘assustar’ são assimétricos em construção passiva. Verbos como ‘preocupar’ não permitem a passiva verbal e permitem a passiva adjetival; verbos como ‘acalmar’ aceitam a passiva verbal e rejeitam a passiva adjetival; verbos como ‘assustar’ permitem tanto a passiva adjetival quanto a passiva verbal.

Como fundamentação teórica da proposta desta tese, assumimos que operações computacionais realizadas pela CHL lidam com os itens do léxico (seus traços) em um processo denominado derivação. No caso da assimetria presente nos predicados ExpObj

³⁹ Em nossa tese, adotamos a noção de raiz como proposta pelos trabalhos estruturalistas. Assim, raiz é definida como o semantema, parte básica da estrutura das palavras a que se chega pela análise mórfica sincrônica. O que individualiza a raiz é um significado permanente. (CAMARA, 2007, p. 255).

em construção passiva, o traço relevante é [intencionalidade]. Como hipótese, temos que a raiz lexical de cada predicado ExpObj determina a possibilidade ou não de um verbo psicológico ocorrer em passiva. No caso de predicados como ‘preocupar’, o traço [intencionalidade] não está presente; no caso de predicados como ‘acalmar’, esse traço está presente; predicados como ‘assustar’ são subespecificados para esse traço.

Para construir a nossa proposta de análise (apresentada no Capítulo 5), temos por objetivo identificar as propriedades da passiva verbal e adjetival (bem como o papel de cada componente – auxiliar, particípio e *by-phrase* –, além das respectivas derivações) e os traços relevantes dos predicados psicológicos ExpObj. Procuramos atingir esses objetivos nos Capítulos 2, 3 e 4.

CAPÍTULO 2

PROPOSTAS TEÓRICAS PARA A CONSTRUÇÃO PASSIVA VERBAL E ADJETIVAL

Este Capítulo versa sobre a construção passiva verbal e adjetival, tendo como objetivo construir o estado da arte sobre o tema. Na primeira seção, apresentamos as propostas teóricas para a passiva verbal. Começamos pelo tratamento das passivas realizado por Chomsky (1957, 1965 e 1981) (seção 2.1.1.), dado que toda a literatura teórica sobre a construção passiva verbal faz, em maior ou menor medida, referência a essa reflexão. Ainda na primeira seção, contemplamos as propostas construção passiva no âmbito da Teoria de Regência e Ligação (JAEGGLI, 1986; BAKER, JOHNSON; ROBERTS, 1989) e, em seguida, as propostas sobre a passiva verbal inseridas no Programa Minimalista (BOECKX, 1998; COLLINS, 2005; GEHRKE; GRILLO, 2009 e LEGATE, 2014). Na segunda seção, exploramos as propostas para a passiva adjetival no âmbito da Teoria de Regência e Ligação (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1986 e TORRES MORAIS, 1988) e no âmbito do Programa Minimalista (ALEXIADOU, 2005 e MELTZER-ASSCHER, 2011). Na terceira e última seção, discutimos o tratamento do argumento externo implícito e do estatuto sintático da *by-phrase* dado pela literatura teórica sobre as passivas verbais e adjetivais.

2.1. Propostas teóricas para a passiva verbal

Antes de passarmos às propostas específicas para a passiva verbal, achamos oportuno elaborar um panorama teórico sobre como Chomsky (1957, 1965 e 1981) trata a construção passiva.

2.1.1. A construção passiva em Chomsky (1957, 1965 e 1981)

Em Chomsky (1957), a passiva é discutida em uma perspectiva transformacional, a partir da caracterização geral dos auxiliares. Para o autor, a regra que envolve a formação de passivas é dada pela seleção da sequência *be + -en* ('ser' + '-do'). No entanto, como Chomsky (1957, p. 42) informa, existem fortes restrições sobre essa sequência, as quais fazem dela um caso único entre os elementos do sintagma auxiliar. Em primeiro lugar, a sequência *be + -en* pode ser selecionada apenas se o V(erbo) seguinte for transitivo (p.ex., *was + eaten* 'foi + comido' é permitido; *was + occurred* 'foi + ocorrido', não).

Outra restrição importante diz respeito à seleção dos argumentos do V(erbo), nomeadamente para permitir sentenças como *John admires sincerity* 'O João admira a sinceridade.' e *Sincerity frightens John* 'A sinceridade assusta o João.' e, ao mesmo tempo, excluir as sentenças inversas correspondentes, como *Sincerity admires John* 'A sinceridade admira o João.' ou *John frightens sincerity* 'O João assusta a sinceridade'. Essas restrições, contudo, falham quando se escolhe a sequência *be + -en* como parte do verbo auxiliar. Chomsky (1957, p. 43) segue a argumentação dizendo que, quando se tenta incluir passivas diretamente nas regras sintagmáticas, é necessário reformular todas essas restrições na ordem oposta para o caso em que a sequência *be + -en* é escolhida como parte do sintagma auxiliar (i.e., não se pode formular 'João é admirado pela sinceridade.' ou 'A sinceridade é assustada pelo João'). Essa duplicação, para o autor nada elegante, bem como as restrições especiais envolvendo a sequência *be + -en*, podem ser evitadas apenas caso se excluam as passivas da gramática de estruturas sintagmáticas. Isso é realizado pela seguinte regra:

(1) Se S(sentença)1 é uma sentença gramatical da forma

SN1 – Aux – V SN2

então a sequência correspondente da forma

SN2 – Aux – *be + -en* – V – *by + SN*

Também é uma sentença gramatical.

(CHOMSKY, 1957, p. 43)⁴⁰

⁴⁰ No original:

If S1 is a grammatical sentence of the form

NP1 – Aux – V – NP2

Para Chomsky (1957), essa regra gera uma considerável simplificação da gramática. A regra em (1) exige referência à estrutura de constituintes da sequência a que se aplica, e efetua, nesta sequência, uma inversão que é estruturalmente determinada.

Em Chomsky (1965), a passiva é analisada a partir de sua relação com o adverbial de modo, o qual desempenha um papel na subcategorização estrita dos verbos.⁴¹ A partir de Lee (1960 *apud* CHOMSKY, 1965, p. 191), Chomsky (1965) observa que verbos mediais (*resemble* ‘parecer-se’, *have* ‘ter’, *marry* ‘casar-se’, *fit* ‘servir’, *cost* ‘custar’, *weigh* ‘pesar’ etc.) não admitem livremente adverbiais de modo – e esses verbos correspondem exatamente àqueles que, sendo seguidos por um SN, não sofrem a transformação passiva (**John is resembled by Bill* ‘João é parecido por Bill’). Assim, só é possível apassivar verbos que admitem livremente adverbiais de modo. A regra proposta por Chomsky (1965, p. 192) é a seguinte:⁴²

(2) Modo → by $\bar{\wedge}$ passiva

(3) SN – Aux – V – ... – SN – ... – by $\bar{\wedge}$ passiva

(CHOMSKY, 1965, p. 192)

Para Chomsky (1965), (3) prediz que o verbo só passa pela transformação passiva se estiver especificado positivamente no léxico para o traço de subcategorização estrita (–SN Modo), formulada em (2), caso em que admite também livremente adverbiais de modo.

Chomsky (1981, p. 7) descarta, como pressuposto da Teoria de Regência e Ligação, regras específicas para construções específicas. A passiva é tratada a partir de então, sob duas perspectivas. Primeiramente, o autor assevera que a construção passiva não é uma classe natural (entre línguas ou mesmo internamente a uma língua). Como argumento, Chomsky (1981, p. 120) mostra que, em certas línguas, como o árabe

then the corresponding string of the form

NP2 – Aux + be + en – V – by + NP1

is also a grammatical sentence. (CHOMSKY, 1957, p. 42)

⁴¹ Chomsky (1965, p. 188) propõe que certos adverbiais estão mais intimamente relacionados ao verbo (i.e., o subcategorizam). A frase *He decided on the boat* ‘Ele decidiu sobre o barco.’, ambígua (ele escolheu o barco; ele tomou a decisão a bordo do barco), ilustra essa distinção quando oposta a *He decided on the boat on the train*. Nessa sentença, a expressão *on the boat* é muito mais próxima ao verbo, subcategorizando-o.

⁴² A tradução é de Raposo (1975).

clássico, por exemplo, a passiva é formada a partir de regras de atribuição de Caso e de morfologia (ambas distintas do inglês e de línguas românicas). Em outras línguas, como o navajo, o modo de se evitar focalizar o sujeito lógico (que, para o autor, é um dos objetivos centrais da construção passiva) respeita uma hierarquia de nomes baseada em traços como [humano] e [animado].

Dadas essas propriedades do árabe clássico e do navajo, dentre outras línguas analisadas, Chomsky (1981) desenvolve uma análise que prediz que a estrutura passiva em (4) apresenta duas propriedades, explicitadas em (5), as quais constituem distintos mecanismos formais da GU para suprimir o sujeito lógico, resultando no sentido passivo da sentença:

(4) The rat was killed by the cat.
'O rato foi morto pelo gato.'

- (5) a. [NP, S] não recebe um papel- Θ .⁴³
b. [NP, VP] não recebe Caso dentro de VP.⁴⁴

(CHOMSKY 1981, p. 124)

Dado (5), Chomsky (1981) postula, como princípio teórico vinculado ao Critério- Θ , a Condição de Visibilidade (do inglês, *Visibility Condition*), que exige que os argumentos marcados tematicamente sejam visíveis para atribuição de papel- Θ em LF, significando que precisam receber Caso abstrato na estrutura superficial.⁴⁵

O segundo aspecto analisado por Chomsky (1981, p. 54) para a passiva diz respeito à questão da categoria. Para o autor, os participios passivos podem ser gerados no léxico (e são chamados de *unpassives*, uma vez que aceitam a prefixação de *un-* 'im-/in-') ou na sintaxe (sendo chamados de participios passivos sintáticos). A distinção entre as duas formas participiais é justificada pelos contextos em que uma ou outra forma é excluída. Em (6), as construções permitem sintagmas adjetivais, mas excluem

⁴³ [NP, S] refere-se à posição sintática em que o argumento externo do verbo *kill* é alçado (especificador de S). Nessa representação, S representa o nó funcional S(entence), que em modelos mais recentes é denominado I(nflection). [NP, VP] é a posição sintática em que o argumento 'o rato' recebe papel- Θ do verbo (i.e., especificador do verbo).

⁴⁴ No original:

a. [NP, S] does not receive a Θ -role.

b. [NP, VP] does not receive Case within VP. (CHOMSKY, 1981, p. 124)

⁴⁵ Sobre o Critério- Θ (Chomsky, 1981, p. 36), V. nota 23 do Capítulo 1 desta tese.

passivas sintáticas; em (7), temos um contexto em que passivas sintáticas ocorrem e que excluem sintagmas adjetivais:

(6) John seems old (sad, tired, troubled, untaught, *taught by Bill, *believed to be a fool, *killed).

‘João parece velho (triste, cansado, perturbado, iletrado, *ensinado por Pedro, *acreditado ser um tolo, *matado)’.

(7) John had Bill leave (killed, taught French, *sad, *troubled, *untaught).

‘João tinha deixado Pedro (morto, ensinado francês, *triste, *perturbado, *iletrado)’.

O contraste em (6) e (7), e fatos similares explicitados pelo autor, indicam que os participios passivos sintáticos diferem em alguma medida de suas contrapartes lexicais. Alguns desses pares (particípio sintático – particípio lexical) são muitas vezes homófonos (*tired* ‘cansado’, *closed* ‘fechado’, *frightened* ‘assustado’). Para explicar essa distinção, Chomsky (1981) propõe que os participios passivos são formas verbais-adjetivais neutralizadas com o traço categorial [+V]. Assim, a restrição envolvendo (6) e (7) é a seguinte: o verbo *seems* em (6) seleciona um complemento com o traço [+V]; o verbo *have*, em (7), rejeita complementos com o traço [+N], permitindo complementos com o traço [+V] (mas não [+N, +V], como é o caso dos adjetivos). Desse modo, participios passivos são algumas vezes tratados como adjetivais e algumas vezes como verbais.

Em formas como *frightened* ‘assustado’, as quais podem aparecer em (6) e (7), espera-se uma ambiguidade, a depender se o particípio passivo é gerado lexicalmente ou sintaticamente. Chomsky (1981) sintetiza a questão da seguinte maneira: participios passivos lexicais possuem um complexo de propriedades que são manifestadas por sua morfologia (p.ex., permitem prefixação de *un-*, *pseudo-*, *semi-* etc.) e por sua sintaxe (podem ocorrer como complemento de *seem* ‘parecer’); participios passivos sintáticos também possuem um complexo de propriedades morfológicas (p.ex., não permitem prefixação de *un-*, *pseudo-*, *semi-* etc.) e sintáticas. Um terceiro grupo de participios passivos são ambíguos, possuindo ambas as propriedades (sintática e lexical), a depender do contexto. Chomsky (1981), no entanto, opta por não detalhar a questão, deixando em aberto, por exemplo, quais propriedades são responsáveis pelo

comportamento dos participios passivos ambíguos (que, como vemos, são semelhantes à forma que estamos analisando no caso de verbos como ‘assustar’).

Percebemos, por meio desse panorama, que Chomsky (1957, 1965, 1981) considera a passiva um objeto de estudo complexo, havendo uma série de questões que exigem reflexão detalhada. O trabalho seminal de Chomsky (1981) permite que autores como Jaeggli (1986) e Baker, Johnson & Roberts (1989) analisem a passiva a partir de uma nova perspectiva, a que envolve os pressupostos da Teoria de Regência e Ligação. Muitas noções adotadas por esses autores encontram origem em Chomsky (1981), como a proposta de que a morfologia passiva envolve a absorção de Caso acusativo, razão pela qual o argumento interno se move para a posição de sujeito (CHOMSKY, 1981, p. 124). Como observação final, notamos que Chomsky (1981, p. 103) também propõe que o papel- Θ da *by-phrase* em passivas é semelhante ao papel- Θ atribuído pelo VP da ativa. No entanto, o autor formula que esse papel- Θ é atribuído pela preposição *by*, o que torna a sua proposta distinta das de Jaeggli (1986), por exemplo. Essa proposta de Chomsky (1981) viola diretamente a U(T)AH, uma vez que o mesmo papel- Θ é atribuído a duas posições distintas (spec,VP e complemento de *by*).

A partir dessa retrospectiva, podemos passar às propostas específicas para a passiva verbal no âmbito da Teoria de Regência e Ligação. Notamos que as propostas de Jaeggli (1986) e Baker, Johnson & Roberts (1989) são, antes de tudo, referência para o estudo da passiva verbal. Elas representam, em nossa exposição, parte do estado inicial da arte sobre a construção passiva na teoria gramatical.

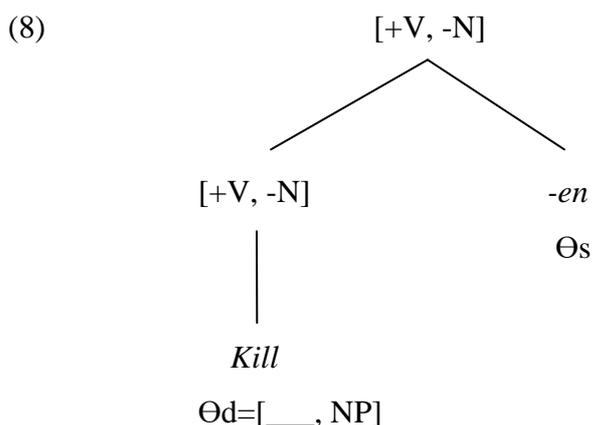
2.1.2. A passiva verbal na Teoria de Regência e Ligação

Para Jaeggli (1986, p. 587), as construções passivas são simplesmente o resultado da interação entre certas operações morfológicas e sintáticas que são, para o autor, as únicas a possuírem validade teórica. O autor parte da análise de Chomsky (1981), explicitada na seção precedente, e, assumindo a proposição em (5a) acima como correta, levanta a seguinte questão: qual mecanismo prevê a atribuição do papel- Θ externo do verbo para a posição [NP, S] em uma oração passiva? Para o linguista, a

resposta a essa pergunta envolve o papel desempenhado pelo sufixo passivo *-en*, o qual funciona como um recipiente do papel- Θ externo do predicado.⁴⁶

Jaeggli (1986) propõe que o papel- Θ externo do verbo é absorvido pela morfologia passiva. O verbo, desse modo, não pode atribuir Caso acusativo ao seu complemento, fato que resulta no movimento do argumento interno para a posição de sujeito gramatical, em que esse sintagma recebe Caso nominativo. Essa formalização está diretamente associada à Generalização de Burzio, como vimos no Capítulo 1.

No modelo teórico em que se circunscreve a proposta, a atribuição do papel- Θ externo ao sufixo passivo *-en* só pode ocorrer em contexto de regência. Jaeggli (1986) propõe, então, que o sufixo passivo deve ser regido pelo verbo, em uma relação de c-comando.⁴⁷ Destarte, o sufixo *-en* é capaz de absorver o papel- Θ do verbo porque é regido pelo verbo, como em (8):⁴⁸



(JAEGLI, 1986, p. 592)

Jaeggli (1986) afirma que essa estipulação é empiricamente motivada pelo fato de a morfologia passiva aparecer apenas com verbos que atribuem papel- Θ externo (não é possível, desse modo, apassivar verbos inacusativos).⁴⁹

⁴⁶ Em português, o sufixo passivo corresponde à forma ‘-do’ e seus alomorfes.

⁴⁷ Segundo Jaeggli (1986, p. 592), se um elemento X deve absorver um traço de um elemento Y, X tem de estar dentro do domínio de atribuição do traço de Y.

⁴⁸ Jaeggli (1986, nota 2, p. 588) informa que Θ_s refere-se ao papel- Θ atribuído ao sujeito do predicado e Θ_d ao papel- Θ atribuído ao objeto direto do predicado.

⁴⁹ Nesse ponto, o autor faz remissão aos trabalhos de Perlmutter (1978 *apud* JAEGLI, 1986) e de Perlmutter & Postal (1984 *apud* JAEGLI, 1986), ambos situados no quadro teórico da Gramática Relacional. Para Perlmutter & Postal (1984), a passiva equivale a uma regra de alçamento de um sintagma nominal, o qual está em uma posição mais baixa, para a posição 1 da hierarquia relacional, a mais alta na estrutura. Os autores propõem uma regra que restringe esse alçamento, a 1-AEX (do inglês, *Advanced Exclusiveness Law*), segundo a qual só pode ocorrer um alçamento para a posição 1 em cada oração simples.

O problema, no entanto, emerge da constatação inversa: Jaeggli (1986) não explica por que certos verbos que atribuem papel- Θ externo, como ‘possuir’ e ‘receber’, por exemplo, não formam passiva verbal. Para nós, essa restrição está relacionada à natureza do papel- Θ do argumento externo, o qual, como defendemos, deve possuir o traço [intencionalidade] para formar passiva verbal.

Em síntese, a proposta de Jaeggli (1986) postula que a atribuição de papel- Θ na passiva envolve os seguintes fenômenos: (i) o morfema passivo *-en* absorve o papel- Θ externo do verbo; (ii) o sufixo passivo atribui ao PP encabeçado pela preposição *by* o papel- Θ externo (transmissão de papel- Θ); (iii) o papel- Θ é atribuído à preposição *by* por percolação, e *by* atribui papel- Θ ao seu DP complemento. Segundo o autor, as construções passivas são resultados da absorção do papel temático externo do verbo pelo sufixo passivo. Uma vez que isso ocorre, o verbo fica impedido de atribuir Caso acusativo ao argumento interno, que se move para a posição de sujeito gramatical para receber Caso nominativo.

Partindo dessa proposta, Baker, Johnson & Roberts (1989) desenvolvem uma explicação sobre a construção passiva, buscando esclarecer o que está em jogo nas intuições de Jaeggli (1986) – nomeadamente em que consiste a absorção de Caso pelo morfema passivo. A proposta central é formulada da seguinte maneira:

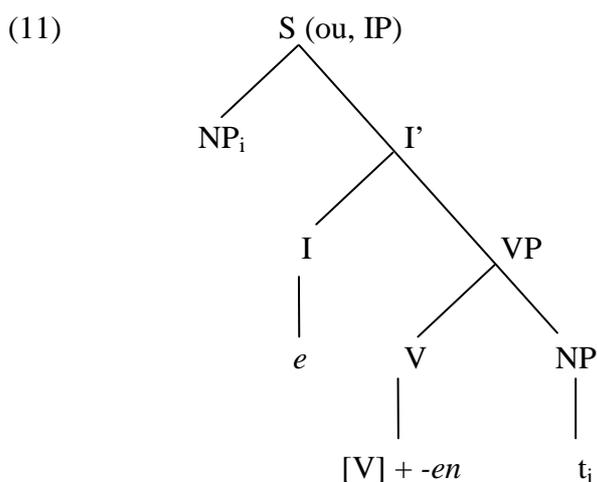
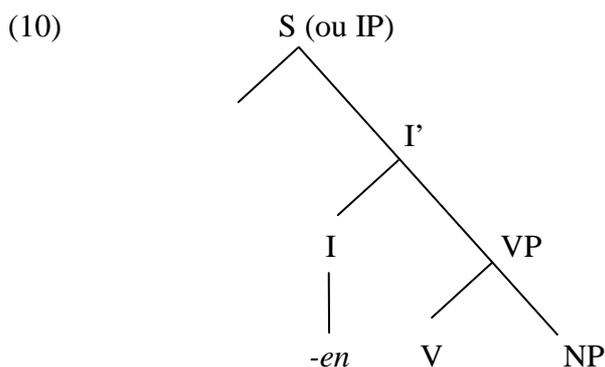
(9) O morfema passivo (*-en*) é um argumento.⁵⁰

(BAKER, JOHNSON; ROBERTS, 1989, p. 219)

Para Baker, Johnson & Roberts (1989), o morfema *-en* é sintaticamente um clítico, mas fonologicamente um afixo. Esse morfema, segundo os autores, é gerado em Infl e posteriormente afixado ao verbo, de maneira que a estrutura profunda e a estrutura superficial de uma construção passiva são representadas, respectivamente, como em (10) e (11):⁵¹

⁵⁰ No original: *The passive morpheme (-en) is an argument.* (BAKER, JOHNSON; ROBERTS, 1989, p. 219)

⁵¹ As noções de estrutura superficial e estrutura profunda remontam a Chomsky (1970). Entretanto, a arquitetura da gramática proposta pelo Programa Minimalista elimina a ideia de que haja dois níveis distintos de representação gramatical em favor da hipótese de que há um único sistema computacional responsável pela boa formação das sentenças, como já mencionamos no Capítulo 1.



(BAKER, JOHNSON; ROBERTS, 1989, p. 222)

Pelo fato de *-en* ser um argumento, ele deve ser marcado tematicamente na estrutura profunda. Essa imposição acarreta afirmar que Infl é uma posição marcada tematicamente. De acordo com Baker, Johnson & Roberts (1989), o verbo atribui a esse argumento o papel- Θ externo, disponível em sua grade temática – o papel do sujeito lógico do verbo. Desse modo, atende-se à exigência formulada em termos do Critério- Θ , resolvendo-se o problema (encontrado em Chomsky (1981)) de que um mesmo papel- Θ seja atribuído a duas posições distintas.

Para os autores, (10) e (11) são distintos em dois pontos principais: (i) a aplicação de movimento de NP, o qual coloca o objeto da estrutura profunda na posição de sujeito sintático; e (ii) rebaixamento de *-en* de I para V.⁵² O princípio por trás de (i) é a Condição de Visibilidade, proposta por Chomsky (1981), o qual é aplicado aos dois

⁵² Em (ii), o termo adotado por Baker, Johnson & Roberts (1989, p. 222) para denominar o rebaixamento de *-en* de I para V é *downgrading*. No Cambridge Dictionary, *downgrading* significa “reduzir alguém ou algo a uma posição ou ranking mais baixo” (Cambridge University Press, 2017). Optamos por não utilizar o termo ‘redução’, o qual poderia adquirir outros significados. A exata natureza desse processo é pouco discutida por Baker, Johnson & Roberts (1989), os quais simplesmente assumem que o rebaixamento de *-en* ocorre por razões independentes.

argumentos do verbo apassivado, *-en* e o NP objeto. Partindo do pressuposto de que *-en* sofre *downgrading*, os autores assumem que apenas o verbo pode atribuir Caso a *-en* em (11), uma vez que é o único atribuidor de Caso que rege *-en*. Tendo o verbo que atribuir Caso a *-en*, ele não é mais capaz de marcar com Caso o NP objeto. Como resultado, o NP objeto precisa subir à posição de sujeito para ser marcado com Caso por IP. É assim, então, que Baker, Johnson & Roberts (1989) explicam o que está em jogo na intuição de Jaeggli (1986) sobre a absorção de Caso pelo morfema *-en*.

Com essa proposta, os autores acreditam ser capazes de explicar quatro propriedades das passivas:

- (i) o fato de o sujeito lógico não ser realizado como um NP em passivas (porque teria de receber Caso, deixando o objeto lógico desprovido de Caso) e ocorrer de forma marcada (por meio de *by-phrase*);
- (ii) a existência de um argumento implícito em passivas verbais;
- (iii) o fato de o sujeito ser uma posição não temática (Spec,IP), permitindo movimento de NPs para essa posição, uma vez que o VP só pode atribuir um papel- Θ externo (o qual é atribuído a *-en*);
- (iv) o fato de apenas um argumento poder adquirir estatuto de sujeito na derivação de uma dada oração (1-AEX).⁵³

Em síntese, Baker, Johnson & Roberts (1989) propõem que o morfema passivo *-en* é um argumento, o qual recebe o papel- Θ externo previsto na grade temática do verbo.

As propostas no âmbito da Teoria de Regência e Ligação são importantes pelo avanço em relação às propostas anteriores de Chomsky. Jaeggli (1986) analisa a passiva sem o recurso das regras de transformação e desenvolve uma reflexão sobre as *by-phrases* e os papéis temáticos que podem ocorrer como complemento da preposição *by* – tópico a ser discutido no Capítulo 4 desta tese. Baker, Johnson & Roberts (1989) também representam um avanço no tratamento da passiva, nomeadamente pela postulação do sufixo passivo como argumento e pela caracterização do argumento implícito da passiva (cuja discussão encontra-se também no Capítulo 4).

⁵³ Os autores propõem reformular o princípio 1-AEX (PERLMUTTER; POSTAL, 1984) em termos do Critério- Θ . Tratando *-en* como um argumento, que recebe o papel- Θ externo, esse papel não pode mais ser atribuído a um outro argumento que venha a ocupar a posição de sujeito na passiva.

Consideramos, no entanto, que essas propostas são estipulativas, no sentido de que não explicitam precisamente por que o morfema *-en* é um argumento, além do que persiste o problema de o argumento externo ser gerado em uma posição diferente na ativa (em spec,IP) e na passiva (complemento da preposição *by*), o que viola as hipóteses de mapeamento (como a U(T)AH), o que, por sua vez, está diretamente relacionado ao processo de aquisição de língua. Rubin (2004), por exemplo, atesta experimentalmente que crianças portadoras de Síndrome de Down analisam inicialmente a passiva como ativa, interpretando o primeiro DP/NP da passiva como Agente/Causador. Dessa maneira, levando em conta a hipótese de haver uma GU cujas propriedades direcionam, por assim dizer, o processo de aquisição, parece-nos mais adequado explicar a construção passiva por meio de uma proposta em que ativa e passiva possuam estrutura inicial semelhante (como em Boeckx (1998), que apresentamos a seguir).

Também consideramos que uma proposta para a construção passiva alicerçada em pressupostos minimalistas seja mais adequada, porque, como informamos anteriormente, o modelo teórico sofreu reformulações importantes, o que demanda, por consequência, reformulação semelhante na caracterização da construção passiva.

2.1.3. A passiva verbal no Minimalismo

Passamos, agora, às propostas inseridas no âmbito do Programa Minimalista, começando pelo trabalho de Boeckx (1998), cujo objetivo central é analisar os traços distintivos da passiva verbal, propostos no âmbito da Teoria de Regência e Ligação, quais sejam: anteposição do NP argumento interno (o objeto lógico apresenta-se na posição de sujeito superficial); posposição do NP argumento externo (o que era sujeito na ativa apresenta-se como complemento da *by-phrase* na passiva); e alteração da morfologia verbal.

De início, Boeckx (1998) descarta o movimento do NP argumento interno e a presença da *by-phrase* para abrigar o argumento externo como fenômenos centrais da passiva, sob os argumentos de que a posição de sujeito superficial pode ser ocupada por um expletivo, não havendo movimento do NP argumento interno, como em (12), no alemão, e de que não há obrigatoriedade da *by-phrase*, como em (13), no inglês:

(12) Es wurde von uns getanzt.
'It was by us danced.'

(13) He was killed.

(BOECKX, 1998, p. 188)

Para Boeckx (1998), a alteração da morfologia verbal é o único traço que caracteriza minimamente a estrutura passiva – traço esse que faz parte do inventário morfológico das línguas. Boeckx (1988) postula que esse traço, por ser rico, permite que o sujeito lógico permaneça não manifesto. O autor compara a possibilidade de supressão do sujeito lógico da passiva ao fenômeno do sujeito nulo (*pro-drop*), que ocorre quando os traços- ϕ de T são fortes, visíveis, como no caso das sentenças (14) e (15) a seguir, em que se observa a ocorrência de uma categoria pronominal vazia *pro* na posição de sujeito, cuja identificação é estritamente local: *pro* ocupa a posição de especificador de T, que tem traços fortes associados à riqueza morfológica dos verbos no italiano e no espanhol, respectivamente.⁵⁴

(14) Parlo italiano.
'falo italiano.'

(15) Hablamos castellano.
'falamos castelhano.'

(BOECKX, 1998, p. 198)

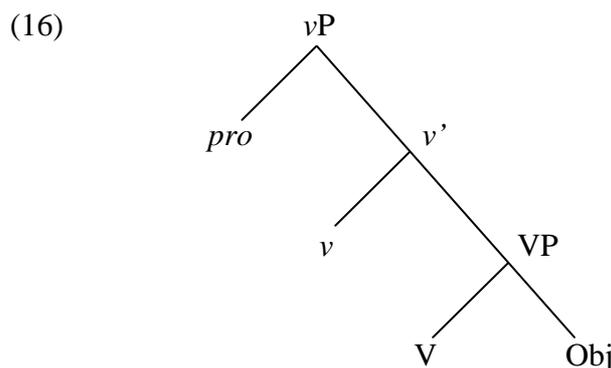
Por analogia, Boeckx (1998) afirma que o argumento implícito da passiva (o qual permite interpretar um sujeito lógico implícito) é o pronominal *pro* – e o traço que o licencia é o morfema de particípio passado *-en* (o qual é rico, visível, forte).

O autor considera que, morfossemanticamente, o morfema particípio passado *-en* pode ser caracterizado como portador de um traço aspectual. Seguindo essa tese de que há uma simetria entre a passiva e o fenômeno *pro-drop*, Boeckx (1998) indica que a

⁵⁴ Os traços- ϕ (ou traços-phi) são os traços de pessoa, gênero e número. Na relação entre o núcleo funcional T(ense) (também denominado I(nflection)) e o sujeito sintático, a operação Agree realiza um processo de checagem de traços- ϕ não interpretáveis de T com os traços interpretáveis do nome.

relação *pro/en* – denominada pelo autor de *pro-drop* aspectual – é tão local quanto a relação do sujeito nulo (*pro*) e T, sendo *v* o local daquela relação.⁵⁵

Boeckx (1998) afirma que a configuração em (16) resulta em uma sentença ativa caso a riqueza aspectual de *-en* não perturbe a sua configuração: o argumento externo, não sendo licenciado como *pro* aspectual, é atraído por T e checka Caso nominativo contra T.



(BOECKX, 1998, p. 192)

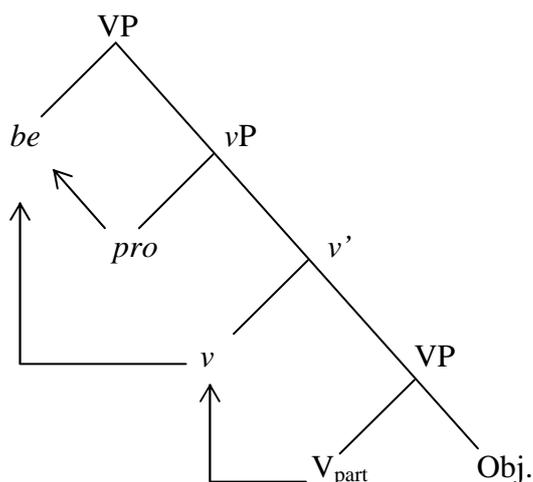
Porém, o *pro* da passiva tem traços aspectuais que perturbam a configuração em (16), de maneira que não pode ter os traços de Caso checados em T, pois a condição de localidade não seria respeitada. Como o sujeito lógico (argumento externo) é licenciado em LF como *pro* aspectual, é necessário que durante toda a derivação *pro* e *-en* tenham de ficar juntos. Desse modo, como condição para manter a localidade da relação *pro-drop* aspectual, *pro* bloqueia os traços de Caso acusativo de *v*, impedindo que *v* entre em relação de checagem com o objeto lógico.⁵⁶ O objeto lógico tem, então, de ser licenciado em outro local: T. Para Boeckx (1998), a checagem do traço acusativo ocorre no VP do auxiliar *be*, local em que o complexo [*v-V_{part}*] se adjunge. *Pro*, então, adjunge-se ao complexo [*v-V_{part}*] e a checagem de Caso acusativo é feita por adjunção.⁵⁷ A derivação parcial da passiva, proposta por Boeckx (1998), está representada em (17):

⁵⁵ Boeckx (1998) apresenta três razões para afirmar que a relação *pro/en* ocorre em *v*: (i) as abordagens que assumem um sintagma aspectual (AspP) o localizam dentro do VP, ou abaixo do AGRoP, o qual se projeta dentro de VP; (ii) o auxiliar *have*, que Boeckx (1998) coloca em *v*, possui propriedades aspectuais; e (iii) em línguas do grupo semítico, os traços aspectuais e de Caso acusativo estão relacionados.

⁵⁶ A proposta de Boeckx (1998) está alinhada ao Programa Minimalista, razão pela qual o autor utiliza o termo ‘checagem’ de traço de Caso, em detrimento de ‘atribuição’ de Caso (como era na Teoria de Regência e Ligação).

⁵⁷ Boeckx (1998, p. 126) defende que o verbo auxiliar *be* tenha seu próprio VP, à semelhança de um verbo pleno. E como um verbo de alçamento, *be* não possui papel- Θ externo, logo não projeta um especificador. *Be* é gerado imediatamente após o estágio da derivação representado em (17). Para o

(17)



(BOECKX, 1998, p. 193)

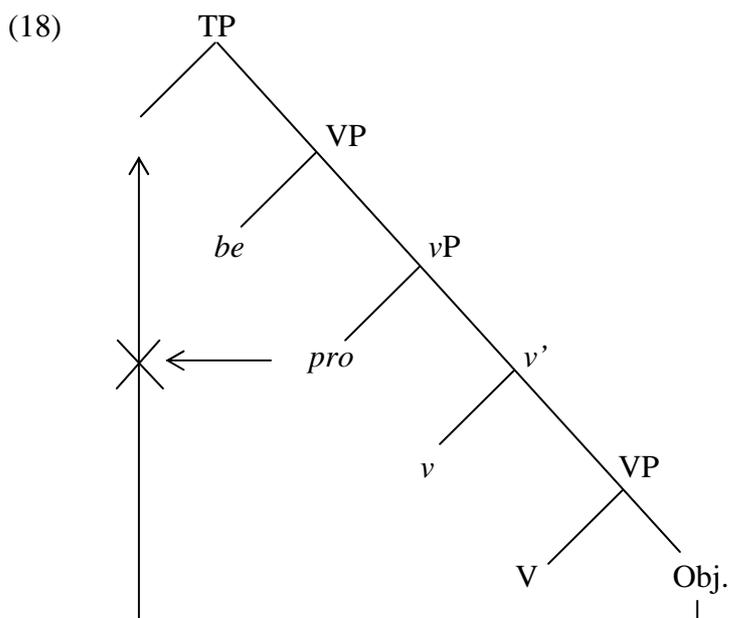
O *pro-drop* aspectual altera, portanto, a direção normal da computação, produzindo o reverso da computação de uma sentença ativa: como *pro* e *-en* devem obedecer a uma condição de localidade, eles têm de permanecer juntos. Desse modo, *v* é que tem de entrar em relação de checagem com *pro*, e não o objeto (como ocorre na derivação da ativa). Em síntese, é a riqueza aspectual do morfema *-en* que impede a checagem entre *v* e o objeto lógico, e possibilita que *pro* e *v* entrem em relação de checagem (de traços de Caso).

Uma vez não disponíveis os traços de Caso de *v*, o único modo de o objeto checar seu traço de Caso é se mover para T. A questão que surge, no entanto, é a seguinte: por que o objeto, e não *pro*, se move para T, já que *pro* entra primeiro no campo de visão de T?⁵⁸ Ademais, o movimento do objeto sobre *pro* viola a condição de Minimalidade (CHOMSKY, 1986b), como na representação a seguir, a qual elaboramos com base em Boeckx (1998) para fins ilustrativos do problema:⁵⁹

linguista, o particípio passado passivo ocupa a posição de V, e se adjunge ao auxiliar *be*. A possibilidade de adjunção a *be* vem do fato de que Boeckx (1998) vê o auxiliar *be* como um verbo leve, requerendo, desse modo, um afixo verbal. A evidência dada por Boeckx de que o auxiliar *be* é um verbo leve é que ele não pode ser enfatizado em sentenças como **He should have BEEN killed*. O verbo participial ocupa a posição de V, adjunge-se a *v* para checar o traço forte de *v*, e o complexo [*v*-Vpart] sobe para *be*. É nesse ponto da derivação, segundo o autor, que há checagem do traço de Caso acusativo de *pro*.

⁵⁸ Ainda que *pro* e *-en* tenham de ficar juntos para manter a condição de localidade.

⁵⁹ O conceito de Minimalidade (CHOMSKY, 1986b, p. 42) postula que uma projeção de um núcleo intermediário funciona como uma barreira para regência por outro regente apropriado. No original: *Minimality Condition: In the structure ... α ... [γ ... δ ... β ...], α does not govern β if γ is a(n immediate) projection of δ excluding α.* (CHOMSKY, 1986b, p. 42)



Para explicar o movimento do objeto para T, Boeckx (1998) faz uso de mecanismos teóricos cuja intuição é a de que um elemento mais especificado (nesse caso, o objeto) é mais visível para a atração, para sugerir que *pro*, por ser menos especificado que o objeto, torna-se invisível para a atração. Para Boeckx (1998), *pro* é uma projeção do núcleo funcional D e, como argumento, tem de ter Caso (mais especificamente, Caso acusativo) e traço categorial, além de traços- ϕ , que são associados a nomes, estão envolvidos na concordância. Porém, já que a concordância de participio passado não é feita com *pro*, Boeckx (1998) afirma que, de modo semelhante aos expletivos puros, *pro* não possui traços- ϕ . O objeto, de modo distinto, possui um conjunto completo de traços – pode, assim, mover-se para T. Para justificar a atração do objeto para T, Boeckx (1998) reformula o conceito da operação *Attract* (CHOMSKY, 1995, p. 297), em (19), substituindo proximidade por proeminência (ou visibilidade), em (20). Desse modo, o objeto, mais visível (ou mais proeminente, pois possui um conjunto completo de traços) pode passar por cima de *pro* sem violar Minimalidade, sendo possível a realização sintática do argumento implícito sob a forma de *pro*.

(19) *Attract*

K atrai F se F é o traço mais próximo de um sub-rótulo de K que com ele pode entrar em relação de checagem.

(CHOMSKY, 1995, p. 297)⁶⁰

(20) *Attract*

Dados α e β , dois elementos, β é atraído para K sse β é mais proeminente que α .

(BOECKX, 1998, p. 320)⁶¹

No entanto, Lima & Rubin (2008) observam que a representação do argumento implícito da passiva como *pro*, tal como formulada por Boeckx (1998), é falha no modelo de *Agree*, em que Chomsky (2000, 2001), analisando construções com o expletivo *There* do inglês, formula duas restrições que se resumem da seguinte maneira: (i) se o elemento interveniente entre uma sonda e um alvo for marcado com traços- ϕ , ele deve intervir de modo a bloquear qualquer relação entre a sonda e esse alvo; (ii) caso o elemento interveniente não seja marcado com traços- ϕ e tenha o traço [pessoa], então a operação *Agree* é licenciada, mas a operação *Move* não.

Consideramos essa discussão importante, especialmente no que se refere aos traços de *pro*. De acordo com Lima e Rubin (2008), no sistema de *Agree*, o *pro* de sentenças ativas em línguas *pro-drop* tem traços- ϕ completos. Sendo concatenado em [spec,v], *pro* imediatamente entra em operações sintáticas com T antes do DP objeto. Se *pro* não fosse completo, T somente teria seus traços- ϕ valorados na relação com o DP objeto (o qual tem traços- ϕ completos). Isso, porém, não ocorre, pois essa operação resultaria na valoração do Caso do DP objeto como nominativo, o que é contrário aos fatos (a sentença **Italiano parlo* é claramente agramatical).

Vimos que, na proposta de Boeckx (1998), o autor compara a possibilidade de remoção do sujeito lógico da passiva ao fenômeno do sujeito nulo (*pro-drop*). No entanto, a analogia é parcial, pois o *pro* da passiva possui traços- ϕ distintos do *pro* da ativa, sendo necessário determinar a constituição dos traços- ϕ do *pro* da passiva. A caracterização dos traços- ϕ do *pro* da passiva como subespecificados ou, mais

⁶⁰ No original: *K attracts F if F is the closest feature that can enter into a checking relation with a sublabel of K.* (CHOMSKY, 1995, p. 297)

⁶¹ No original: *Given α and β , two elements, β is attracted to K if and only if β is more prominent than α .* (BOECKX, 1998, p. 320)

precisamente, ausentes, como afirma Boeckx (1998) encontra problemas no sistema *Agree*, pois tanto a subespecificação quanto a ausência de traços- ϕ são incompatíveis com esse sistema. Primeiramente, se *pro* possui traços subespecificados, deve haver um elemento disponível para especificá-los (valorá-los). O problema é a natureza do elemento a valorá-lo, V, o qual também possui traços subespecificados (ou seja, não valorados). Não há, portanto, solução, pois tanto *pro* quanto V ficariam sem traços valorados, o que gera problemas nas interfaces (PF, LF). Em segundo lugar, a ausência de traços- ϕ é descartada, pois, no sistema *Agree*, são esses traços o mecanismo para operações sintáticas. Nenhum elemento pode, portanto, prescindir de pelo menos um traço- ϕ .

Desse modo, adaptando a proposta de Boeckx (1998) para o sistema de *Agree*, *pro* deve ter pelo menos um traço- ϕ . Segundo Lima & Rubin (2008), a hipótese mais provável é que o *pro* da passiva tenha pelo menos o traço [pessoa] (o qual, no sistema de *Agree*, substitui o traço categorial [D]). A questão pertinente aqui não é se *pro* possui mais traços; importa que em qualquer situação *pro* intervém entre T e o DP na posição de complemento de V, impedindo a operação *Move*. Assim, é impossível gerar uma sentença com o DP movido, como ‘José foi empurrado’ – o que contraria os fatos, pois a sentença é gramatical.

De Boeckx (1998), assumimos como válido o destaque dado à alteração da morfologia verbal e, em parte, ao tratamento da *by-phrase* (a ser apresentado no Capítulo 4). Também assumimos como satisfatória a ideia da similitude estrutural entre ativa e passiva até certo ponto da derivação, pois permite dar conta dos fatos sobre aquisição de passiva, apontados por Rubin (2004).

Entretanto, é importante notar que noções como *paralisar* traços de Caso acusativo e *perturbar* a configuração não são conceitos do quadro gerativo, como observa Rubin (2004, p. 71). De fato, Boeckx (1998) não detalha a explicação em relação à natureza dessas noções, sendo a proposta do autor muito estipulativa, no sentido de que as reformulações teóricas, como no caso da operação *Attract*, são desenvolvidas para um fim específico, não contemplando as reais consequências da reformulação para a teoria como um todo (e, portanto, para outros fenômenos correlatos).

Em síntese, sendo a proposta de que *pro* é o argumento implícito da passiva incompatível com o sistema de *Agree*, acreditamos ser possível desenvolver uma análise

em que o argumento implícito da passiva verbal (e apenas verbal) codifica o traço [intencionalidade] de Voice. Com isso, *pro* é, de fato, um elemento que possui o traço [pessoa] (ou [D]), o qual é semanticamente ativo. Para isso, é preciso encontrar uma solução para a intervenção de *pro* na relação entre T e o DP na posição de complemento de V (o objeto lógico), o que podemos fazer observando a proposta de Collins (2005) adiante.

A proposta de Collins (2005) para as passivas verbais parte do pressuposto de que o processo de concatenação (*Merge*) do argumento externo na passiva é o mesmo da ativa, em *spec,vP*. Essa é a derivação proposta pelo autor, a ser reformulada posteriormente:⁶²

- (21) The book was written by John
 ‘O livro foi escrito por John.’
- a. John → Merge with *by*
- b. [_{PP} by John]
- c. [_{vP} v VP] → Merge external argument
- d. [_{vP} [_{PP} by John] [_{v'} v VP]] → Merge *be*
- e. [_{VP} be [_{vP} [_{PP} by John] [_{v'} v VP]]] → Merge Infl
- f. [_{IP} Infl [_{VP} be [_{vP} [_{PP} by John] [_{v'} v VP]]]]
- Internal Merge of [_{DP} the book] into *spec,IP*
- g. [_{IP} [_{DP} the book] [_{I'} Infl [_{VP} be [_{vP} [_{PP} by John] [_{v'} v VP]]]]]
- (COLLINS, 2005, p. 84)

Nesse processo derivacional, o PP que corresponde à *by-phrase* é concatenado em *spec,vP*, o que, conforme mencionado pelo autor, representa um problema para a proposta de que ativa e passiva possuem derivação semelhante quanto à projeção de base dos argumentos: espera-se que um DP (não um PP) seja gerado em *spec,vP* tanto na ativa quanto na passiva, uma vez que *v* é atribuidor de papel- Θ ao argumento externo.

Além disso, segundo o autor, a derivação em (21) produz como *output* uma ordem de palavras incompatível com a sentença passiva. Se [_{PP} *by John*] é concatenado

⁶² Nesse sentido, a análise proposta por Collins (2005) assemelha-se à de Chomsky (1957) e afasta-se das análises no âmbito da Teoria de Regência e Ligação.

em spec,vP, e se especificadores precedem núcleos e complementos, prediz-se a ordem em (22a), em oposição a (22b):

- (22) a. *The book was by John written.
b. The book was written by John.⁶³

(COLLINS, 2005, p. 85)

Analisando dados da língua kiswahili, em que o verbo é seguido pelo sufixo -w na passiva (cf. (23a), em oposição a (23b)), o autor postula que a projeção que o sufixo passivo ocupa é VoiceP:⁶⁴

- (23) a. Mama yangu a-li-tengenez-a shati langu.
mother my 1_{AGR}-PAST-made-FV shirt my
'My mother made my shirt' ('Minha mãe fez a minha camisa')
- b. Shati langu li-li-tengenz-w-a na mama yangu.
shirt my 5_{AGR}-PAST-made-PASS-FV by mother my
'My shirt was made by my mother' ('Minha camisa foi feita por minha mãe')

(HINNEBUSCH; MIRZA, 1998 *apud* COLLINS, 2005, p. 87)

Dada a existência de marca morfológica em VoiceP na passiva em kiswahili, o autor assume que esse núcleo funcional existe como parte da GU, caracterizando-o como uma posição para a qual o particípio pode-se mover em inglês (para explicar a ordem em (22b)).

Após desenvolver argumentos baseados na ordem verbo-partícula e no fenômeno de enclivamento da preposição (do inglês, *prepositional stranding*), Collins (2005) assume que a passiva envolve o movimento do sintagma PartP para VoiceP e que a preposição *by* 'por' é o núcleo de VoiceP, não formando, portanto, um

⁶³ Consideramos que o contraste de agramaticalidade permanece em português:

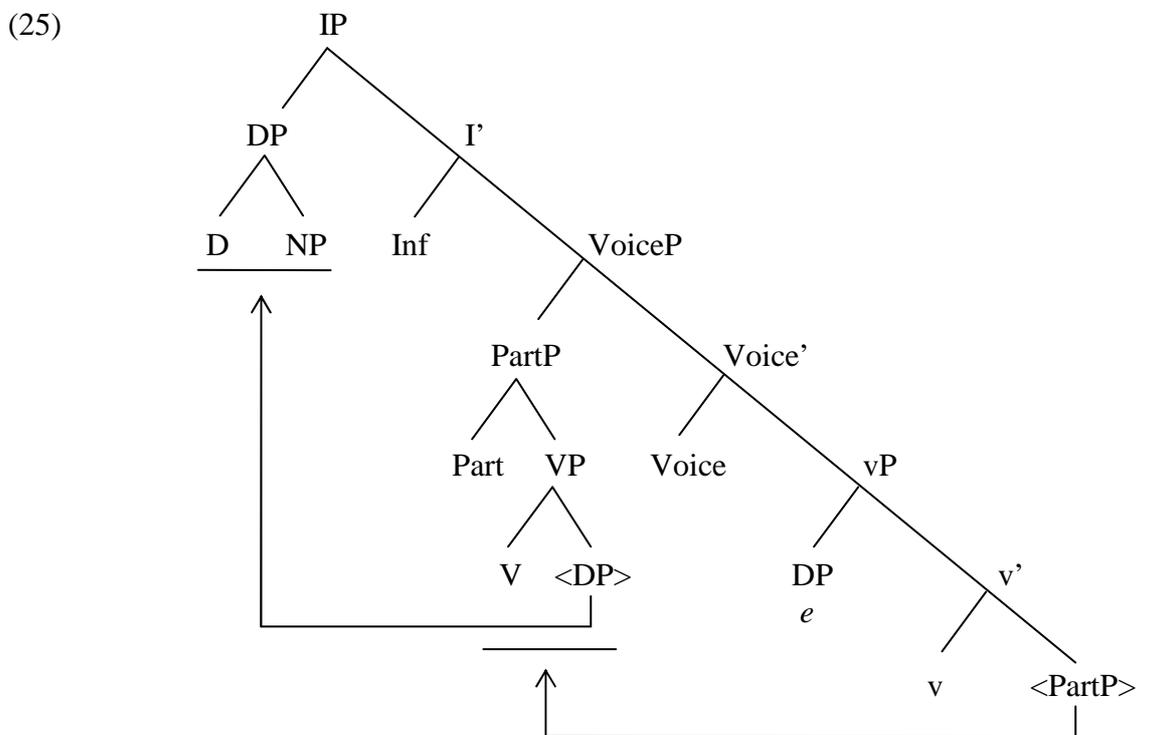
(i) a. *O livro foi por João escrito.
b. O livro foi escrito por João.

⁶⁴ Em seu artigo, Collins (2005) não informa os significados dos termos da glosa. AGR remete ao morfema de concordância; PAST ao morfema de tempo passado; e PASS ao morfema passivo. Não foi possível identificar, entretanto, o significado de FV.

constituente com o DP seguinte (argumento externo).^{65, 66} Na proposta do autor, Voice pode ser produzido (do inglês, *spelled-out*) desta maneira:

- (24) a. Voice = *by* (com DP argumento externo manifesto)
 b. Voice = \emptyset (passiva curta, sem DP argumento externo manifesto)

Collins (2005) assevera, portanto, que a representação de uma passiva verbal é a que está em (25). Observamos que essa representação é a de uma passiva curta (sem *by-phrase*) e que, nas passivas com *by-phrase*, o núcleo Voice é preenchido pela preposição *by* e a posição de spec,vP é preenchida pelo DP argumento externo.



(COLLINS, 2005, p. 90)

O autor argumenta (contra Boeckx (1998)) que a análise da passiva envolvendo um argumento externo em spec,vP implica dizer que o morfema passivo *-en* não recebe

⁶⁵ Remetemos o leitor para o artigo de Collins (2005) e bibliografia lá citada para aprofundamento em relação à argumentação sobre a ordem verbo-partícula e o fenômeno de encalhamento da preposição.

⁶⁶ Segundo o autor, uma objeção imediata a essa análise é que se postula ser o núcleo funcional constituído – unicamente – por traços ininterpretáveis. No entanto, Collins (2003, 2005) e Baker & Collins (2003 *apud* Collins, 2005) discutem a sintaxe dos *linkers* e demonstram que eles são núcleos funcionais compostos puramente de traços ininterpretáveis. Do mesmo modo, mesmo nas teorias clássicas sobre a passiva, é necessário admitir, diz Collins (2005), que a preposição *by* na estrutura [_{PP} *by* DP] não possui traços interpretáveis.

(absorve) papel- Θ externo. Para desenvolver essa hipótese, Collins (2005) compara o sufixo de particípio passado (*I have seen John* ‘Eu tenho visto John’) e o sufixo de particípio passivo (*John was seen* ‘John foi visto’) e conclui que esses morfemas não possuem diferentes estatutos teóricos, de maneira que o afixo participial não possui nenhum traço interpretável, porque: (i) não pode ser interpretado como argumento externo (contra Jaeggli (1986) e Baker, Johnson & Roberts (1989)), já que na passiva o argumento externo está em *spec,vP*; e (ii) o afixo participial não pode incluir o traço [+passado], já que o evento *The book is being written* (‘O livro está sendo escrito.’) não tem necessariamente de ocorrer no passado.

Com relação ao fato de o particípio passivo não checar Caso acusativo, o autor sugere que é precisamente na passiva que Caso e papel- Θ se distanciam e são projetados em dois núcleos distintos.⁶⁷

- | | | | |
|------|-------------|---------------------|------------------------------------|
| (26) | a. ativa: | v | atribui papel- Θ externo |
| | | v | checa Caso acusativo |
| | b. passiva: | v | atribui papel- Θ externo |
| | | Voice [<i>by</i>] | checa Caso acusativo ⁶⁸ |

(COLLINS, 2005, p. 96)

Sendo assim, na passiva, o traço de Caso é separado de *v* e é projetado como parte de VoiceP. Mais precisamente, o autor adota a seguinte condição:

- (27) Suponha que *X* (*v* ou *P*) tenha um traço de checagem de Caso [*uF*], então é possível para [*uF*] ser dissociado de *X*, e ser adicionado à numeração como parte do núcleo funcional VoiceP.⁶⁹

(COLLINS, 2005, p. 96)

⁶⁷ No Minimalismo, Caso acusativo é checado em *v*, o qual também atribui papel- Θ externo. Collins propõe, entretanto, que, na construção passiva, a checagem se dê núcleo funcional Voice. São as propriedades de Voice (e não as da preposição *by* as responsáveis pela checagem).

⁶⁸ No original:

a. <i>active</i> :	v	<i>assigns external Θ-role</i>
	v	<i>checks accusative Case</i>
b. <i>passive</i> :	v	<i>assigns external Θ-role</i>
	Voice [<i>by</i>]	<i>checks accusative Case</i> (COLLINS, 2005, p. 96)

⁶⁹ No original: *Suppose X (v or P) has a Case-checking feature [uF], then it is possible for [uF] to be dissociated from X, and for [uF] to be added to the numeration as part of the functional head VoiceP.* (COLLINS, 2005, p. 96)

Dada a condição em (27), é possível, conforme o autor, explicar a seleção de auxiliar na passiva em inglês: participípios passados não projetam VoiceP (e, portanto, formam sentenças ativas, que selecionam *have*), enquanto participípios passivos projetam VoiceP:

- (28) a. John has seen the book. (ativa, VoiceP ausente)
John tem visto o livro
- b. *The book has seen by Mary. (passiva, VoiceP presente)
O livro tem visto por Mary
- c. The book was seen by Mary. (passiva, VoiceP presente)
O livro foi visto por Mary
- d. *John was seen the book. (ativa, VoiceP ausente)
John foi visto o livro

Essa distribuição sugere os dois princípios propostos pelo autor e enunciados a seguir:

- (29) Um participípio (PartP) deve ser licenciado por meio de:
- a. c-seleção pelo auxiliar *have* ('ter'); ou
- b. movimento para *spec, VoiceP*.⁷⁰

(COLLINS, 2005, p. 90)

Com relação ao movimento do DP (objeto lógico) por sobre o DP argumento externo manifesto (ou PRO, no caso das passivas curtas) sem violar Minimalidade Relativizada, Collins (2005) propõe um movimento por *smuggling*, definido como a seguir:⁷¹

⁷⁰ No original: *A participle (PartP) must be licensed by a. being c-selected by the auxiliary have or b. moving to spec, VoiceP.* (COLLINS, 2005, p. 90)

⁷¹ O termo *smuggling* 'contrabando' traduz a ideia de que o constituinte PartP contrabandeia (carrega de maneira coberta) o objeto lógico por sobre o DP argumento externo. Optamos por não traduzir esse termo neste trabalho, por não termos encontrado um termo adequado para denotar essa ideia sem causar a noção de que haja uma violação de princípios da gramática, como pretende Collins (2005).

Suponha que um constituinte YP contenha outro XP. Ademais, suponha que XP está inacessível a Z devido à presença de W (uma barreira, fronteira de fase ou um elemento interveniente para a Condição de Ligação Mínima e/ou Minimalidade Relativizada), o qual bloqueia a relação sintática entre Z e XP (por exemplo, movimento, checagem de Caso, operação de *Agree*, ligação). Se YP se move para uma posição que c-comanda W, diz-se que YP realizou *smuggling* em XP sobre W.⁷²

Na estrutura em (25), *smuggling* representa o movimento do núcleo PartP para a posição spec, VoiceP.

A análise proposta por Collins (2005) é radicalmente distinta das propostas tradicionais no modelo da Teoria da Regência e Ligação. Apesar dessas diferenças, a abordagem do autor conserva as características mais importantes da análise daquele modelo: as propriedades da passiva decorrem da interação de princípios invariantes da GU e de alguns parâmetros, restritos a propriedades dos itens lexicais. Para Collins (2005), os parâmetros correspondem a núcleos funcionais, compostos unicamente de traços ininterpretáveis e um desses parâmetros é a existência do núcleo funcional para participio passivo/passado *-en*. Outro parâmetro é a projeção de VoiceP.

Em nossa avaliação, a abordagem de *smuggling* de Collins (2005), em que ocorre o movimento do sintagma participial para uma posição acima daquela em que se encontra o argumento externo (manifesto ou não), é uma solução para deixar o argumento interno livre dos efeitos de intervenção induzidos pelo argumento externo (seja ele manifesto, com VoiceP realizado pela preposição ‘por’, selecionando um vP com argumento manifesto; ou nulo, com VoiceP selecionando um vP com PRO). Nesse sentido, configura-se uma proposta mais adequada para a construção passiva que a de Boeckx (1998).

Ainda estabelecendo um contraste entre as propostas de Collins (2005) e Boeckx (1998), consideramos que o modelo de *smuggling* – apesar de também ser estipulativo, uma vez que não se sabe o estatuto dessa operação na teoria e muito menos os seus limites – não apresenta tantas consequências para o quadro geral da teoria quanto as estipulações realizadas por Boeckx (1998) porque as modificações propostas por Boeckx (1998) tocam pontos mais basilares da teoria, como a operação *Attract*.

⁷² No original: *Suppose a constituent YP contains XP. Furthermore, suppose that XP is inaccessible to Z because of the presence of W (a barrier, phase boundary, or an intervener for the Minimal Link Condition and/or Relativized Minimality), which blocks a syntactic relation between Z and XP (p.ex., movement, Case checking, agreement, binding). If YP moves to a position c-commanding W, we say that YP smuggles XP past W.* (COLLINS, 2005, p. 97)

No que se refere especificamente a esse ponto, Gehrke & Grillo (2009), buscando identificar se *smuggling* poderia ser aplicado a outras estruturas, como a de movimento-A', ou a sentenças como *There was a Suabian killed* ('Houve um suábio assassinado'), que recebe interpretação passiva independentemente do movimento do argumento interno para a posição de sujeito sintático, reinterpretam o movimento por *smuggling* a partir de exigências semânticas e discursivas envolvidas nessa operação.

Para os autores, a passiva deve ser discutida com base em uma concepção de estrutura de eventos complexa, em que um macroevento é decomponível em subeventos específicos (DOWTY, 1979). Eles afirmam que a presença do predicado BECOME é fundamental para a apassivação e assumem que os tipos de eventos apassiváveis são os processos culminados (do inglês, *accomplishments*) – cf. (30) – e as culminações (do inglês, *achievements*) – cf. (31) –, os quais estão associados com predicados que denotam mudança de estado definida:⁷³

(30) *Accomplishments* (processos culminados):

DO ($\alpha_1, [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)]$)]CAUSE[BECOME $\rho_m(\beta_1, \dots, \beta_n)$]].

p.ex. John broke the window.

'João quebrou a janela.'

(DOWTY 1979, p. 124 *apud* GEHRKE; GRILLO, 2009, p. 238)

(31) *Achievements* (culminações):

BECOME [$\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)$].

p.ex. John discovered the solution.

'João descobriu a solução.'

(DOWTY 1979, p. 124 *apud* GEHRKE; GRILLO, 2009, p. 238)

O predicado BECOME, que representa o estado consequente e encontra-se mais baixo na estrutura, é associado ao predicado CAUSE, mais alto. Gehrke & Grillo (2009, p. 237) propõem que um requisito semântico, uma espécie de topicalização, singulariza o estado consequente e lhe atribui um traço que determina o movimento do constituinte mais baixo para uma projeção relacionada ao discurso na borda de VP, representada por VoiceP. Voice é responsável por codificar o tempo do evento de uma maneira particular

⁷³ A definição de BECOME implica que, em (30) e (31), o estado denotado por π_n passa a existir, uma vez que esse estado é falso no intervalo J e verdadeiro em algum intervalo posterior K.

que, no caso das passivas, é ancorado no subevento estado consequente. O traço que desencadeia o movimento de VoiceP possui, portanto, duas propriedades, uma discursiva e outra quantificacional. A parte relacionada ao discurso escolhe o elemento do evento complexo que precisa ser singularizado; a parte quantificacional torna esse elemento legível para a próxima fase. Desse modo, esse traço singulariza um elemento da estrutura de evento temporal associada ao VP e enriquece a semântica desse elemento introduzindo temporalidade, de modo que ele fica disponível para a próxima fase da derivação, a fase temporal (e, finalmente, a fase do discurso) da oração.⁷⁴

A proposta delineada pelos autores avança em relação à proposta de Collins (2005), nomeadamente por motivar o movimento por *smuggling* com base em exigências semânticas e discursivas envolvidas na operação, a saber, a presença de um traço relacionado ao predicado BECOME, considerado pelas autoras como fundamental para a derivação da construção passiva.

Para concluir o cotejamento das propostas sobre a passiva verbal, procedemos à discussão da proposta de Legate (2014), que realiza uma investigação detalhada sobre o papel do núcleo funcional Voice e sua relação com *v* na estrutura da gramática. O ponto de partida empírico é a língua malaio-polinésia denominada *Acehnese* (achém, em português) e a hipótese central é a de que há duas projeções funcionais distintas na borda do sintagma verbal – VoiceP e *v*P – e o núcleo associado à alternância de voz (ativa *vs.* passiva) também introduz o argumento externo, sendo a fonte de Caso acusativo para o objeto temático.

A escolha da língua achém é justificada pelo fato de essa língua exibir três vozes distintas, quais sejam:⁷⁵

(32) a. Voz ativa

Uleue nyan di-kap lôn.
snake DEM 3_{FAM}-bite 1_{SG}
'A cobra me mordeu.'

⁷⁴ Gehrke & Grillo (2009) adotam o modelo de Travis (2000) para a representação sintagmática da construção passiva, fazendo uso de uma estrutura de concha (*VP shell*), com duas camadas para o VP: V2 introduz o argumento interno temático (DP_{int}), bem como o ponto final do evento; e V1 corresponde ao subevento causa e introduz o argumento externo (DP_{ext}). Para maiores detalhes, remetemos o leitor ao trabalho dos autores, visto que nesta tese apresentamos somente os aspectos da proposta deles que interessam ao desenvolvimento da nossa análise.

⁷⁵ Nos dados de Legate (2014), as abreviações das glosas possuem os seguintes significados: DEM (*demonstrativo*); EXCL (*exclusivo*); FAM (*familiar*, dirigido a interlocutores de hierarquia mais baixa que o falante); POL (*polido*, dirigido a interlocutores de hierarquia mais alta que o falante); SG (*singular*).

b. Voz passiva

Lôn di-kap lé uleue nyan.
1_{SG} 3_{FAM}-bite by snake DEM
'Eu fui mordido pela cobra.'

c. Voz de objeto

Lôn uleue nyan kap
1_{SG} snake DEM bite.
'Eu fui mordido pela cobra.'

(LEGATE, 2014, p. 4 e 5)

De acordo com a análise da autora, em (32a) e (32b), ativa e passiva são morfologicamente realizadas de maneira que haja codificação transparente dos traços-φ em Voice, restringindo-se, assim, o papel-Θ externo introduzido por esse núcleo funcional. (32a) apresenta concordância típica de construções SVO, em que o verbo (*kap* 'morder') concorda com o sujeito (*Uleue* 'a cobra', 3ª pessoa singular). Na passiva, em (32b), a concordância verbal é realizada com o nome introduzido pela preposição (*le* 'por'). A voz de objeto, em (32c), é caracterizada pela perda do prefixo verbal e pela posição do Tema no início da sentença.

Com relação à voz passiva em achém, Legate (2014) ressalta que o fato relevante é que o prefixo verbal não concorda com o sujeito gramatical (Tema), mas com o iniciador, que ocorre em uma *by-phrase*.

- (33) a. Aneuk miet nyan meu-tingkue lé kamoe.
child small DEM 1_{EXCL}-carry.in.cloth by 1_{EXCL}
'The child is carried by us.'
- b. Aneuk miet nyan neu-tingkue lé droeneuh.
child small DEM 2_{POL}-carry.in.cloth by 2_{POL}
'The child is carried by him/her.'
- c. Aneuk miet nyan geu-tingkue lé gopnyan.
child small DEM 3_{POL}-carry.in.cloth by 3_{POL}
'The child is carried by him/her.'

(LEGATE, 2014, p. 6)

Há consequências importantes sobre a discussão levantada pela autora a partir desses dados. Primeiramente, a língua achém fornece consideráveis evidências à proposta de que o introdutor de argumento externo, Voice, está presente em passivas, uma vez que é morfologicamente realizado. Em segundo, os dados da língua achém mostram a existência de traços- ϕ associados a VoiceP, como ilustrado em (34):

- (34) a. Uleue nyan di-kap lôn.
 snake DEM 3_{FAM}-bite 1_{SG}
 ‘The snake bit me.’
- b. Lôn di-kap lé uleue nyan.
 1_{SG} 3_{FAM}-bite by snake DEM
 ‘I was bitten by the snake.’

(LEGATE, 2014, p. 9)

A sentença (34a) é uma construção ativa. Em relação ao dado (49b), construção denominada por Legate (2014) como construção-LE (do inglês, *LE-construction*), há duas análises na literatura. A primeira diz ser um caso de demissão passiva (Lawler 1977 *apud* Legate, 2014), em que, *le* é equivalente à preposição *by* e o argumento iniciador desencadeia concordância com o verbo antes de ser demovido a uma posição de adjunto. A segunda análise diz ser topicalização de Tema (Durie, 1988 *apud* Legate, 2014), e *le* é marcador de Caso. Legate (2014), no entanto, discorda dessas análises e defende que a construção em jogo é, de fato, uma passiva. A derivação, no entanto, não envolve concordância gramatical de sujeito seguida pela demissão do iniciador. Ao invés disso, o prefixo verbal é considerado um morfema de voz, que carrega os traços do iniciador temático concatenado ao especificador do morfema voz.

Legate (2014) postula uma estrutura em que duas noções distintas de *subjecthood*: (i) o sujeito temático associado com o papel- Θ iniciador e o especificador de VoiceP; e (ii) o sujeito gramatical associado com o especificador de IP. O movimento de spec,VoiceP para spec,IP é desencadeado por um traço EPP associado ao traço-A de Infl.^{76, 77, 78}

⁷⁶ Legate (2014, p. 6) assume que traços-A são herdados de C por I, conforme proposto em Chomsky (2008).

⁷⁷ Traço-A refere-se à posição estrutural que seleciona um argumento (no caso de IP, a posição de especificador, o sujeito sintático). Traço-A', por sua vez, refere-se a elementos não argumentais (por exemplo, os adjuntos).

Legate (2014) acredita que a sua proposta é mais adequada por fazer uso de mecanismos teóricos mais refinados, procurando demonstrar que, apesar desse comportamento morfossintático pouco observado nas passivas em geral, a língua achém é consistente no que diz respeito às relações gramaticais universais.

No Capítulo 4 desta tese, discutimos os argumentos utilizados por Legate (2014) em defesa de que a construção-LE é uma construção passiva – e não uma construção de topicalização de objeto. Acreditamos que o trabalho de Legate (2014) é importante como evidência independente para a nossa análise, principalmente por vincular os traços do iniciador temático ao morfema de voz (e, conseqüentemente, ao núcleo funcional Voice).

2.2. Propostas teóricas para a passiva adjetival

No contexto do gerativismo, o trabalho de Wasow (1977) é um precursor na discussão sobre a natureza das passivas adjetivais. O autor parte do pressuposto central de teorias lexicalistas de que a gramática comporta dois tipos de regras, as transformações e as regras lexicais. Nas transformações, encontra-se a regularidade da sintaxe; nas regras lexicais, encontram-se as irregularidades e idiosincrasias características do léxico. Relativamente às passivas, Wasow (1977) propõe que há duas fontes distintas para formar passivas em inglês. Primeiramente, segundo o autor, uma transformação passiva deriva as passivas verbais. A passiva adjetival é, por sua vez, derivada por uma regra lexical, aplicada antes das operações sintáticas (transformacionais), que realiza uma mudança categorial do tipo [verbo]>[adjetivo] (ou *broken_{v>a}*).^{79, 80}

Já Embick (2004) propõe que a divisão tradicional em passiva verbal e adjetival pode ser refinada em uma classificação que leva em conta diferentes estruturas derivadas exclusivamente pela sintaxe, não havendo redundância entre duas operações distintas (como em Wasow (1977)). O autor analisa a construção passiva em termos

⁷⁸ O Princípio da Projeção Estendida (do inglês, *Extended Projection Principle* – EPP) estabelece que todas as sentenças devem possuir um sujeito (em estrutura profunda). No Minimalismo, o EPP é reinterpretado como um traço forte D/N (Determinante/Nome) em I – e o núcleo de IP força o preenchimento de sua posição de especificador antes que ocorra *Spell-out*.

⁷⁹ A notação que traduz a recategorização (>) é nossa.

⁸⁰ Wasow (1977, p. 331) adota cinco critérios que distinguem as *transformações* das *regras lexicais*: (i) afetar ou não a estrutura; (ii) haver ou não mudança de rótulo categorial; (iii) ser ou não ser uma operação local; (iv) ser ou não ser alimentado por transformações; (v) haver ou não haver idiosincrasias.

aspectuais, chegando a uma divisão tripartite – passiva verbal (eventiva), passiva adjetival estativa e passiva adjetival resultativa – caracterizada em termos de diferentes alturas de concatenação do sufixo participial (aspectual) na hierarquia funcional dos núcleos que compõem a estrutura interna das passivas.⁸¹

Feita a introdução sobre as perspectivas que subsidiam a discussão sobre a passiva adjetival, podemos discutir os principais argumentos utilizados pelos autores para analisar essa construção.

2.2.1. A passiva adjetival na Teoria de Regência e Ligação

Levin & Rappaport-Hovav (1986) destacam o importante fato de que os participios da passiva adjetival têm propriedades adjetivais, o que é uma percepção comum em trabalhos anteriores, como o de Wasow (1977) e o de Bresnan (1982 *apud* Levin & Rappaport-Hovav, 1986). Esses autores mostram que, nas passivas adjetivais do inglês, os participios apresentam propriedades tipicamente adjetivais: aceitam prefixação do morfema de negação *i-/in-*; ocorrem com verbos que selecionam complemento adjetival, mas não verbal; ocorrem em posição atributiva; e ocorrem com modificadores de grau.⁸²

A partir de uma releitura de propostas anteriores, Levin & Rappaport-Hovav (1986) formulam, na perspectiva da Teoria da Regência e Ligação, uma Regra de Formação da Passiva Adjetival (do inglês, *Adjectival Passive Formation* – APF), a qual relaciona sintagmas adjetivos encabeçados por participios passivos adjetivos às suas contrapartes verbais.⁸³ As autoras estipulam as seguintes propriedades como características da formação de passiva adjetival:

⁸¹ Essa proposta é apresentada com mais detalhe no Capítulo 4 desta tese, em que abordamos as questões relativas aos participios passivos.

⁸² No 4, aplicamos esses testes ao nosso objeto de estudo, os predicados psicológicos. Oferecemos, igualmente, novos testes, como a coordenação das formas participiais com adjetivos plenos.

⁸³ Levin & Rappaport-Hovav (1986, p. 624) fazem referência às seguintes propostas: Wasow (1977, 1980), Williams (1981), Bresnan (1982) e Borer (1984).

- (35) Propriedades da APF:
- a. Afixação do morfema passivo *-ed*;
 - b. Mudança de categoria: [+V, -N] → [+V,+N];
 - c. Supressão do papel- Θ externo do verbo de base;
 - d. Externalização de um papel- Θ interno do verbo de base;
 - e. Absorção de Caso;
 - f. Eliminação da posição [NP, VP].⁸⁴

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1986, p. 645)

Algumas das mudanças postuladas na APF são, segundo as autoras, operadas pelo processo de derivação da passiva verbal. Elas estabelecem que os mesmos traços do morfema passivo estão associados à derivação de ambas as passivas, sendo responsáveis por diversas propriedades por elas compartilhadas, entre as quais a supressão do papel- Θ externo, que elas consideram como sendo a propriedade essencial do morfema passivo. Levin & Rappaport-Hovav (1986) assumem que, idealmente, as propriedades divergentes das duas formas de passivas – a verbal e a adjetival – devem ser resultantes das diferenças categoriais entre elas, e defendem que a Regra de Formação da Passiva Adjetival é baseada apenas na conversão do particípio passivo verbal em um adjetivo, o que é representado pela seguinte regra lexical:

- (36) $v[\text{Part}] \rightarrow [v[\text{Part}]]_A$

(LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1986, p. 646)

Por meio dessa análise, as autoras estabelecem que um particípio (passivo) adjetivo é criado a partir de um particípio passivo verbal e que as propriedades da passiva adjetival são determinadas pelas propriedades lexicais da raiz verbal e por traços do morfema passivo, em conjunto com propriedades gerais dos adjetivos, do Princípio de Projeção e do Critério- Θ .⁸⁵

⁸⁴ No original: *Properties of APF*

- a. *Affixation of the passive morpheme –ed*
- b. *Change of category: [+V, -N] → [+V, +N]*
- c. *Supression of the external role of the base verb*
- d. *Externalization of an internal role of the base verb*
- e. *Absorption of Case*
- f. *Elimination of the [NP, VP] position.* (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1986, p. 645)

⁸⁵ Sobre esses princípios, V. nota 23 do Capítulo 1 desta tese.

Observamos que as propriedades lexicais da raiz verbal são importantes, principalmente quanto à seleção de papel- Θ pela raiz (a grade temática). À frente argumentamos que uma raiz verbal que seleciona um argumento Agente prototípico não pode, nessa interpretação, ocorrer em passiva adjetival, o que é uma forte evidência em favor de nossa hipótese de que as *by-phrases* verdadeiras são somente licenciadas na passiva verbal. Entretanto, distanciamos-nos de Levin & Rappaport-Hovav (1986) quando elas afirmam que algumas mudanças postuladas pela APF são operadas pelo processo de derivação da passiva verbal. Primeiramente, consideramos que na passiva verbal não há eliminação da posição [NP, VP]. Sobre a supressão do papel- Θ externo do verbo, insistimos que ocorre apenas nas passivas adjetivais, uma vez que na passiva verbal ainda é possível recuperar o Agente prototípico (semanticamente).

O trabalho de Torres Morais (1988), que propõe uma análise lexical da apassivação no português, é próximo à proposta de Levin & Rappaport-Hovav (1986). Segundo a autora, a distinção semântica (aspectual) entre os particípios passivos adjetivos e os particípios passivos verbais é sutil. Para ela, as passivas verbais são associadas à leitura eventiva e as passivas adjetivais são associadas à leitura estativa. Apesar dessa diferença, determinados ambientes morfológicos e sintáticos (os mesmos apresentados por Levin & Rappaport-Hovav (1986)) permitem distinguir claramente os tipos de particípio, pois esses ambientes selecionam ou verbos ou adjetivos: particípios passivos adjetivos admitem a prefixação do sufixo negativo *i-/in-*, que só podem ser prefixados a adjetivos (cf. (37)), ocorrem com verbos que selecionam complemento adjetival, mas não verbal (cf. (38), em que é demonstrado o paralelo entre particípios adjetivais e adjetivos comuns), ocorrem em posição atributiva (assim como adjetivos comuns, cf. (39)):

- | | | |
|------|--|-----------------|
| (37) | a. O projeto da tese foi inalterado. | [in+alterado] |
| | b. O acidente foi inesperado. | [in+esperado] |
| | c. Roberto era inconformado com seu pai. | [in+conformado] |
| | d. Sua atitude foi impensada. | [in+pensada] |
| | e. A ilha era inabitada. | [in+habitada] |
| | f. Suas preocupações são infundadas. | [in+fundadas] |

- (38) a. As crianças do prédio são bastante *animadas*.
 a'. As crianças do prédio são muito *barulhentas*.
 b. Meus amigos andam *aborrecidos* comigo.
 b'. Meus amigos andam *contentes* com meu trabalho.
 c. O carro ficou amplamente *destruído* no acidente.
 c'. O carro ficou *novo* depois do conserto.
 d. Ricardo se considera mais *culpado* do que os outros.
 d'. Ricardo se considera mais *esperto* do que os outros.
- (39) a. Os livros *encomendados* já chegaram à biblioteca.
 a'. Os livros *novos* já chegaram à biblioteca.
 b. Carolina era uma velhinha *animada*.
 b'. Carolina era uma velhinha *moderna*.

(TORRES MORAIS, 1988, p. 123)

Desse modo, os exemplos de (37) a (39) sugerem que os participios passivos podem ocorrer nos contextos morfológicos e sintáticos dos adjetivos. Os dados ilustram, inclusive, o fato de que os participios passivos, além de ocorrerem na posição predicativa e atributiva dos adjetivos, também se flexionam em gênero e número, à semelhança dos adjetivos comuns. Observamos que os dados retirados de Torres Morais (1988) incluem o verbo ‘animar’ (cf. (38a) e (39b)), que forma passiva adjetival (além da verbal), e o verbo ‘aborrecer’ (cf. (38b)), que pertence à classe de ‘preocupar’, admitindo, portanto, apenas a passiva adjetival.

Diferentemente, os contextos sintáticos e morfológicos a seguir contêm participios passivos verbais, os quais, segundo a autora: não servem como base para a afixação do negativo *i-/in-* (cf. (40)); não ocorrem como complemento de verbos que indicam mudança de estado (cf. (41)); não co-ocorrem com modificadores de grau (que co-ocorrem com adjetivos, cf. (42) *versus* (43)), podem ser seguidos de expressões predicativas (cf. (44)):

- (40) a. *O campeonato de vôlei foi *indisputado* pela Seleção Brasileira.
 b. *Os problemas foram *irrefletidos* pelos alunos.

- (41) a. A preciosa joia tornou-se *cobiçada* no mundo todo.
 a'. *A preciosa joia tornou-se *vendida* no mundo todo.
 b. O livro ficou *conhecido* de todos.
 b'. *O livro ficou *comprado* em todos os lugares.
- (42) *O grupo da Nitis foi muito/bastante/pouco/bem considerado bom pelos críticos teatrais.
- (43) O trabalho do grupo foi *considerado* muito bom pelos críticos teatrais.
- (44) a. Patrícia é considerada/*feliz uma pianista admirável.
 b. Quem foi nomeado/*esperto presidente deste país?
 c. Raulzinho foi escolhido/*firme chefe dos escoteiros mirins.

(TORRES MORAIS, 1988, p. 124)

A autora acrescenta a esses fatos empíricos o da existência de contextos ambíguos em que é possível uma leitura dinâmica e uma leitura estativa dos participios passivos, o que considera como sendo outra evidência que permite afirmar que algumas passivas são verbais e outras adjetivais. Segundo ela, esses contextos são muito restritos e totalmente dependentes das propriedades semânticas dos verbos ativos que servem como base para a formação dos participios envolvidos. As sentenças em 'a' têm uma leitura dinâmica; as sentenças em 'b' têm uma leitura estativa:

- (45) a. [O solo do Nordeste é *rachado*] pelo sol inclemente.
 b. [O solo do Nordeste é *rachado*] em algumas regiões.
- (46) a. [A carne era *congelada*] pela baixa temperatura.
 b. [A carne era *congelada*] e não fresca.
- (47) a. [Marisa era muito *assustada*] pela sua professora.
 b. [Marisa era muito *assustada*] nos tempos de criança.

- (48) a. [A janela era *quebrada*] pelos meninos da rua.
b. [A janela era *quebrada*] e entrava o frio da noite.

(TORRES MORAIS, 1988, p. 126)

Nesse conjunto de exemplos, observamos os dados em (47), com o verbo ‘assustar’, que admite tanto a passiva verbal (47a) quanto a passiva adjetival (47b).

Destacamos que o trabalho de Torres Morais (1988) corrobora a ideia de que, ao operar nas formas lexicais dos verbos, a apassivação capta as generalizações de subcategorização e compatibilidade semântica das formas lexicais às quais ela se aplica. Em uma perspectiva minimalista, essa ideia pode ser assim reescrita: a apassivação é aplicada a um conjunto de traços da raiz (verbal ou adjetival). No caso da passiva verbal, os traços associados ao argumento externo (por hipótese, [intencionalidade]) são fortes e continuam semanticamente presentes na derivação; no caso da passiva adjetival, a apassivação se aplica a uma raiz recategorizada (verbo>adjetivo), em que os traços do argumento externo não são operativos na sintaxe.⁸⁶

2.2.2. A passiva adjetival no Minimalismo

No Minimalismo, o trabalho de Alexiadou (2005) toca em pontos relevantes para a discussão sobre a natureza das passivas adjetivais. Segundo a autora, a literatura reconhece que em diversas línguas significados semelhantes aos da passiva podem ser obtidos por meio de construções passivas não canônicas. Em inglês, as passivas com ‘ficar’ (do inglês, *get-passives*), analisadas por Alexiadou (2005), são um exemplo desse tipo de construção, como ilustrado em (49).

- (49) a. John was killed in the war.
b. John got killed in an accident.

(HAEGEMAN, 1985 *apud* ALEXIADOU, 2005, p. 13)

Para Alexiadou (2005), essas construções são particularmente interessantes por levantarem questões acerca da distinção entre núcleos lexicais e núcleos funcionais – e

⁸⁶ Voltamos a essa discussão no Capítulo 5, em que desenvolvemos nossa proposta de análise.

evidenciarem a potencial existência de núcleos semilexicais.⁸⁷ A proposta é que *get* ‘ficar’ é uma instância de um núcleo semilexical no domínio verbal, uma vez que não possui propriedades de seleção argumental. Para corroborar essa proposta, a autora utiliza como argumento o contraste entre o exemplo (49b) e os exemplos em (50) e (51), a seguir.

(50) Susan got a book.

(51) John got Mary blamed for the accident.

(ALEXIADOU, 2005, p. 14)

Enquanto em (49b) *get* não parece licenciar o papel- Θ do sujeito, em (50) e (51) ele apresenta uma estrutura argumental completa: em (50) *get* equivale a um verbo lexical; em (51), *get* é um verbo causativo e forma um predicado em que o sujeito é interpretado como o Causador da ação descrita pela oração participial.

A natureza semilexical de *get* é manifestada por uma série de critérios que desambigua núcleos funcionais puros. Em exemplos do tipo (52b), *get* se comporta mais como um verbo lexical do que como um auxiliar, na medida em que demonstra um comportamento atípico para os auxiliares em diversos contextos, incluindo a formação de perguntas e a contração para negação:

(52) a. Did he get killed?/Was he killed/*Got he killed.

b. He didn't get killed/He wasn't killed/*He gotn't killed.

(ALEXIADOU, 2005, p. 15)

Observamos, no entanto, que os mesmos resultados são encontrados se aplicados a verbos de alçamento (p.ex., *seem* ‘parecer’ e *appear* ‘aparecer’). Esses verbos também não aceitam formação de perguntas (**Seems John happy?* ‘João parece feliz?’ Ou **Appears he negligent?* ‘Ele aparece negligente?’) ou a contração para negação (**He seem't interested.* ‘Ele não parece interessado’ ou **Mary appearsn't remiss.* ‘Maria não aparece saudosa’). Em que medida, então, as *get-passives* se aproximam das construções de alçamento? Essa é uma questão importante, pois nos leva a uma reflexão

⁸⁷ Em nossa tese, não discutimos a natureza dos núcleos semilexicais (seja no domínio verbal ou no adjetival). Remetemos o leitor à literatura citada por Alexiadou (2005, p. 41).

adicional, a saber: por que verbos como *get* são classificados como semilexicais e outros não (como os verbos de alçamento ou os auxiliares ‘estar’ e ‘ficar’ nas passivas adjetivais em português). Quais propriedades os distinguem dos demais verbos (lexicais e funcionais)? Em nossa leitura, Alexiadou (2005) não resolve esses pontos plenamente.

Para encerrar a discussão sobre os pressupostos teóricos das propostas acerca da passiva adjetival, passamos à análise proposta por Meltzer-Asscher (2011), que elabora o seguinte panorama sobre os estudos relacionados às passivas verbais e adjetivais. De modo semelhante ao que ocorre com a construção passiva verbal, em construções passivas adjetivais o sujeito recebe, canonicamente, o papel- Θ Tema, o qual, em construção transitiva (ativa), é atribuído ao objeto direto. Adicionalmente a esse fato, a autora segue a literatura ao assumir que argumentos indiretos (como Fonte, Alvo e Locativo) podem ocorrer tanto em construções passivas adjetivais como verbais.

Para além desses fatos, o ponto de interesse no trabalho de Meltzer-Asscher (2011) é a importante distinção em relação à posição do sujeito em uma construção passiva verbal e uma construção passiva adjetival. Para a autora, sujeitos de passivas adjetivais são gerados fora do sintagma adjetival (AP), em *spec, PredP*, como propõe Baker (2003). O sujeito de uma forma verbal, diferentemente, é gerado dentro da projeção máxima do verbo (seja *V* ou *v*).⁸⁸

Meltzer-Asscher (2011) assume, com Baker (2003), que adjetivos são diferentes de verbos por não terem um especificador marcado tematicamente, de forma que os sujeitos de adjetivos são gerados em uma posição de especificador do núcleo funcional *Pred*, uma vez concatenado com AP, que, nessa configuração atribui o papel- Θ Tema ao sujeito. Meltzer-Asscher (2011), no entanto, discorda que o papel- Θ atribuído seja apenas Tema. Para ela, papéis- Θ como Experienciador (p.ex., *bored* ‘aborrecido, chateado’, *confused* ‘confuso’) e Matéria da emoção (*boring* ‘chato’, *confusing* ‘confuso’) também ocorrem em posição de especificador de adjetivos. Em nossa

⁸⁸ Por exemplo, a abordagem de Stowell (1983 *apud* Meltzer-Asscher, 2011, p. 19), cujo pressuposto é de que todas as categorias lexicais (nomes, verbos, adjetivos e preposições) possuem uma posição de sujeito. Meltzer-Asscher (2011) também discute as propostas de Fukui & Speas (1986), Kuroda (1988), Koopman & Sportiche (1991), Stowell (1991), Sportiche (1995) e Bennis (2004). Esses trabalhos defendem, em maior ou menor medida, uma configuração de sujeito interno a XP (onde X pode ser uma das categorias lexicais, nome, verbo, adjetivo ou preposição). No entanto, há um problema central nessas propostas: todas partem da categoria verbal para chegar à caracterização da posição de sujeito das demais categorias. Não há uma motivação independente que prove ser o sujeito de um adjetivo projetado internamente à projeção máxima, razão pela qual Meltzer-Asscher (2011) decide apontar um caminho alternativo para a análise, seguindo Baker (2003).

proposta de análise, seguimos Meltzer-Asscher e propomos que, em passivas adjetivais, o sujeito é projetado externamente à projeção máxima da categoria adjetival.

Meltzer-Asscher (2011) adota – seguindo Wasow (1977), Levin & Rappaport-Hovav (1986), Horvath & Siloni (2008) e outros – o processo de derivação lexical para as passivas adjetivais e o processo de derivação sintática para as passivas verbais. Ademais, a autora argumenta que não há apenas uma, mas duas operações lexicais para formação de passivas adjetivais. A primeira, denominada *saturação*, forma as passivas adjetivais verdadeiras. A segunda, denominada *decausativização*, forma os decausativos adjetivais.⁸⁹

Vamos nos ater, primeiramente, à discussão proposta por Meltzer-Asscher (2011) sobre o processo de formação da passiva adjetival, o qual é objeto de controvérsia, como mencionamos na introdução desta seção. A autora cita Horvath & Siloni (2008, 2009), que mostram que muitas diferenças entre passivas adjetivais e verbais são explicadas naturalmente caso se assuma que a passiva adjetival é derivada pré-sintaticamente, por meio de uma operação lexical, e apresentam três argumentos para corroborar essa proposta.

O primeiro informa que apenas passivas adjetivais podem exibir significados derivados (do inglês, *drifted meanings*), propriedade não compartilhada pelo verbo ativo. De modo diverso, as passivas verbais não apresentam tal propriedade. Meltzer-Asscher (2011) ilustra o argumento com a forma passiva adjetival em hebraico *mufnam* ‘internalizado’ (derivada de *hifnim* ‘internalizar’), que possui um significado adicional: introvertido. A forma passiva verbal correspondente, em contraste, possui apenas o significado esperado. Para Horvath & Siloni (2008, 2009), esse comportamento diferente entre passivas adjetivais e passivas verbais é facilmente explicado sob a hipótese de que as primeiras são derivadas lexicalmente e as últimas, sintaticamente. Itens lexicais armazenados podem ter significados derivados e adquirir sentidos adicionais; o resultado de uma operação sintática, no entanto, tem um sentido composicional.

O segundo argumento discute o fato de que as passivas adjetivais, diferentemente das passivas verbais, podem dar origem a expressões idiomáticas (do inglês, *idioms*) não compartilhadas pela sua contraparte transitiva. Meltzer-Asscher (2011) cita o contraste a seguir para ilustrar a argumentação:

⁸⁹ A natureza dessas operações é discutida no Capítulo 4 desta tese.

- (53) a. muvan me-elav ('self-evident', literalmente: 'understood'._{Adjective} from-to-it')
 b. *huvan me-elav ('understood'._{Verb} from-to-it').

(MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 88)

Em (53a), a forma adjetival compõe expressões idiomáticas, diferentemente da forma verbal em (53b). Assumindo a ideia de que predicados têm de existir no léxico a fim de dar origem a expressões idiomáticas, as autoras concluem que os fatos em (53) sugerem fortemente que passivas adjetivais existem no léxico, enquanto as passivas verbais, não.

Meltzer-Asscher (2011) adota a análise de Horvath & Siloni (2008, p. 129), as quais defendem a existência de verbetes lexicais congelados (do inglês, *frozen lexical entries*), as quais existem no léxico – e por isso servem como *input* para operações lexicais – mas não estão disponíveis para inserção de derivações sintáticas.⁹⁰

- (54) Verbetes congelado:

Um verboete é congelado se um de seus papéis- Θ é inerte, i.e., inacessível fora do léxico.

(HORVATH; SILONI, 2008 *apud* MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 136)

Nesse sentido, Meltzer-Asscher (2011) conclui que a formação de passiva adjetival ocorre lexicalmente, tomando como *input* entradas lexicais; as passivas verbais, por sua vez, tomam como *input* itens do vocabulário disponíveis para inserção sintática.

A autora também destaca o fato de que, na literatura sobre passiva adjetival, assume-se que a interpretação desse tipo de passivas não inclui um argumento externo. Essa observação é baseada em contrastes como os em (55) e (56):

- (55) ha-mexonit nirxaca al-yedey maks / be-tsumet lev / be-cinor.
 the-car was+*washed*_{VERB} by Max in-attention / in-hose
 'The car was washed by Max / carefully / with a hose.'

⁹⁰ No original: *Frozen entry*

An entry is frozen if one of its Θ -roles is inert, that is, inaccessible outside the lexicon. (HORVATH; SILONI, 2008 *apud* MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 136)

- (56) ha-mexonit rexuca (*al-yedey maks / *be-tsumet lev / *be-cinor).
 the-car washed_{ADJ} by Max in-attention / in-hose
 (MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 9)

Em (55), que é uma passiva verbal, a inserção da *by-phrase*, de um advérbio orientado para o sujeito (do tipo *be-tsumet lev* ‘cuidadosamente’) ou de um sintagma instrumental é gramatical. Já em (56), que é uma passiva adjetival, a inserção da *by-phrase*, de um advérbio orientado para o sujeito e/ou de um sintagma instrumental resultam em uma sentença agramatical. Tendo como pressuposto que *by-phrases*, advérbios orientados para o sujeito e sintagmas instrumentais são tidos como elementos licenciados por argumentos externos, os contrastes entre (55) e (56) são tomados como evidências de que passivas adjetivais, diferentemente de passivas verbais, carecem de um argumento externo implícito.⁹¹

O trabalho de Meltzer-Asscher (2011) mostra, no entanto, que em hebraico essa conclusão é imprópria. A análise da autora revela que há uma cisão na classe de passivas adjetivais em hebraico: nessa língua, certas passivas adjetivais possuem um argumento implícito, à semelhança das passivas verbais (e são, por isso, denominadas passivas adjetivais verdadeiras – PAV (do inglês, *true adjectival passives*)), enquanto outras passivas adjetivais carecem de um argumento implícito, semelhantemente ao que ocorre com verbos inacusativos (e são denominadas decausativas adjetivais – DA (do inglês, *adjectival decausatives*)). Essencialmente, Meltzer-Asscher (2011) argumenta que os verbos que dão origem às PAV são exatamente aqueles que podem formar passivas verbais e os verbos que dão origem aos DA são aqueles capazes de formar predicados inacusativos.

Para a autora, as PAV são derivadas por saturação (também presente na derivação da passiva verbal) e as DA são formadas por decausativização (também presente na derivação de verbos inacusativos). Segundo Meltzer-Asscher (2011), a mesma gama de operações de mudança de valência está disponível no sentido de eliminar o argumento externo no domínio adjetival e no domínio verbal. Meltzer-Asscher (2011) assume as seguintes definições para as operações em questão:⁹²

⁹¹ Exemplos em que ocorre o efeito oposto (i.e., nos casos em que passivas adjetivais se comportam como se tivessem um argumento externo) são considerados esporádicos. A esse respeito, V. Lundquist (2013).

⁹² No original:

(i) *Saturation: existential closure of the external Θ -role.* (CHIERCHIA, 2004 *apud* MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 60)

(57) Saturação: fechamento existencial do papel- Θ externo.

(CHIERCHIA, 2004 *apud* MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 60)

(58) Decausativização: eliminação do papel- Θ externo.

(REINHART, 2002 *apud* MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 60)

A síntese dessa proposta está em (59):

(59)

Operação	Saturação	Decausativização
Categoria		
Verbo	Passiva verbal	Inacusativos
Adjetivo	PAV	DA

(MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 61)

É importante notar que não é o caso de o adjetivo ser derivado do tipo verbal paralelo (ou vice-versa); em vez disso, os dois tipos de predicado são derivados diretamente da raiz transitiva, por meio da mesma operação de mudança de estrutura argumental. A diferença entre os predicados reside apenas na diferença categorial entre verbos e adjetivos.

Consideramos relevante, neste momento, mencionar a argumentação de Reinhart (2000) sobre essas operações, bem como a proposta de Reinhart & Siloni (2005) sobre o parâmetro *Lex-Syn*.

Reinhart (2000, p. 7) defende (dada a aplicação de testes sintáticos como os expostos acima) a existência de um argumento implícito externo em passivas verbais, diferentemente de construções inacusativas. Ela propõe que a operação envolvida na passiva verbal é a saturação, a qual fecha existencialmente o papel- Θ externo, o que não ocorre em construções inacusativas. Em outras palavras, o verbo continua sendo um predicado de dois lugares, sendo o papel- Θ externo ligado a uma variável existencial (e, por consequência, o argumento associado a esse papel não é realizado sintaticamente

(ii) *Decausativization: elimination of the external Θ -role.* (REINHART, 2002 *apud* MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 60)

(i.e., não entra na numeração)).⁹³ O fato de a passiva ser marcada morfologicamente é um dos argumentos da autora na defesa de que a saturação não cancela a possibilidade de o verbo atribuir Caso acusativo.

Reinhart & Siloni (2005) mostram, por meio do padrão de comportamento de verbos reflexivos entre diversas línguas, que as operações de mudança de valência (*arity*) são universais.⁹⁴ A considerável variação translinguística no modo como os verbos reflexivos se comportam é apenas resultado do local em que a operação de mudança de valência é aplicada, no léxico ou na sintaxe. Para as autoras, em hebraico, inglês, russo, húngaro e holandês, a operação é aplicada no léxico. Em línguas românicas, em grego, em sérvio-croata, em alemão e em checo, a operação ocorre na sintaxe. A partir desse pressuposto, Reinhart & Siloni (2005) formulam o parâmetro *Lex-Syn*:

(60) O parâmetro *Lex-Syn*:

A GU permite que operações de mudança de valência ocorram no léxico ou na sintaxe.⁹⁵

Em Horvath & Siloni (2008), a passiva verbal é formada pós-lexicalmente (i.e., na sintaxe), como um predicado de dois lugares, e toda a sua derivação é sintática. A passiva adjetival, em oposição, é formada lexicalmente e dividida em dois subtipos distintos: as decausativas e as passivas adjetivais (propriamente ditas). As primeiras envolvem a operação de redução (ou decausativização, no trabalho de Meltzer-Asscher (2011), como apresentamos acima); as últimas, a saturação. Vemos, então, que a proposta de Meltzer-Asscher (2011) é signatária da proposta de Horvath & Siloni (2008), uma que vez a autora assume que a apassivação verbal envolve o processo de saturação, em que o papel- Θ do verbo é atribuído na componente semântica a uma variável ligada existencialmente, como representado em (61), do que decorre a

⁹³ Ramchand (2008, p. 89) também assume que, na passiva verbal, o verbo transitivo mantém e projeta o seu traço [*initiator*], embora a morfologia passiva ligue existencialmente a posição do iniciador (papel equivalente ao do Agente).

⁹⁴ Seguimos Crystal (2008) na adoção da tradução *valência* para o termo *arity*. Complementarmente, justificamos essa tradução pelo fato de o termo ser de uso corrente em lógica, matemática e ciência da computação. Nesses campos do saber, a tradução para o português é também *valência*.

⁹⁵ No original:

The Lex-Syn Parameter

UG allows thematic arity operations to apply in the lexicon or in the syntax. (REINHART; SILONI, 2005, p. 3)

gramaticalidade de *by-phrases*, sintagmas instrumentais e advérbios orientados para o agente nessas construções:

(61) The gangster was murdered.

‘O gangster foi assassinado.’

Interpretação: $\exists e \exists x [\text{MURDER}(e) \ \& \ \text{Agent}(e, x) \ \& \ \text{Theme}(e, \text{the gangster})]$

(HORVATH; SILONI, 2008 *apud* MELTZER-ASSCHER, 2011, p. 85)

Em relação à formação das PAV e dos DA, Meltzer-Asscher (2011) considera que ambas as estruturas envolvem o processo de adjetivação (do inglês, *adjectivization*), em que há a marcação do verbete lexical como estativo, transformando-o em um predicado via abstração *lambda* (do inglês, *λ -abstraction*). A diferença entre os dois processos é que o primeiro (PAV) envolve saturação, e o segundo (DA), decausativização. Como resultado dessa distinção, as PAV envolvem a vinculação de um evento anterior com um agente/causa, do qual resulta o estado consequente. Os DA não têm vinculações de evento, uma vez que a sua interpretação não inclui um papel- Θ externo.

2.3. O argumento externo implícito e o estatuto sintático da *by-phrase*

Nesta seção, resumimos as discussões sobre a existência de um argumento externo em passivas verbais, distinguindo-as das passivas adjetivas, e o estatuto sintático da *by-phrase* – fatos que estão intrinsecamente relacionados, visto que a *by-phrase* está associada ao papel- Θ externo, como vimos demonstrando.

O primeiro fato a ser notado é a impossibilidade de uma *by-phrase* passiva com leitura agentiva ocorrer em uma sentença ativa. Sentenças ativas com *by-phrases* são gramaticais apenas se tais sintagmas preposicionados são interpretados como locativos ou instrumentais, como em (62).⁹⁶

⁹⁶ Segundo Jaeggli (1986, p. 600), a preposição *by* é apenas capaz de atribuir os papéis- Θ locativo e instrumental. Nessa situação, a interpretação de *John was killed by Bill* ‘João foi morto por Bill’ equivale a *Someone killed John in the vicinity of/next to Bill* ‘Alguém matou o João nas proximidades de/próximo a Bill’.

- (62) a. John is killing Mary *by Bill*.
b. John is travelling through Europe *by train*.

(JAEGGLI, 1986, p. 599)

Outro fato é que a preposição *by* não é capaz de atribuir, por si só, um papel- Θ ao DP complemento – esse papel é atribuído pelo verbo (Agente, Fonte, Meta e Experienciador, respectivamente, nas sentenças em (63)), sendo a preposição considerada apenas como marcadora de Caso (ou preposição *dummy*).⁹⁷

- (63) a. Bill was killed by Mary.
‘Bill foi morto por Mary.’
b. The package was sent by John.
‘A encomenda foi enviada por John.’
c. The letter was received by Bill.
‘A carta foi recebida por Bill.’
d. That professor is feared by all students.
‘Aquele professor é temido por todos os estudantes.’

(JAEGGLI, 1986, p. 599)

Esses fatos estão captados na proposta de Jaeggli (1986) pela ideia de percolação do papel- Θ externo (absorvido pelo sufixo passivo) à *by*-phrase – que, como vimos, viola o Critério- Θ . Na proposta de Baker, Johnson & Roberts (1989), a análise se faz em termos de uma cadeia entre o sufixo passivo e a *by*-phrase, representada por uma categoria vazia no caso das passivas curtas.

Boeckx (1998), por sua vez, caracteriza o papel- Θ Agente como sendo realizado invariavelmente como sujeito, já que esse papel- Θ é o mais externo na hierarquia temática. Dessa forma, ele afirma que Agente é o papel- Θ *default* da passiva, de tal forma que em passivas curtas, tais como (64b) e (64c), em oposição a passivas longas como (64a), a leitura preferencial é a de Agente implícito – cf. (65). A demonstração feita pelo autor parte do paradigma em (64).

⁹⁷ O primeiro autor a notar esse fato foi Marantz (1984).

- (64) a. The house was surrounded by trees.
 b. The kissing lovers were surrounded.
 c. The fort was surrounded.

(BOECKX, 1998, p. 95)

- (65) a. The kissing lovers were surrounded [by voyeurs, by the police].
 b. The fort was surrounded [by the enemy].

(BOECKX, 1998, p. 97)

Boeckx (1998) também afirma que a preposição *by* também não é especificada semanticamente e seu significado é obtido de maneira composicional, de forma que em línguas com sistema de Caso rico, outras preposições podem ser utilizadas para expressar o papel- Θ externo em sentenças passivas: preposições marcadoras de Caso instrumental, em línguas como o russo, o tcheco e o canadense; preposições marcadoras de Caso genitivo, em línguas como o grego antigo, o finlandês e o lituano; e preposições marcadoras de Caso ablativo, em línguas como o armênio e o latim. Segundo o autor, isso se deve ao fato de que apenas traços são relevantes no C_{HL} , independentemente de sua realização fonológica. A preposição *by* é, então, considerada *default* em inglês, e veicula o significado agentivo, também *default*.

Sobre o estatuto da *by-phrase*, se argumento ou adjunto, temos o seguinte quadro teórico e empírico. Para Jaeggli (1986, p. 590), dada a definição de argumento como em (66), a *by-phrase* não é um argumento do verbo. Antes, a *by-phrase* deve ser considerada um argumento do morfema passivo *-en*, e não um argumento do predicado verbal.

- (66) $X = NP$ é um argumento de Y sse X é atribuído um papel- Θ listado na entrada lexical de Y por Y ou por uma projeção de Y .⁹⁸

(JAEGGLI, 1986, p. 590)

Boeckx (1998) afirma que a principal evidência de que a *by-phrase* possui o estatuto de argumento advém do italiano. Nessa língua, as *by-phrases* podem ser cliticizadas por *ne*, à semelhança de sintagmas preposicionais argumentos.

⁹⁸ No original: *X = NP is an argument of Y iff X is assigned a Θ -role listed in the lexical entry of Y by Y or by a projection of Y.* (JAEGGLI, 1986, p. 590)

- (67) La sóla persona che ne è stata uccisa
'A única pessoa que por (alguém)-foi morta'

(BOECKX, 1998, p. 226)

Outra evidência apresentada por Boeckx (1998) está relacionada à variabilidade de papéis- Θ que podem ocorrer nas *by-phrases*: esses papéis- Θ não são típicos de adjuntos, e sim de argumentos externos (p.ex., Agente, Experienciador, Causa, Tema), como já exposto acima.

Mais um argumento em favor de que as *by-phrases* possuem o estatuto de argumento advém da proposta de Baker (1988 *apud* Boeckx, 1998), que observa que, em línguas polissintéticas, como o malgaxe, a *by-phrase* pode ser incorporada ao verbo, o que só pode ser feito por argumentos.

- (68) Mi-vidy vary Rina
ação-comprar arroz Rina.
'Rina compra arroz.'

- (69) Vidi-n dRakotony vary.
Comprar-PASS Rakoto o arroz.
'O arroz é comprado por Rakoto.'

(Baker, 1988 *apud* Boeckx, 1998, p. 223)

Em contrapartida, para a defesa de que a *by-phrase* é um adjunto, Boeckx (1998) lembra que há o fato de esse sintagma ser opcional. Entretanto, o autor demonstra que certos verbos transitivos têm uso intransitivo, como em (68), situação que indica que argumentos podem ser opcionais.⁹⁹

⁹⁹ Paralelamente à questão da opcionalidade da *by-phrase*, Boeckx (1998) aborda a obrigatoriedade da presença de *by-phrases* em línguas malaio-polinésias, como o paluan e o indonésio, e a língua dravídica kota. O fato interessante dessas línguas, apontado já por Jaeggli (1986), é fato de que o verbo passivo concorda em número e gênero com o NP Agente. Ainda sobre essa questão, Jaeggli (1986) afirma que até em inglês, uma língua em que as *by-phrases* são claramente opcionais, parece haver casos em que o sintagma agente é obrigatório.

- (i) a. On his deathbed he was succeeded by his daughter.
'Em seu leito de morte, ele foi sucedido por seu filho.'
b. *On his deathbed, he was succeeded.
'Em seu leito de morte, ele foi sucedido.'
- (ii) a. His first insult was followed by an even worse one.
'Seu primeiro insulto foi seguido por outro ainda pior.'

(70) a The man is eating \emptyset / is eating an apple.

b. The chicken is laying \emptyset / the cuckoo lays its eggs in other birds' nests.

(BOECKX, 1998, p. 225)

Dados esses fatos, na proposta de Boeckx (1998) para a passiva verbal, a *by-phrase* duplica o argumento *pro* em *vP* (daí o papel- Θ da *by-phrase* e de *pro* serem idênticos), o que dá à *by-phrase* o estatuto misto de argumento (pois duplica um argumento) e adjunto (porque se adjunge a um argumento).

Em síntese, nesta seção discutimos a existência de argumento externo implícito nas passivas verbais. Acreditamos que o licenciamento desse argumento implícito esteja relacionado à riqueza morfológica do particípio que ocorre em passivas verbais, no que seguimos Jaeggli (1986), Baker, Johnson & Roberts (1989) e Boeckx (1998), cujos trabalhos destacam a relevância da morfologia participial. Sobre o estatuto da *by-phrase*, verificamos uma linha de análise que a trata como um argumento, como um adjunto ou como adjunto e argumento (estatuto misto).

2.4. Síntese do Capítulo 2

Neste Capítulo, exploramos o tratamento teórico dado às passivas verbais e adjetivais na Teoria de Regência e Ligação e no Programa Minimalista. No âmbito da Teoria de Regência e Ligação, as propostas para a passiva verbal investigam o fato de o argumento externo da ativa não ser realizado na passiva. Para Jaeggli (1986), esse fenômeno está relacionado à morfologia participial, a qual é responsável por absorver o papel- θ do argumento externo; para Baker, Johnson & Roberts (1989), o morfema *-en* é um argumento. Em relação à passiva adjetival, as propostas na Teoria de Regência e Ligação postulam que a passiva adjetival é formada no léxico, por meio de uma Regra de Formação da Passiva Adjetival (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1986).

b. *His first insult/one was followed.
'Seu primeiro insulto foi seguido.'

(MIHAILOVIC, 1966 *apud* JAEGGLI, 1986, p. 602, nota 13)

No entanto, a passiva com o verbo *follow* é gramatical se ocorrer com um sujeito sintático (objeto direto da ativa) animado:

(iii) The Russian spy was surely followed.
'O espião russo foi certamente seguido.'

(JAEGGLI, 1986, p. 603, nota 13)

No âmbito do Programa Minimalista, as propostas teóricas sobre a passiva verbal repensam os postulados formulados nos trabalhos anteriores (Teoria de Regência e Ligação), de modo a evitar problemas como os relacionados à U(T)AH. Para Boeckx (1998), a morfologia participial é a responsável pela configuração da passiva. Em sua proposta, o morfema *-en* é responsável pelo licenciamento de *pro*, o qual é o argumento implícito da passiva. Para Collins (2005), o local de concatenação do argumento externo na ativa e na passiva são os mesmos, *spec,vP*. O autor postula, para a passiva, a existência do núcleo Voice. O núcleo Part, que comporta o argumento interno, sobe à posição de *spec,VoiceP*, em um processo denominado *smuggling*. Com esse processo, o argumento interno pode ocupar a posição de sujeito sintático sem violar os efeitos de intervenção defectiva. Gehrke & Grillo (2009) propõem que *smuggling* seja motivado por um traço do tipo *BECOME*, o qual está relacionado a propriedades discursivas. O trabalho de Legate (2014), também em relação à passiva verbal, estabelece estreita relação entre os traços do iniciador e do núcleo Voice, este sendo responsável pela introdução do argumento externo.

Ainda no âmbito do Programa Minimalista, as propostas teóricas trazem um refinamento para as passivas adjetivais, as quais são divididas em passivas estativas e passivas resultativa. Em Embick (2004) e Duarte & Oliveira (2010), as passivas adjetivais são caracterizadas em termos de diferentes alturas de concatenação do sufixo participial (aspectual) na hierarquia funcional dos núcleos que compõem a estrutura interna das passivas. Alexiadou (2005), por sua vez, propõe que *get* ('ficar') é uma instância de um núcleo semilexical do domínio verbal. Meltzer-Asscher (2011), por fim, propõe que sujeitos de passivas adjetivais são projetados externamente à projeção máxima da categoria adjetival. Para a autora, as passivas adjetivais são formadas pré-sintaticamente (como em Horvath & Siloni, 2008, 2009).

Na última seção deste Capítulo, discutimos a existência de argumento externo implícito nas passivas verbais com predicados ExpObj e o estatuto da *by-phrase*.

CAPÍTULO 3

OS PREDICADOS PSICOLÓGICOS E AS CONSTRUÇÕES PASSIVAS

Neste Capítulo, desenvolvemos a ideia, já apresentada no Capítulo 1, de que os predicados psicológicos constituem uma classe de verbos que são linguisticamente especiais. Para isso, tomamos como objeto de análise as construções passivas verbais e adjetivas formadas com a subclasse de verbos ExpObj (os verbos ExpSuj aparecendo somente para fins de descrição dos fatos relevantes, visto que essa classe de verbos se comporta de maneira previsível e regular com respeito à construção passiva, não constituindo, portanto, um problema teórico).

O Capítulo se organiza em três seções. Na primeira, descrevemos o comportamento peculiar dos predicados psicológicos com respeito a fenômenos observados em diversas línguas e apresentamos o tratamento dado por diversos autores para o mapeamento dos argumentos dos predicados psicológicos – um fenômeno, por hipótese, relacionado aos chamados efeitos psicológicos. Na segunda seção, discutimos a questão da agentividade, como fator que bloqueia os efeitos psicológicos, focando, principalmente, a análise de Arad (1998) para o tratamento formal dessa propriedade semântica. Por fim, na última seção, apresentamos a proposta de tipologia linguística de Landau (2010), que se baseia na formação de passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos ExpObj, e ampliamos essa proposta incluindo o espanhol e o português a partir da discussão de trabalhos anteriores sobre essas línguas.

3.1 Propriedades gerais dos predicados psicológicos: os chamados efeitos psicológicos

Tem sido demonstrado, na literatura sobre os predicados psicológicos, que há fenômenos sintáticos específicos que estão relacionados a argumentos Experienciadores, especialmente quando em posição de objeto (ExpObj). Esses fenômenos sintáticos são conhecidos como efeitos psicológicos (do inglês, *psych*

effects) (BELLETTI; RIZZI, 1988; ARAD, 1998; LANDAU, 2010). O nosso objeto de estudo, as passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos ExpObj, configura um desses efeitos, uma vez que, em se tratando de verbos aparentemente transitivos, seria de se esperar que admitissem a passiva verbal, o que, como já foi demonstrado no Capítulo 1, não corresponde aos fatos. Outros fenômenos considerados como efeitos psicológicos, apontados na literatura sobre esses verbos, encontram-se reunidos no trabalho de Landau (2010) que, com base no comportamento peculiar dos predicados psicológicos, defende a tese de que esses predicados são gramatical e cognitivamente especiais. Apresentamos a seguir a nossa síntese dos fatos discutidos por Landau (2010).

- (i) No grego, a duplicação de clíticos de objetos acusativos é opcional (como em (1a)). Esse padrão torna-se diferente em uma única situação: a duplicação é obrigatória quando o objeto (acusativo) é um argumento Experienciador (em (1b)).

- (1) a. O Jannis (tin) ghnorise tin Maria se ena party.
 The John (cl.ACC) met the Mary in a party
 ‘John met (her) Mary at a party.’
 b. Ta epipla ?* (ton) enohlun ton Petro.
 the furniture ?* (cl.ACC) bother the Peter
 ‘The furniture bothers Peter.’

(LANDAU, 2005, p. 2)

- (ii) Em russo, há uma regra denominada Regra de Negação do Genitivo (do inglês, *genitive of negation rule*) (BORCHEV; PARTEE, 2001), a qual muda o Caso de objetos diretos para o genitivo quando em um processo chamado Negação de Oração (do inglês, *clause-mate negation*). Essa regra é opcionalmente aplicada a todos os objetos acusativos (como em (2a)) – a única exceção está relacionada aos Experienciadores (em (2b)):

- (2) a. Ja ne našel tzvety/tzvetov.
 I not found flowers.ACC/GEN
 ‘I didn’t find (the) flowers.’

- b. Šum ne ogorčil ni odnu devočku / *odnoj devočki.
 noise.NOM not upset no one girl.ACC / *GEN
 ‘The noise didn’t upset a single girl.’

(LANDAU, 2005, p. 2)

(iii) Em hebraico, a operação de relativização de objetos diretos pode opcionalmente deixar um pronome resumptivo no local da extração, embora uma lacuna seja preferida (em (3a)). O pronome resumptivo torna-se obrigatório quando o objeto é um Experienciador (em (3b)):

- (3) a. ze ha-išl še-ha-ma'amar te'er (?oto₁).
 this the-man that-the-article described (?him)
 ‘This is the man that the article described.’
 b. ze ha-išl še-ha-ma'amar hid'ig *(oto₁).
 this the-man that-the-article worried *(him)
 ‘This is the man that the article worried.’

(LANDAU, 2005, p. 3)

(iv) Em diversas línguas, o sujeito da matriz é o único controlador possível de um adjunto não finito. Uma exceção sistemática ocorre com objetos Experienciadores, os quais, diferentemente de todos os outros objetos, podem controlar adjuntos não finitos. Nos dados do francês, em (4), observa-se um contraste mínimo entre uma Meta e um Experienciador dativo (as opções de controle são desambiguizadas pela concordância de gênero da forma participial presente no adjunto):

- (4) a. [PRO_{1/*2} remis(*e) sur pied], son mari₁ s'adresse à Yolande₂.
 re-put on foot, her husband addressed to Yolande
 ‘Once recovered, her husband addressed Yolande.’
 b. [PRO_{1/2} remis(e) sur pied], son mari₁ manque à Yolande₂.
 re-put on foot, her husband misses to Yolande
 ‘Once recovered, Yolande misses her husband.’

(LANDAU, 2005, p. 3)

- (v) Também em diversas línguas, um objeto anafórico pode (e em alguns casos, deve) ser ligado pelo sujeito local – esta é, de fato, a configuração canônica de ligação – (como em (5a)). Tal ligação falha em construções como a de (5b):
- (5) a. John & Mary resemble each other.
 b. ?* John & Mary concern each other.

(LANDAU, 2005, p. 2)

A explicação para esses comportamentos distintos dos predicados psicológicos em relação a outras classes de verbos é, em geral, associada a propriedades lexicais dessa classe de verbos, as quais são tratadas de diferentes maneiras pelos pesquisadores, segundo o referencial teórico que dá suporte às suas análises.

Nesse sentido, por exemplo, o trabalho seminal de Belletti & Rizzi (1988) focaliza o problema de mapeamento do argumento Experienciador, que, como vimos no Capítulo 1 desta tese, ora aparece na posição de sujeito, ora na posição de objeto. Para eles, conquanto a estrutura superficial (do inglês, *Superficial-Structure*) de predicados ExpSuj e ExpObj seja diferente, a estrutura profunda (do inglês, *Deep-Structure*) é semelhante em muitos aspectos.¹⁰⁰ Os autores propõem uma classificação dos predicados psicológicos que leva em consideração uma grade temática uniforme, constituída pelos papéis de Experienciador e Tema, e grades de Caso minimamente diferentes no que diz respeito ao parâmetro lexical que envolve a seleção de diferentes Casos inerentes para o Experienciador, o que resulta em três classes de verbos psicológicos no italiano – *temere* ('temer'), *preoccupare* ('preocupar') e *piacere* ('agradar') – descritas como a seguir:^{101 102}

¹⁰⁰ Registramos que o trabalho de Belletti & Rizzi (1988) situa-se na Teoria de Regência e Ligação.

¹⁰¹ Belletti & Rizzi (1988, p. 343) propõem que, de maneira geral, os verbos têm uma grade temática e uma grade de Caso. A primeira é definida como uma lista não ordenada de papéis temáticos e a segunda como uma especificação dos Casos inerentes idiossincriticamente selecionados por um verbo.

¹⁰² Em adição à divisão tradicional na teoria de Caso em Caso estrutural e Caso não estrutural, é preciso distinguir dois tipos distintos de Caso não estrutural: Caso lexical e Caso inerente. Caso lexical é idiossincrático, selecionado lexicalmente e licenciado por certos núcleos lexicais (certos verbos e preposições). Caso inerente é mais regular, associado a certas posições- Θ (Caso inerente dativo com *DP goals* e Caso inergativo com argumentos externos).

(6) *Temere*

Gianni teme l'inflazione.

'João teme a inflação.'

Grade- θ : <Experienciador, Tema>¹⁰³

Grade de Caso: <__, __>

(7) *Preoccupare*

L'inflazione preoccupa Gianni.

'A inflação preocupa João.'

Grade- θ : <Experienciador, Tema>

Grade de Caso: <ACC, __>

(8) *Piacere*

La musica piace a tutti.

'A música agrada a todos.'

Grade- θ : <Experienciador, Tema>

Grade de Caso: <DAT, __>

(BELLETTI; RIZZI, 1988, p. 343)

Em outras palavras, a diferença de comportamento entre as três subclasses de predicados psicológicos no italiano é dada lexicalmente e Belletti & Rizzi (1988) atribuem essa propriedade a uma operação lexical que resulta no seguinte princípio de mapeamento:¹⁰⁴

¹⁰³ Belletti & Rizzi (1988) fazem uso da sublinha para marcar o argumento externo, o qual deve ser projetado na posição de sujeito. Quando a sublinha não aparece na grade temática, não há argumento marcado como argumento externo.

¹⁰⁴ No original:

Linking Principle for Experiencer Verbs:

Given a θ -grid [Experiencer, Theme], the Experiencer is projected to a higher position than the Theme. (BELLETTI; RIZZI, 1988, p. 344)

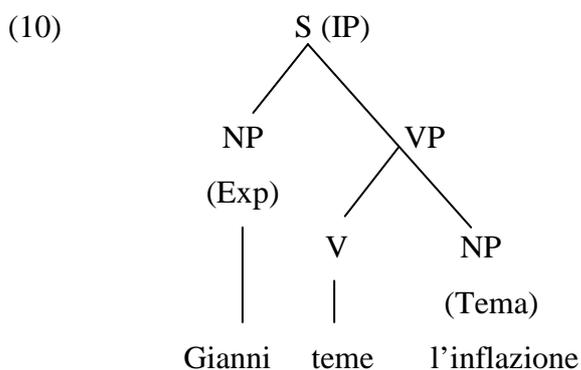
(9) Princípio de mapeamento para verbos de Experienciador

Dada uma grade- Θ [Experienciador, Tema], o Experienciador é projetado em uma posição mais alta em relação ao Tema.¹⁰⁵

(BELLETTI; RIZZI, 1988, p. 344)

Segundo Belletti & Rizzi (1988), em termos estruturais, a posição do papel- Θ não Experienciador é sempre a mesma: a posição subjacente de objeto direto. O papel- Θ Experienciador pode ocorrer na posição de sujeito (ExpSuj) ou em uma posição interna ao sintagma verbal (do inglês, *verbal phrase* – VP) e mais alta que o objeto direto (ExpObj).

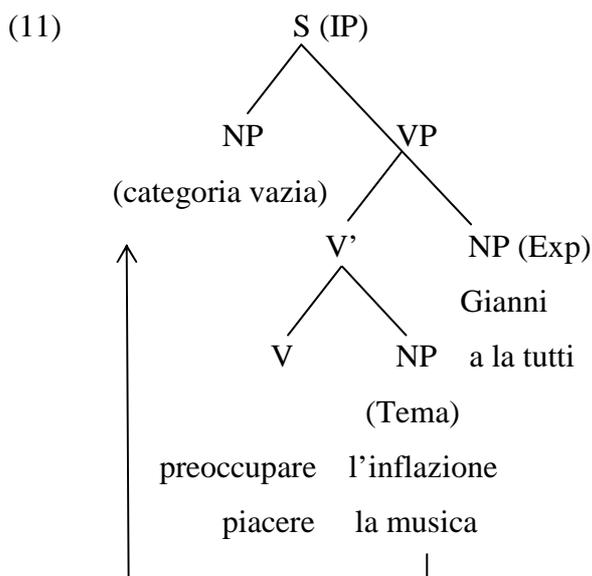
Para *temere*, os autores propõem que o Experienciador é selecionado como argumento externo (não possui Caso inerente) e, sendo um argumento externo tematicamente selecionado, pode atribuir Caso estrutural acusativo ao Tema. Os verbos da classe de *temere* (ExpSuj) projetam-se em uma estrutura transitiva, como em (10), e, nessa configuração, a passiva verbal é permitida:



Já os verbos das classes de *preoccupare* e de *piacere*, os quais são ExpObj, são projetados em uma estrutura inacusativa de duplo objeto, com posição de sujeito atemática (representada por uma categoria vazia para a qual o argumento Tema é movido), como em (11):

¹⁰⁵ Para Belletti & Rizzi (1988), nas classes de *preoccupare* e *piacere*, cuja estrutura de duplo objeto comporta os argumentos Tema e Experienciador, o fenômeno de ligação excepcional de anafórico (ilustrado abaixo) constitui evidência para o fato de que o Experienciador é gerado em posição mais alta que o Tema, no interior de VP.

(i) [Questi pettegolezzi su di sé]_{Tema} preoccupano [Gianni]_{Exp} più de ogni altra cosa.
'Estas intrigas sobre si mesmo preocupam João mais que qualquer outra coisa.'



Para esses verbos, a marcação de Caso do Experienciador é inerente (acusativo para *preoccupare* e dativo para *piacere*).¹⁰⁶ Essa marcação de Caso inerente impede o Experienciador de subir à posição de sujeito sintático. O Tema deve, então, subir à posição de sujeito para receber Caso nominativo, como vemos em (11). Para corroborar a análise de que os verbos das classes de *preoccupare* e *piacere* são inacusativos, Belletti & Rizzi (1988) aplicam testes sintáticos que revelam um conjunto de propriedades de sujeitos derivados/superficiais, os quais, segundo os autores, são incapazes de (i) se ligar a clíticos reflexivos; (ii) receber interpretação de *pro* arbitrário; (iii) estar encaixados em construções causativas; e (iv) formar passiva verbal. Focamos o teste (iv), por ser objeto de nossa análise nesta tese.

Como já discutimos no Capítulo 2, a construção passiva verbal não é permitida para a classe dos inacusativos (apenas a passiva adjetival é permitida). Assim, Belletti & Rizzi (1988) sustentam que os predicados ExpObj, por não projetarem papel- Θ externo – e serem inacusativos – não podem formar passiva verbal. A única construção passiva possível com esses predicados é a adjetival, conforme ilustrado pelos dados do italiano:

(12) a. Sono {stufo/stanco/entusiasta} delle sue idee.

‘Eu estou farto/cansado/entusiasmado das suas ideias.’

¹⁰⁶ Na proposta de Belletti & Rizzi (1988), Caso inerente é marcado no léxico e atribuído ao Experienciador pelo complexo [V+NP] – o que constitui a maior regularidade da proposta: na estrutura profunda, V θ -marca diretamente o tema e o complexo [V+NP] θ -marca composicionalmente o Experienciador. Não há, então, violação à U(T)AH.

b. Sono {*stufato/*stancato/*entusiasmato} delle sua idee.

‘Eu sou farto/cansado/entusiasmado pelas suas ideias.’

(BELLETTI; RIZZI, 1988)

Para os autores, o fato de que, no italiano, não existem formas participiais regulares de alguns verbos psicológicos ExpObj – cf. (12b) – corrobora a análise de que esses verbos são inacusativos, o que inviabiliza a formação de passiva verbal.

É a partir dessa evidência empírica (que subsidia a estipulação relacionada à inacusatividade) que trabalhos que discutem a passiva com predicados psicológicos partem – e é a partir dela que também trabalhamos as passivas com predicados ExpObj. No entanto, é em relação a problemas de natureza empírica (i.e., análise de dados) que se registram as maiores críticas à proposta de Belletti & Rizzi (1988). Dentre os testes aplicados pelos autores para diagnosticar o caráter profundo do sujeito dos verbos da classe de *preoccupare*, o teste de apassivação ganha destaque na literatura.

Antes de continuarmos a exposição sobre a literatura linguística a respeito dos predicados psicológicos ExpObj em construção passiva, temos algumas considerações sobre a proposta de Belletti & Rizzi para os predicados psicológicos.

Na perspectiva que adotamos nesta tese – a de que a raiz lexical determina a possibilidade ou não de um verbo psicológico ocorrer em passiva –, a proposta de Belletti & Rizzi (1988) é relevante, uma vez que situa no léxico a diferença entre as classes (*temere*, *preoccupare* e *piacere*). Entretanto, seguimos Pesetsky (1995) e Bouchard (1995), para quem a proposta de Belletti & Rizzi (1988) envolve dois problemas centrais. Primeiramente, não explica por que somente os verbos da classe de *temere* projetam um argumento externo. Em segundo lugar, não se explica o porquê de os verbos ExpObj possuírem distintas marcações de Caso – *preoccupare* sendo marcado inerentemente com Caso acusativo e *piacere* com Caso dativo. Esses dois problemas tocam diretamente na questão da aquisição dos predicados psicológicos, já que é preciso explicar como ocorre esse processo, nomeadamente tendo em vista todas as idiosincrasias identificadas por Belletti & Rizzi (1988) para a informação lexical carregada por esse tipo de verbo.

Feitas essas considerações, prosseguimos a exposição, abordando o trabalho de Pesetsky (1995), o qual propõe um minucioso reexame dos testes utilizados por Belletti & Rizzi (1988) para enquadrar os predicados psicológicos ExpObj como inacusativos. O autor defende uma divisão bipartite desses predicados – *fear* (‘temer’) e *frighten*

(‘assustar’) –, que tem por base apenas o mapeamento do Experienciador em posição de sujeito ou em posição de objeto, conforme ilustram os dados em (13) abaixo.

- (13) a. Bill_{Exp} fears ghosts.
‘Bill teme fantasmas.’
b. Ghosts frighten Bill_{Exp}.
‘Fantasmas assustam Bill.’

(PESETSKY, 1995, p. 18)

Pesetsky (1995) considera que a diferença de mapeamento entre essas duas classes está relacionada ao fato de os verbos ExpObj (*frighten*) serem causativos (compostos de uma raiz do tipo *fear* mais um morfema CAUS, que pode ser zero) e à propriedade de os verbos participarem ou não do fenômeno da alternância de configuração sintática.

Contrariamente ao que Belletti & Rizzi (1988) propõem, Pesetsky (1995) defende que apenas um grupo de verbos ExpObj se enquadra na categoria pura de inacusativos – e estes, conseqüentemente, não ocorrem em construção passiva verbal. Seguindo a Generalização de Burzio (1981) – cf. Capítulo 1 desta tese –, o autor argumenta que um grupo extenso de verbos ExpObj não é inacusativo em uma visão rígida, como a assumida por Belletti & Rizzi (1988), pois possuem apenas uma das propriedades dos inacusativos (a de que eles licenciam movimento entre a posição de argumento interno e a posição de argumento externo). No entanto, esses verbos não mostram uma posição atemática de sujeito, conclusão a que o autor chega após aplicar os testes propostos por Belletti & Rizzi (1988) aos dados do inglês. Por exemplo, o autor demonstra que predicados ExpObj formam passivas verbais – cf. (14) – e, portanto, devem ser considerados transitivos.¹⁰⁷

¹⁰⁷ De acordo com Naves (2005, p. 57), a tradução dos exemplos do inglês, em (14), para o português ocorre sob a forma de uma passiva adjetival (comportamento observado por Belletti & Rizzi (1988) para o italiano). Isso poderia ser, segundo a autora, um indício de que, no português, só se admite a formação de passivas adjetivais a partir de predicados ExpObj. Mas, ainda segundo Naves (2005), predicados psicológicos ExpObj admitem construções passivas verbais, como em (i).

(i) A torcida local foi animada pelo grupo de jogadores reserva.
Este é o problema sobre o qual nos debruçamos nesta tese. Nossa hipótese, já apresentada no Capítulo 1 desta tese, é a de que a leitura agentiva, observada nos dados em (i), mas não nos dados em (14), é determinante para a interpretação da passiva verbal.

- (14) a. Bill was angered by Mary's conduct.
 'Bill ficou enfurecido com a conduta de Mary.'
- b. The paleontologist was pleased by the discovery of the fossil.
 'O paleontologista ficou satisfeito pela descoberta do fóssil.'
- c. Bill was irritated by the loud noises coming from next door.
 'Bill ficou irritado com os barulhos vindos da porta ao lado.'
- d. John was worried by my remarks.
 'John ficou preocupado com as minhas observações.'
- e. Bill was frightened by strange noises.
 'Bill ficou assustado com os barulhos estranhos.'
- f. Bill would not be satisfied by halfway measures.
 'Bill não ficaria satisfeito com meias medidas.'
- g. Sue was embittered by her experiences with discrimination.
 'Sue ficou amargurada com suas experiências com discriminação.'
- h. Mary was cheered by the French victory.
 'Mary ficou animada com a vitória francesa.'
- i. Harry was puzzled by Sue's curious behaviour.
 'Harry ficou intrigado com o comportamento curioso de Sue.'
- j. Harry was grieved by the court's decision.
 'Harry ficou entristecido com a decisão da corte.'
- k. Sue was bored by her work on lexical entries.
 'Sue ficou entediada com o seu trabalho sobre entradas lexicais.'

(PESETSKY, 1995, p. 22-23)

Pesetsky (1995, p. 55) defende, então, para dar conta do comportamento especial dos predicados psicológicos, um refinamento semântico do papel- Θ do argumento não Experienciador (descrito genericamente na literatura como Tema). Para o autor, no caso dos predicados ExpObj, o argumento sujeito carrega o papel- Θ Causador (do inglês, *Causer*). Os argumentos objeto dos predicados ExpSuj, por sua vez, carregam ou o papel- Θ denominado Alvo da Emoção (do inglês, *Target of Emotion*) ou o papel- Θ denominado Matéria da Emoção (do inglês, *Subject Matter of Emotion*).¹⁰⁸ O papel- Θ

¹⁰⁸ Em Pesetsky (1995, p. 56), a diferença entre Alvo e Matéria da Emoção está relacionada ao fato de o primeiro ser avaliado pelo Experienciador, enquanto o segundo provoca no Experienciador interesse/reações de natureza específica.

Causador associa-se à classe de *frighten* (ExpObj), como no dado em (15). Os papéis- Θ Alvo da Emoção e Matéria da Emoção associam-se à classe de *fear* (ExpSuj) e à estrutura alternante dos verbos da classe de *frighten*, situação em que o Experienciador aparece na posição de sujeito – dados (16) e (17), respectivamente.

(15) [The article in the Times]_{Causador} angered Bill_{Exp}.

‘[O artigo no Times] irritou Bill.’

(16) The paleontologist_{Exp} loved [the fossil]_{Alvo da Emoção}.

‘O paleontologista amou [o fóssil].’

(17) Bill was angry [at the article in the Times].

‘Bill ficou irritado [com o artigo no Times]_{Matéria da Emoção}.’

(PESETSKY, 1995, p. 56-57)

Em nossa avaliação, (16) e (17) se diferenciam em um ponto adicional, não abordado por Pesetsky (1995). Em (16), o ‘paleontologista’, de alguma forma, é mais agentivo – no sentido de que carrega uma certa carga de intencionalidade (tomada abstratamente) –, em contraste com ‘Bill’, em (17), que recebe interpretação de argumento afetado. Observamos que, em português, a alternância ExpSuj da classe de *frighten*, em (17), é realizada sob a forma de uma passiva adjetival. A substituição do auxiliar ‘ficar’ pelo auxiliar da passiva verbal, ‘ser’, resulta em uma sentença agramatical (‘*Bill foi irritado com o artigo no Times.’), o que corrobora a nossa hipótese de que a ausência do traço [intencionalidade] desempenha um papel crucial no licenciamento da construção passiva adjetival.¹⁰⁹

A distinção das construções em (15), (16) e (17) em termos de papéis- Θ representa uma abordagem lexical do problema por Pesetsky (1995).¹¹⁰ O autor postula, então, que essa propriedade lexical dos predicados psicológicos ExpObj – de possuírem uma semântica causativa – tem como contraparte formal um morfema CAUS, que pode se manifestar fonologicamente na estrutura ou não. A proposta é a de que os verbos da classe de *frighten* são morfologicamente complexos (bimorfêmicos), sendo formados

¹⁰⁹ Para mais detalhes sobre essa linha de argumentação, remetemos o leitor para o Capítulo 5 desta tese.

¹¹⁰ Uma consequência relevante é que a proposta de Pesetsky (1995) evita, por meio de uma distinção temática, os problemas relacionados à U(T)AH – visto que os papéis- Θ que participam da predicação são distintos.

por um morfema causativo (no inglês, um morfema zero, não realizado fonologicamente), e uma raiz do tipo *fear* (ExpSuj), à qual esse morfema está ligado. A proposta de Pesetsky (1995) encontra respaldo no japonês, língua em que o morfema causativo é realizado fonologicamente na estrutura alternante ExpObj dos predicados do tipo *frighten*, como os dados a seguir ilustram:

(18) a. Taroo-ga ongaku-o tonasin-da.

Taroo-NOM music-ACC be amused-past.

‘Taro se divertiu com a música.’

b. Ongaku-ga Taroo-o tanosim-ase-ta.

Music-NOM Taroo-ACC be amused-CAUSE-past

‘A música divertiu Taro.’

(AKATSUDA, 1976 *apud* PESETSKY, 1995, p. 68)

Uma crítica dirigida ao trabalho de Pesetsky (1995) diz respeito à distinção dos papéis- Θ não Experienciadores. Como aponta Naves (2005), citando, DiDesidero (1999), é importante que as noções de papel- Θ sejam analisadas como o resultado de uma configuração de propriedades semânticas dos itens lexicais, possivelmente em forma de traços semânticos. De acordo com DiDesidero (1999 *apud* Naves, 2005), a distinção proposta por Pesetsky (1995) entre os papéis- Θ Causa, Alvo da Emoção e Matéria da Emoção não é claramente motivada, não havendo uma explicação plausível para o fato de um mesmo verbo (os da classe de *frighten*) projetar, em uma dada estrutura (ExpObj), um argumento com papel- Θ Causador (que ocupa a posição de sujeito) e, em outra estrutura (alternante, em que o Experienciador ocupa a posição de sujeito), selecionar um argumento com papel- Θ de Alvo ou Matéria da Emoção.

Em nossa tese, defendemos igualmente a necessidade de se especificar quais propriedades semânticas dos predicados psicológicos determinam o papel- Θ do argumento Causador ou Agente na classe dos predicados ExpObj. Essa distinção é fundamental, principalmente para analisar, por exemplo, a existência ou não dos efeitos psicológicos e caracterizar a *by-phrase* em construções passivas verbais. Como defendemos nesta tese, [intencionalidade] é o traço caracterizador do papel- Θ Agente que determina a possibilidade ou não de identificação do argumento/Agente implícito encontrado nas passivas verbais.

De Pesetsky (1995), adotamos principalmente a proposição de que o argumento sujeito de predicados ExpObj possui o papel- Θ Causador. Como veremos em Landau (2010), quando o argumento sujeito desses predicados é um Agente (em sentido estrito), não temos mais um predicado psicológico, mas uma construção transitiva (e também seguimos Landau (2010), contra Pesetsky (1995), quanto à ideia de que os predicados ExpObj são inacusativos quando em contexto não agentivo).

Voltando à questão dos efeitos psicológicos, uma voz contrária a que eles existam vem do trabalho de Bouchard (1995), que se filia à crítica de Dowty (1991), para quem não importa o quão convincente sejam as propostas de que predicados psicológicos se comportam de maneira peculiar em inglês e em italiano, sendo a questão mais profunda (não respondida por propostas anteriores) a verdadeira razão de a classe particular de predicados psicológicos ocorrer em uma estrutura subjacente abstrata e aparecer em estruturas alternantes na forma superficial, enquanto outras classes de verbos (como verbos transitivos prototípicos (como ‘matar’), verbos estativos, verbos de movimento, verbos de três lugares etc.) nunca o fazem.¹¹¹

Bouchard (1995) discute propostas sobre predicados psicológicos desenvolvidas no âmbito da Gramática Transformacional (cf. RUWET, 1972), segundo as quais as classes ExpSuj e ExpObj são distintas em termos do traço [psico-movimento], associado a uma regra específica – abordagem que, como já relatamos, não se enquadra nos desenvolvimentos posteriores da teoria, uma vez que, nos modelos mais recentes, não se marcam itens lexicais individuais com regras transformacionais específicas. E, embora descarte propostas anteriores (nomeadamente Belletti & Rizzi (1988) e Pesetsky (1988, 1990)) em favor do pressuposto de que papéis- Θ não participam de processos gramaticais, considera necessário explicar os chamados efeitos psicológicos.¹¹²

Bouchard (1995, p. 265) responde à provocação de Dowty (1991) propondo que os predicados psicológicos não são gramaticalmente especiais, pois as propriedades especiais dos predicados psicológicos não dependem de fatores gramaticais, mas da natureza referencial especial de entidades mentais, como sentimentos. O autor propõe, então, que as propriedades especiais dos psicológicos ocorrem com outros tipos de predicados, os quais não possuem um conteúdo psicológico inerente e defende que verbos tradicionalmente denominados psicológicos são apenas uma subclasse de um

¹¹¹ Dowty (1991) se refere ao argumento não Experienciador como *stimulus* (= *Theme*).

¹¹² Os dois trabalhos de Pesetsky citados pelo autor são anteriores ao que apresentamos na seção precedente desta tese.

grupo muito produtivo de construções psicológicas. Segundo ele, para uma vasta classe de verbos, se uma de suas posições argumentais é preenchida por uma coisa psicológica (do inglês, *psy-chose*), ou seja, por um objeto psicológico, encontrado apenas no espaço mental, tal como uma emoção, então a sentença é uma construção psicológica. Para Bouchard (1995), isso é possível com praticamente qualquer verbo de mudança de estado com dois ou mais argumentos.

Dessa maneira, os predicados psicológicos formam construções psicológicas porque o argumento interpretado como uma coisa psicológica é incorporado ao verbo – e é apenas isso o que há de especial neles.¹¹³ Bouchard (1995) acredita que cada um dos papéis- Θ psicológicos (do inglês, *psych roles*) pode ser atribuído a diferentes posições – nesse modelo, então, não se justificam análises que se baseiam na uniformidade de atribuição de papel- Θ .

Consideramos que o posicionamento de Bouchard (1995) não inviabiliza a nossa proposta de que o traço [intencionalidade], relacionado ao papel- Θ Agente é relevante para a formação da construção passiva verbal. Isso principalmente porque, no quadro teórico em que nos inscrevemos (o Programa Minimalista), assume-se que os itens lexicais são um conjunto de traços, os quais são relevantes para o C_{HL} . Citamos, por exemplo, a proposta de Reinhart (2000, 2001, 2002), a ser apresentada a seguir, segundo a qual os itens lexicais são caracterizados por serem conceitos codificados com traços formais que definem as relações- Θ .

Da proposta de Bouchard (1995), consideramos relevante a caracterização do papel- Θ Agente em termos da noção de intencionalidade, que é formulada a partir da caracterização do argumento externo proposta pelo autor. Segundo Bouchard (1995), um argumento externo pode ser analisado pelo modo como esse argumento interage com o evento. Três noções são propostas pelo autor – cf. (19), (20) e (21) –, as quais são ilustradas nos exemplos em (22):¹¹⁴

¹¹³ Bouchard (1995, p. 266) não especifica a natureza do processo de incorporação a que se refere. Acreditamos que seja um processo semelhante ao proposto por Baker (1988).

¹¹⁴ No original:

Concept: 1. external point of view, neutral with respect to the entity 2. objective judgement of speaker, omniscient narrator.

Substantive: 1. Internal point of view 2. entity as participant.

I-Subject: 1. Internal point of view, feelings of the entity 2. Entity is conscious of event (attributed by speaker). (BOUCHARD, 1995, p. 279)

- (19) Conceito:
- (i) possui ponto de vista externo, neutro com respeito à entidade.
 - (ii) julgamento objetivo do falante, narrador onisciente.
- (20) Substantivo:
- (i) ponto de vista interno.
 - (ii) entidade como participante.
- (21) Sujeito-I:
- (i) ponto de vista interno, sentimentos da entidade.
 - (ii) entidade é consciente do evento (atribuído pelo falante).
- (BOUCHARD, 1995, p. 279)
- (22) a. John is a guy who is very confident. (Conceito)
 ‘João é um rapaz que é muito confiante.’
- b. John caught a cold. (Substantivo)
 ‘João pegou um resfriado.’
- c. John is not sure if he wants to talk to Mary. (Sujeito-I)
 ‘João não está certo se ele quer falar com a Maria.’
- (BOUCHARD, 1995, p. 279)

Para Bouchard (1995), um argumento externo do tipo Sujeito-I acarreta uma interpretação agentiva desse argumento. Um argumento externo do tipo Conceito, por sua vez, acarreta uma interpretação desse argumento como coisa psicológica (i.e., um elemento no campo semântico do espaço mental).

Ainda que o trabalho de Bouchard (1995) seja importante por representar uma abordagem minimalista dos fatos relativos à linguagem, questionamos o real avanço trazido pela teoria proposta pelo autor, visto que há uma ênfase excessiva à importância que as representações semânticas possuem na determinação da estrutura sintática de um dado predicado, de tal forma que se sobrecarrega com material redundante o sistema computacional – e isso gera consequências para o processo de aquisição.

Para finalizar essa seção, apresentamos a proposta de Reinhart (2000, 2001, 2002), que desenvolve uma análise para os predicados psicológicos a partir de uma longa discussão sobre o que torna possível uma mesma entrada lexical verbal realizar

distintas configurações sintáticas. A autora propõe uma nova abordagem sobre os papéis- Θ por meio do Sistema-Theta (do inglês, *Theta System*), o qual pode ser visto como um sistema central dos sistemas de conceitos. Esses sistemas, por sua vez, são aqueles cujo *outputs* são legíveis pelo sistema computacional (C_{HL}).¹¹⁵

Segundo Reinhart (2002), o léxico contém todas as informações necessárias à sintaxe. Na caracterização da proposta, a autora propõe que os *inputs* do sistema computacional são os itens lexicais, caracterizados por serem conceitos codificados com traços formais que definem as relações- Θ das entradas verbais. A essas entradas lexicais podem ser aplicadas operações de mudança de valência (redução, saturação e causativização, como vimos no Capítulo 2), as quais geram novas entradas.¹¹⁶

Segundo a autora, as relações- Θ são codificadas por dois traços binários: o de estado mental ($[+/-m]ental\ state$) e o de mudança causada ($[+/-c]ontrol$). As combinações possíveis desses dois traços formam os rótulos tradicionais atribuídos pela literatura aos papéis- Θ :¹¹⁷

¹¹⁵ Reinhart (2000, p. 3) informa que o Sistema Theta é semelhante ao módulo conhecido por Teoria Theta na Teoria de Regência e Ligação. Entretanto, é compatível com os pressupostos do Programa Minimalista, por trabalhos com os traços dos itens lexicais.

¹¹⁶ Reinhart (2002, p. 19) informa que a operação de redução reduz a valência do verbo para 1 e só se aplica a verbos que possuem, no mínimo, dois argumentos, um dos quais é externo. A saturação fecha existencialmente um dos argumentos, o qual não é mais realizado sintaticamente. Redução e saturação se excluem mutuamente. A causativização, por sua vez, expande a grade verbal, adicionando um argumento (REINHART, 2002, p. 22).

¹¹⁷ No original:

- a) [+c+m] - *Agent*
- b) [+c-m] - *Instrument*
- c) [-c+m] - *Experiencer*
- d) [-c-m] - *Theme/Patient*
- e) [+c] - *Cause* (*unspecified for /m*); *consistent with either (a) or (b)*
- f) [+m] - ?
- g) [-m] - (*unspecified for /c*): *Subject matter /Locative source*
- h) [-c] - (*unspecified for /m*): *Internal roles like Goal, Benefactor typically dative (or PP).*

(REINHART, 2001, p. 4)

Em relação a (f), Reinhart (2001, p. 4) afirma que se trata de argumentos externos de verbos como ‘saber’ ou ‘amar’ e a semi-argumentos de verbos como ‘gostar’, ‘chorar’ e ‘dormir’, que requerem um argumento animado, mas não necessariamente acarretam relações agentivas ou causais a esses argumentos.

- (23)
- a. [+c, +m] – Agente
 - b. [+c, -m] – Instrumento
 - c. [-c, +m] – Experienciador
 - d. [-c, -m] – Tema/Paciente
 - e. [+c] – Causa (inespecificado para [m]); consistente com (23a) e (23b)
 - f. [+m] – ? (semi-Agentes)
 - g. [-m] – (inespecificado para /c): Matéria / Locativo
 - h. [-c] – (inespecificado para [m]): papéis internos, como Alvo, Benefactivo tipicamente dativo (ou PP).

No caso dos predicados psicológicos ExpObj, os quais permitem sujeitos Agente, Causa ou Instrumento, Reinhart (2001) propõe que o traço atribuído por esses predicados seja [+c], o qual é inespecificado para [m]. A distinção entre predicados ExpObj ('preocupar') e predicados ExpSuj ('temer') é tratada em termos temáticos:

- (24)
- a. PREOCUPAR: < [+c], [-c, +m] >
 - b. TEMER: < [-c, +m], [-c, -m] >

(REINHART, 2001, p. 5)

Para a autora, é o traço [+c] que determina a alternância sintática dos verbos da classe de 'preocupar'. Esse traço, que se realiza externamente (i.e., como argumento externo), sofre o processo de redução (REINHART, 2000, p. 22), explicitado a seguir, o qual deriva um predicado de um lugar a partir de um predicado de dois lugares:

- (25) Redução:
 $V(\theta_1, \theta_2) \rightarrow R(V)(\theta_n)$

A peça central que permite a interface entre o Sistema Theta e o sistema computacional é o Caso Acusativo (ACC). Com base nessa ideia, a autora postula que o traço acusativo do verbo seja atribuído no léxico e que uma propriedade essencial da redução seja a de eliminar esse traço. O traço acusativo, nessa proposta, só pode ser atribuído por um feixe totalmente especificado e a atribuição de acusativo se aplica somente se houver também um feixe [+] no verbete. Consequentemente, os feixes unitários [-] exigem Caso inerente. Ademais, o traço [-c] é exigido para que um

argumento receba Caso acusativo – assim, somente [-c, -m] (Tema) e [-c, +m] (Experienciador) podem introduzir o traço ACC na sintaxe.¹¹⁸

Reinhart (2000) também discute a questão de um item lexical que possui mais de uma estrutura temática ter uma ou mais entradas lexicais, caso do predicado ‘assustar’, que pode ser agentivo ou não. Para resolver essa questão, a autora postula o Princípio de Uniformidade Lexical (do inglês, *Lexicon Uniformity Principle*), reproduzido a seguir:

(26) Princípio de Uniformidade Lexical¹¹⁹

Cada conceito verbal corresponde a uma entrada lexical com uma estrutura temática. → As diferentes formas temáticas de um dado verbo são derivadas por operações lexicais a partir de uma estrutura temática.

As operações lexicais adotadas pela autora são duas, saturação e redução, reproduzidas e exemplificadas em (27):

- (27) a. wash θ_1, θ_2
b. Saturation: $\exists x (\text{wash}(x \theta_2))$
Max was washed <---> $\exists x (x \text{ washed Max})$
c. Reduction: R(wash) θ_1
Max R(washed) <--> $\text{Max } \lambda x(x \text{ wash } x)$

(REINHART, 2002, p. 19)

Em relação ao princípio (27), a autora detalha que ele vale para a categoria verbal. Assim, só há que se falar em uniformidade nas sentenças ativas. Esse é o caso, para nós, da ambiguidade entre leitura causativa e agentiva na classe de ‘assustar’. No caso das sentenças passivas, principalmente a adjetival, não se pode falar que há uma uniformidade em termos de estrutura temática. Para Reinhart (2000), a construção passiva adjetival pode ser reduzida a uma operação lexical geral. No entanto, a autora deixa a questão em aberto, não propondo como ocorre esse tipo de operação no domínio das passivas adjetivais.

¹¹⁸ Reinhart (2000, p. 62) defende que essa proposta é capaz de captar a Generalização de Burzio, dado que, se um verbo não atribui um papel temático externo, ele também não atribui Caso acusativo.

¹¹⁹ No original:

Lexicon Uniformity Principle:

Each verb-concept corresponds to one lexical entry with one thematic structure. → The various thematic forms of a given verb are derived by lexicon-operations from one thematic structure. (REINHART, 2000, p. 5)

Para nós, (26) não é capaz de determinar qual o item de base que deriva as diferentes estruturas temáticas (se, por exemplo, ocorre causativização de um predicado intransitivo, ou se ocorre decausativização de um predicado transitivo). O caso do verbo *break* ‘quebrar’, o qual possui duas entradas lexicais, é ilustrativo. Em (28), há duas entradas lexicais distintas:

- (28) a. break $\langle \theta_1, \theta_2 \rangle$: *Lucie broke the plate.*
b. break $\langle c\theta_2 \rangle$: *The plate broke.*

Na literatura, encontramos duas linhas de análise. Segundo a primeira, em que se enquadra, por exemplo, Pesetsky (1995), (28b) é um caso de causativização (pelo morfema causativo zero), o que gera (28a). De outro lado, enquadra-se, por exemplo, Chierchia (1989), para quem (28b) é um caso de redução de (28a) – assim como prevê Reinhart (2000).

O trabalho de Reinhart (2000) se destaca principalmente por repensar os papéis- Θ em termos de traços semânticos. A partir de uma proposta econômica (dois traços, [c] e [m]), a autora é capaz de apresentar generalizações importantes. O traço [+c], por exemplo, caracteriza os papéis temáticos Agente, Instrumento e Causa. Segundo Naves (2005, p. 107), isso pode explicar, por exemplo, o porquê de argumentos com tais papéis serem capazes de preencher a posição de sujeito de verbos causativos. O traço [+m], por sua vez, caracteriza tanto Agentes como Experienciadores – o que, ainda segundo Naves (2005, p. 107), pode ser um indício da razão pela qual Experienciadores são encontrados na posição de sujeito (apesar de serem argumentos afetados).

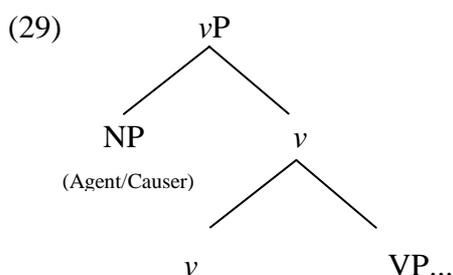
De Reinhart (2000, 2002), adotamos principalmente a defesa de que os *inputs* do sistema computacional sejam os itens lexicais. Assim, a autora se filia a uma linha de trabalho lexicalista, em que a sintaxe opera com itens lexicais prontos.

3.2 O efeito da agentividade na sintaxe dos predicados psicológicos (Arad, 1998)

Com respeito ao comportamento peculiar dos predicados psicológicos, em especial a formação de passivas, uma das constatações recorrentes na literatura – como mencionado na seção precedente – é a de que a leitura agentiva bloqueia os efeitos

psicológicos, tornando aqueles predicados semelhantes a verbos transitivos canônicos. O trabalho de Arad (1998) aborda essa questão. Em síntese, para a autora, verbos ExpObj com leitura agentiva formam passivas verbais e os verbos ExpObj com leitura estativa não formam passivas verbais.

Arad (1998) defende que a literatura não costuma realizar, em termos estruturais, uma distinção entre Agentes e Causadores – assume-se amplamente que ambos ocupam a mesma posição, *spec,vP* – cf. (29).¹²⁰ A distinção, quando feita, é semântica (ou temática) e leva em consideração noções intuitivas como animacidade e volição (DOWTY, 1991 *apud* ARAD, 1998), controle (ZAENEN 1993 *apud* ARAD, 1998), intencionalidade (TALMY, 1976 *apud* ARAD, 1998), estado mental (REINHART, 1996 *apud* ARAD, 1998), todas relacionadas a Agentes. Causadores, por outro lado, meramente causam a mudança de estado.



(ARAD, 1998, p. 106)

Segundo a autora, uma das principais razões para se assumir que não há uma distinção estrutural entre Agente e Causador é o fato de inexistirem predicados simples que tomam ambos os papéis ao mesmo tempo, não sendo possível determinar se os dois ocupam posições distintas. Entretanto, Arad (1998) defende que a distinção sintática entre esses papéis se manifesta no modo como se relacionam à mudança de estado sofrida pelo objeto: Agentes têm a intenção de realizar essa mudança de estado; Causadores, por sua vez, apenas o fazem, sem intenção. Esse padrão é refletido sintaticamente, nomeadamente no modo como Agente e Causador se relacionam com o VP. Para a autora, agentes são gerados como especificadores de *v*, o qual é selecionado pelo verbo lexical. No caso de Causadores, o núcleo *v* que os hospeda é resultado de uma transitivização automática de predicados de mudança de estado.^{121, 122}

¹²⁰ Arad (1998) cita os trabalhos de Hale & Keyser (1993, 1997) e Chomsky (1995).

¹²¹ Na linha de Hale & Keyser (1997 *apud* Arad (1998)).

A distinção é possível porque muitos desses predicados, como temos visto, são ambíguos entre a leitura agentiva e não agentiva. Na primeira leitura – cf. (30a) –, o argumento externo de fato tem a intenção de acionar o estado mental no Experienciador (objeto); na segunda – cf. (30b) –, o argumento externo apenas dispara o estado, não intencionalmente.¹²³

(30) Nina frightened her neighbours (ambiguous)

a. in order to make them out (agentive).

b. unintentionally, when they bumped into her in the dark (causative).

(ARAD, 1998, p. 110)

Arad (1998) observa que tais ambiguidades ocorrem apenas com entidades animadas que podem ser qualificadas como Agentes. Assim, sentenças com sujeitos não animados implicam apenas a leitura causativa.

Segundo a autora, um dos fenômenos sintáticos sensíveis à diferença estrutural entre Agentes e Causadores, observado em línguas em que a distinção entre leitura agentiva e causativa é manifestada morfológica e sintaticamente, é a marcação de Caso em predicados psicológicos, em especial predicados ExpObj. No espanhol, no grego e no hebraico, quando a leitura é agentiva, o Experienciador é um objeto canônico; quando a leitura é causativa, o Experienciador é lexicalizado como objeto indireto (ou objeto de uma preposição). No espanhol, por exemplo, o argumento ExpObj é marcado com Caso dativo (preposição *a*, que marca todos os objetos animados em espanhol) – a presença do Caso dativo é evidente se pronomes são usados ou se há redobro de clítico, como em (31a) e (31b), respectivamente, em que a interpretação é de que o evento de

¹²² Arad (1998) cita Levin & Rappaport-Hovav (1995), cuja proposta deriva a diferença entre Agentes e Causadores por meio das noções de ‘causação interna’ e ‘causação externa’. Em síntese, predicados que requerem um Agente (p.ex., ‘escrever’ – João escreve a carta) possuem causa interna, a qual está inerentemente envolvida na ação. Assim, a entidade que escreve a carta é parte do evento de escrever. Por outro lado, predicados que requerem um Causador descrevem um processo de causação externa. Nesse caso, o Causador não está envolvido na ação – é externo a ela, servindo meramente para realizá-la. Em estruturas alternantes, como no par em (i), o sintagma nominal ‘O sol’ não faz parte do evento ‘derreter o gelo’, ele apenas dispara o evento. Assim, em (ib), ‘O sol’ pode não ser realizado, não sendo o mesmo válido para a estrutura alternante da sentença com Agente (João).

(i) a. João/O sol derreteu o gelo.

b. O gelo derreteu.

¹²³ Observamos essa ambiguidade, também, no português:

(i) Pedro assustou os seus vizinhos.	[ambíguo]
a. para fazê-los ir embora.	[agentivo]
b. quando chegou com fantasia de vampiro.	[causativo]

molestar ('aborrecer') ocorreu sem intenção por parte do sujeito da sentença ('o menino'/'a música'):

- (31) a. el niño/la musica le molestó.
 o menino/a música a ela-DAT aborreceu.
 b. el niño/la musica le molestó a Maria.
 o menino/a música a ela-DAT aborreceu OM Maria.
(ARAD, 1998, p. 111)

O Experienciador em posição de objeto também pode ser marcado com Caso acusativo, como em (32a). Nesse caso, a interpretação é inequivocamente agentiva. 'O menino' agiu intencionalmente no sentido de provocar a experiência psicológica no Experienciador. Em (32b), vemos que não é possível realizar o redobro do clítico.

- (32) a. el niño la molestó.
 o menino a-ACC aborreceu.
 b. el niño Ø molestó a Maria.
 o menino aborreceu OM Maria.
(ARAD, 1998, p. 111)

Em grego moderno existe padrão semelhante. Objetos diretos são opcionalmente duplicados por clíticos, enquanto objetos indiretos são obrigatoriamente duplicados por clíticos. Em predicados ExpObj causativos, a duplicação do objeto direto é obrigatória, o que indica que, apesar da forma (superficial) acusativa, o Experienciador é um objeto preposicionado, como vemos em (33):

- (33) ta epipla */?(ton) enoxlum ton Petro.
 the furniture clítico-ACC bother the-ACC Peter
(ANAGNOSTOPOULOU, 1997 *apud* ARAD, 1998, p. 113)

Em construções com sujeito humano, a duplicação torna-se novamente opcional. Se, no entanto, não houver duplicação, a sentença é apenas agentiva. Nesse caso, sentenças como (34) trazem apenas uma interpretação: a de que a 'Maria' aborrece o 'Pedro' intencionalmente:

- (34) i Maria enoxli ton Petro.
 the Maria bothers the-ACC Peter

Em síntese, os dados indicam que a marcação de Caso do Experienciador depende da natureza do argumento externo, se agentivo ou causativo. Observamos que, nesse sentido, a proposta de Arad (1998) é distinta da proposta de Belletti & Rizzi (1988), os quais consideram, analisando o italiano, que a marcação de Caso já é previamente especificada nos predicados psicológicos.

Para encerrar a análise sobre as distinções entre Agentes e Causadores, Arad (1998) considera o comportamento de cada argumento em relação ao escopo do advérbio *why*. A autora apresenta os seguintes dados:

- (35) Why did Nina paint the wall/write a letter/
 - Because she wanted to/had to. (única resposta possível)
- (36) Why did Nina break the glass?
 a. Because she wanted to.
 b. Because she is so clumsy.
 c. Because it was so fragile.
- (37) Why did Nina offend Jill?
 a. Because she wanted to.
 b. Because the politician she attacked publicly turned out to be her son.
 c. Because Jill is so sensitive.

(ARAD, 1998, p. 119)

Quando o argumento externo é Agente, o advérbio pode apenas se referir à ação do Agente, fornecendo a razão para ela ter acontecido ((35) e (37)). Com Causadores, o advérbio é ambíguo entre a interpretação agentiva (36a) e a interpretação causativa (36b).

No entanto, na visão de Arad (1998), com Causadores existe uma terceira opção, em que o advérbio não se refere de modo algum ao argumento externo; ao contrário, o advérbio se refere ao argumento interno e à mudança de estado pelo qual passa (de não experiência psicológica para experiência psicológica para os ExpObj, por exemplo, ou,

no caso da parede ou da carta, em (35), de não pintada/escrita para pintada/escrita). Em (36c) o advérbio toma o VP e a questão respondida é *Why did the glass break?* (Por que o vidro quebrou?). Como se vê, com Causadores o advérbio é capaz de “pular” o argumento externo e atingir o VP lexical, referindo-se apenas a ele.

Segundo Arad (1998), esses dados mostram que a relação entre o Causador e a mudança de estado criada é distinta da relação entre o Agente e a mudança de estado criada. A relação entre Causador e mudança de estado é solta, folgada (ou acidental); a relação entre Agente e mudança de estado é, diferentemente, inseparável e muito mais conectada, atada.

Para explicar essa distinção, Arad (1998) propõe que Agentes e Causadores se diferenciam no modo como se relacionam com o VP baixo (ou com o objeto do predicado). A formulação é a seguinte:¹²⁴

[...] quando o V lexical seleciona o seu núcleo *v* superordenado imediato, então o argumento no especificador desse núcleo é interpretado como Agente. Quando não o faz, a existência de *v* é ainda permitida, mas é interpretado como um Causador.

(ARAD, 1998, p. 142)

Na proposta de Arad (1998), os rótulos Agente e Causador não são primitivos na teoria; são, antes, rótulos para argumentos gerados em:

- (38) a. especificador de *v* selecionado por V – Agente. (*v* não pode ser reduzido).
b. especificador de *v* não selecionado por V – Causador.

Em relação às noções que caracterizam o Agente, Arad (1998) analisa a propriedade de volição, a qual, segundo Dowty (1991 *apud* Arad, 1998), é uma das principais propriedades do protopapel Agente (o qual age sob a própria volição). Apesar da aparente adequação dessa proposta, a autora considera que um Causador também pode agir sob volição. A cena proposta pela autora é esta: imagine uma situação em que alguém que move volitivamente a mão para pegar o sal e acaba por derramar o vinho. A ação por si mesma é volitiva, mas a mudança de estado trazida por ela, não. Arad (1998), desse modo, defende que a propriedade que distingue Agentes de Causadores é

¹²⁴ No original: *when the lexical V selects its immediate superordinate head (v) then the argument at the specifier of that head is interpreted as agent. When it does not, the existence of v is still allowed, but is then interpreted as a causer.* (ARAD, 1998, p. 142)

intenção. Essa propriedade só é encontrada em Agentes, os quais são responsáveis tanto pela própria ação quanto pela mudança de estado que provocam. Os Causadores são apenas responsáveis pela própria ação, mas não pela mudança de estado. Em nosso trabalho, adotamos a mesma noção proposta por Arad (1998), considerando que a propriedade fundamental de Agentes é intenção.

Na proposta de Arad (1998) para os predicados ExpObj, a autora considera três leituras possíveis: agentiva, eventiva e estativa. Cada uma das leituras é fruto da combinação de duas propriedades: se há intenção do Agente para desencadear a mudança de estado do Experienciador e se há mudança de estado mental no Experienciador. O quadro proposto pela autora é o seguinte:

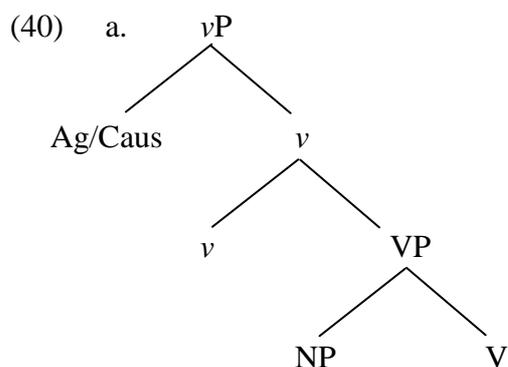
(39)

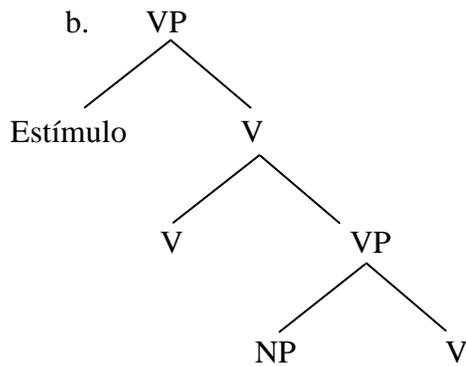
	Agente intencional	Mudança de estado no objeto
Agentiva	+	+
Eventiva	-	+
Estativa (leitura psicológica)	-	-

(ARAD, 1998, p. 186)

Todas as propriedades atribuídas aos predicados psicológicos existem na leitura estativa. Na leitura agentiva, nenhuma propriedade permanece, e o predicado se comporta como transitivo (agentivo).

Arad (1998) distingue as leituras não estativa e estativa em termos de propriedades dos núcleos funcionais projetados. Em leituras não estativas, como (40a), o núcleo *v* projeta o Agente/Causador; em leituras estativas, como (40b), o núcleo relevante é V.





(ARAD, 1998, p. 209)

Do trabalho de Arad (1998), assumimos que a agentividade (definida pelo traço [intencionalidade]) é uma propriedade relevante para a interface entre léxico e sintaxe. O comportamento e a sintaxe dos predicados ExpObj em construção passiva, nosso objeto de análise, depende da presença ou ausência dessa propriedade.

3.3 Proposta de tipologia linguística com base nas passivas com predicados psicológicos (Landau, 2010)

Observando os fatos translinguísticos a respeito da formação de passivas verbais e adjetivas com predicados psicológicos ExpObj, Landau (2010) elabora uma proposta de tipologia linguística. O autor parte da classificação tripartite de Belletti & Rizzi (1988) para as classes de predicados ExpObj, sistematizadas por ele conforme segue:

- (41) a. Classe I: Experienciador nominativo, Tema acusativo
 João teme o policial.
- b. Classe II: Tema nominativo, Experienciador acusativo.
 O protesto assustou o Pedro.
- c. Classe III: Tema nominativo, Experienciador dativo.
 O garçom agradou aos fregueses.¹²⁵

(LANDAU, 2010, p. 4)

¹²⁵ No original:

Class I: Nominative experiencer, accusative theme: John loves Mary.

Class II: Nominative theme, accusative experiencer: The show amused Bill.

Class III: Nominative theme, dative experiencer: The idea appealed to Julie. (LANDAU, 2010, p. 4)

O autor evidencia a distinção existente entre predicados ExpObj estativos e predicados ExpObj eventivos. Todos os verbos da classe III (Tema nominativo, Experienciador dativo) são estativos. Como consequência, não podem nunca ser utilizados em sentido agentivo (como em (42)). A maioria dos verbos da classe II (Tema nominativo, Experienciador acusativo) é ambígua entre a leitura estativa e a leitura eventiva (em (43)) – para Landau (2010), a ambiguidade em (43b) é de natureza gramatical, pois os efeitos psicológicos estão associados à leitura não agentiva – e isso é um fenômeno universal, segundo o autor.

- (42) a. * The solution is occurring to Mary right now.
 b. Bob (*deliberately) mattered to his boss.

- (43) a. The noise is scaring Mary right now.
 b. John embarrassed Maggie (on purpose/unintentionally).

Partindo da ideia de que Experienciadores são locações mentais, isto é, Locativos, a proposta central de Landau (2010) encontra-se formulada em (44a), que, sendo verdadeira, produz as consequências em (44b):

- (44) a. Todos os Experienciadores Objeto são oblíquos (ou dativos).
 b. Experienciadores sofrem inversão locativa.^{126 127}

(LANDAU, 2010, p. 5)

Uma vez que Locativos não sujeitos são normalmente introduzidos por preposição, o mesmo deve valer para objetos Experienciadores (se (44b) estiver correto). O caso não trivial que se enquadra em (44a) é o caso de Experienciadores na classe II, os quais são nominais nus. Se (44a) estiver correto, Landau (2010) defende que isso é uma aparência, pois, a rigor, não há Experienciadores objetos nus – há apenas oblíquos. Consequentemente, o que parece ser um Experienciador Objeto nu deve ser o objeto de uma preposição nula ($\emptyset\psi$).

¹²⁶ No original:

(i) a. All object experiencers are oblique (or dative).
 b. Experiencers undergo "locative inversion". (LANDAU, 2010, p. 5)

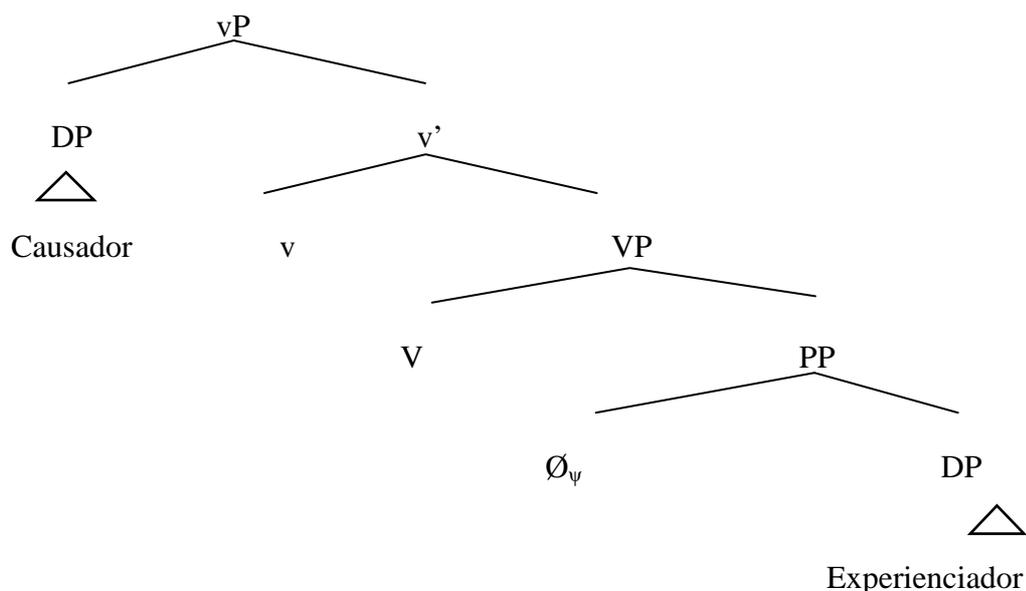
¹²⁷ Segundo Levin & Rappaport-Hovav (1995 apud PILATI, 2006, p. 183), as inversões locativas são orações cuja estrutura é PP VP NP, em que o PP inicial é um elemento com referência locativa ou direcional.

Para Landau (2010), a inversão locativa ocorre porque algum traço não interpretável de Infl (ou, seguindo Chomsky (2008), de C, herdado por T) exige um elemento que o especifique (nesse caso, o PP Experienciador). O traço, adotado pelo autor como o responsável por forçar o movimento, é [loc]ativo. Sendo o argumento ExpObj uma locação mental (introduzido por uma preposição nula (\emptyset_{ψ})), Infl pode ser uma sonda cujos traços não especificados são satisfeitos pelo argumento ExpObj.

Em relação a (44b), o autor afirma que o fenômeno comum de Experienciadores *quirky* é apenas um exemplo de inversão locativa.¹²⁸ Landau (2010) leva a sua proposta mais adiante ao afirmar que mesmo Experienciadores Objetos são *quirky*, no sentido de que eles também passam por elevação à posição de sujeito (apenas em LF).

Landau (2010) propõe a estrutura a seguir para a classe II:

(45) Verbos da classe II



Em (45), os verbos da classe II são transitivos, projetando um verbo leve v e um argumento externo, o Causador.¹²⁹ Nessa estrutura, Landau (2010) faz uma ressalva importante. Primeiramente, o autor adota em (45) uma estrutura em VP e segue Pesetsky (1995) em relação à transitividade da construção. No entanto, observa que

¹²⁸ Segundo Landau (2010, p. 81), Caso *quirky* é o Caso inerente que pode ser realizado na posição de sujeito, e sujeito *quirky* é o argumento que exhibe a maioria das propriedades canônicas do sujeito (exceto pela concordância), mas carrega Caso inerente.

¹²⁹ Landau (2010, p. 5) informa que essa representação é uma simplificação. Verbos *estativos* da classe II são inacusativos.

verbos estativos da classe II são inacusativos. Ainda em (45), a preposição nula, que introduz o Experienciador, é denominada \emptyset_{ψ} .

Uma crítica fundamental que dirigimos a Landau (2010) diz respeito à estrutura em (45). No caso específico de sentenças passivas adjetivais, permitida para verbos da classe II, é o argumento Experienciador que ocorre como sujeito sintático da sentença. Nesse caso, como o argumento Experienciador, que é um PP (introduzido por \emptyset_{ψ}), pode ocorrer como sujeito? O autor não apresenta um modelo teórico capaz de explicar essas construções (passivas adjetivais) em especial.

De Landau (2010), consideramos relevante a proposta de que os predicados psicológicos possuem uma propriedade conceptual (lexical) de natureza locativa. A propriedade se localiza, então, no léxico. Além disso, estamos de acordo com a linha adotada pelo autor em termos de divisão de classes para os predicados psicológicos. Como temos adotado em nossa tese, a classe II é caracterizada por ser inacusativa (contra Pesetsky, 1995), sendo estativa. Isso está diretamente relacionado com as construções passivas verbais, as quais não ocorrem com verbos estativos (inacusativos) da classe II.

O autor deriva, então, a correlação entre estatividade e inacusatividade a partir de princípios da GU. O ponto de partida é o fato de que os verbos estativos da classe II selecionam um argumento Experienciador e um argumento T/SM (que remete aos papéis- θ *Target of Emotion* e *Subject Matter of Emotion*, propostos por Pesetsky (1995)).

- (46) a. Global warming preoccupies George.
'O aquecimento global preocupa George.'
b. preoccupy: <EXP, T/SM>

(LANDAU, 2010, p. 53)

A interpretação eventiva da classe II é associada à presença do argumento Causador (e vice-versa). De modo semelhante, a interpretação estativa é associada à presença do argumento T/SM. Assim, os verbos psicológicos estativos projetam os argumentos Experienciador e T/SM.

Uma questão que surge é a de porquê o argumento Experienciador de verbos estativos da classe II/III não pode ser projetado externamente (à semelhança do

Experienciador de verbos da classe I). Para solucionar essa questão, Landau (2010, p. 53) apresenta a seguinte generalização:

(47) Caso inerente é apenas atribuído a argumentos internos.¹³⁰

Landau (2010) lembra que há distintas formas de comprovar a veracidade de (47). O autor parte do fato conhecido de que *quirky subjects*, os quais possuem Caso inerente em uma posição canônica de sujeito, são sempre derivados, sendo, conseqüentemente, argumentos internos. No Programa Minimalista, a diferença entre argumento externo e argumento interno é a de que apenas o primeiro é introduzido por um verbo funcional leve *v* (que checa Caso estrutural acusativo). A checagem de Caso inerente é realizada pelo V lexical. A proposta de Landau (2010) segue com (48).

(48) Universalmente, Experienciadores não nominativos carregam Caso inerente.¹³¹

De (47) e (48), segue-se que, em todos os verbos das classes II e III (incluindo estativos), o argumento Experienciador não nominativo é um argumento interno. O mesmo ocorre com os estativos das classes II e III (T/SM deve ser interno – não havendo, para essas classes, argumento externo).

Segundo o autor, alguns verbos da classe II apresentam ambigüidade entre a leitura estativa e a leitura eventiva. O comportamento inacusativo é exibido apenas para verbos certamente estativos e apenas esses verbos não possuem um argumento Causador em sua grade argumental. Para Landau (2010), essa é a fonte da interpretação eventiva.

Quanto à relação entre eventividade e agentividade, Landau (2010) assume, com base em Tenny (1998 *apud* Landau, 2010), que eventividade é mais determinante que agentividade para a formação de passivas verbais com predicados psicológicos. A evidência apresentada por Tenny (1998 *apud* Landau, 2010) vem do dialeto inglês de Pittsburgh. Nas construções em (49), selecionam-se particípios passivos verbais, não havendo ambigüidade. Em (50), Tenny (1998 *apud* Landau, 2010) mostra que passivas de verbos como *frighten* são aceitas nas construções que denotam eventividade, pois são compatíveis com advérbios eventivos (49a), com aspecto progressivo (50b), com

¹³⁰ No original: *Inherent case is only assigned to internal arguments.* (LANDAU, 2010, p. 53)

¹³¹ No original: *Universally, non-nominative experiencers bear inherent case.* (LANDAU, 2010, p. 54)

passivas idiomáticas (do inglês, *idiom chunk passives*) (49c) e são incompatíveis com *unpassives* (50d). Sentenças como a de (50) mostram que passivas com verbos da classe II são aceitas em construções que denotam eventividade, mesmo não havendo agentividade. Assim, eventividade é mais relevante (em relação a agentividade).

- (49) a. The dog needs scratched hard.
b. The car has been needing washed for a long time now.
c. Tabs need kept on the suspect.
d. * The house needs unpainted.

(50) Nobody needs angered/irritated/discouraged/dismayed by the truth.

(TENNY, 1998 *apud* LANDAU, 2010, p. 49)

Tenny (1998 *apud* Landau, 2010, p. 49) também mostra que passivas verbais são mais adequadas quanto mais eventivo for o verbo – e, naturalmente, a presença de um Agente torna o verbo mais eventivo:

passivas verbais são mais *felicitous* quanto mais eventivo for o verbo. Uma gama de fatores influencia o grau de eventividade, incluindo não apenas agentividade, mas também volição, pontualidade e afetação da mudança de estado no Experienciador. Um amplo gradiente pode ser definido da descrição puramente estativa ao tipo de verbo mais eventivo.¹³²

Em nossa proposta, é justamente a agentividade que vincula todas as noções adotadas por Tenny (1998), tais como volição, caráter pontual, afetação (ou mudança de estado) no Experienciador.

3.2.1 A tipologia proposta por Landau (2010)

Como Landau (2010) assinala, parte do desacordo sobre haver ou não passiva verbal com verbos da classe II é explicada pelo fato de existir, em muitas línguas, uma ambiguidade entre a forma passiva verbal e a forma passiva adjetival (por exemplo, no

¹³² No original: *verbal passives are more felicitous the more eventive the verb. A complex of factors influences the degree of eventiveness, including not only agentivity but also volitionality, punctuality, and the affectedness of change of state in the experiencer. A loose gradient can be defined from the purely stative ascription of property to the most eventive verb type.* (TENNY, 1998 *apud* LANDAU, 2010, p. 49)

inglês, em que o auxiliar *be* pode expressar ‘ser’ ou ‘estar’). A partir desse posicionamento, o autor apresenta uma tipologia linguística, que pretendemos ampliar na próxima subseção incluindo no quadro proposto por Landau (2010) o espanhol e o português, em que se encontram dois tipos de línguas, as línguas de tipo A e as línguas de tipo B.

Segundo Landau (2010), as línguas de tipo A, como o inglês, o alemão e o finlandês, permitem formar passivas verbais com verbos eventivos da classe II. Caso os verbos da classe II sejam estativos, a única restrição relevante que se aplica é a que elimina a possibilidade de apassivação de inacusativos. Nas línguas de tipo B, os verbos da classe II não formam passiva verbal. É o caso do italiano, do francês e do hebraico.

Segundo a tipologia proposta por Landau (2010), em línguas tipo A – inglês, alemão e finlandês –, a questão central que emerge diz respeito aos tipos de estratégias gramaticais que podem ser exploradas para permitir a apassivação de objetos *quirky*. Para Landau (2010), há duas estratégias paramétricas principais: encalhamento de preposição (do inglês, *preposition-stranding*), que forma pseudopassivas (51a), e o alçamento de preposição (conhecido como *pied-piping*), que forma passivas *quirky* (51b).

- (51) a. $[_{TP} [_{DP} \text{Exp}]_i [_{T'} \text{Aux} [_{VP} [v \text{V}_{PASS} + \emptyset_{\psi}] [_{DP} t_i]]]]$ [*pseudopassiva*]
 b. $[_{TP} [_{PP} \emptyset_{\psi} [_{DP} \text{Exp}]]_i [_{T'} \text{Aux} [_{VP} \text{V}_{PASS} [_{PP} t_i]]]]$ [*passive quirky*]

Em (51a), o especificador de TP (IP) é o Experienciador, o qual é alçado da posição $[_{DP} t_i]$. A preposição nula \emptyset_{ψ} permanece em sua posição inicial (contígua ao verbo). Em (51b), diferentemente, a preposição é alçada juntamente com o DP Experienciador.

Os dados em (52) e (53), do inglês e do alemão, respectivamente, ilustram a estratégia (51a). Landau (2010) observa que no alemão a construção é restrita a passivas impessoais. Tanto em (52) quanto em (53), a preposição permanece contígua ao verbo, e apenas o DP é alçado à posição de sujeito sintático (spec,IP).

- (52) a. This bed was slept in.
 b. Mary can be relied on.

- (53) a. Daar werd over gepraat.
 'There was talked about.'
 b. Daar werd in geslapen.
 'There was slept in.'

(SHAEFFER, p.c. *apud* LANDAU, 2010, p. 46)

Em (54) há um exemplo do finlandês, cuja estratégia é (51b), em que o Caso inerente (relativo) é mantido em construção passiva. Nessa construção (passiva *quirky*), a preposição (\emptyset_{ψ}) também é alçada à posição de spec,IP.

- (54) a. Pidän sinu-sta.
 like.1sg you.ELA [ELA = Caso elativo]
 'I like you.'
 b. Sinu-sta pidetään.
 you.ELA like.PASS
 'You are liked.'

(PYLKKÄNEN, p.c. *apud* LANDAU, 2010, p. 46)

A partir da hipótese de que predicados ExpObj carregam Caso inerente e dos fatos em (51), ilustrados em (52), (53) e (54), Landau (2010) apresenta a seguinte predição:

- (55) Passivas verbais de verbos ExpObj não agentivos só estão disponíveis em línguas que permitem pseudopassivas ou passivas *quirky* (oblíquas).

Landau (2010, p. 46)

Para Landau (2010), dois fatos são notáveis nas línguas tipo A. Em primeiro lugar, apenas verbos psicológicos não estativos (ou seja, eventivos) apassivam. Em segundo, não há uma restrição geral contra passivas verbais com verbos estativos. A restrição se aplica apenas a passivas com verbos psicológicos estativos (da classe II). Para explicar esses fatos, o autor propõe que não há passivas para esses verbos porque não há um argumento externo. Assim, o autor sustenta que a generalização em (56a) deve ser reduzida a (56b):

- (56) a. Universalmente, verbos estativos da classe II não formam passiva.
 b. Universalmente, verbos estativos da classe II são inacusativos.

Pesetsky (1995 *apud* Landau, 2010) defende que no inglês há passivas verbais eventivas com psicológicos, dada a existência de verbos como *scare* ‘assustar’, *terrify* ‘aterrorizar’, *shock* ‘chocar’ e *surprise* ‘surpreender’, os quais admitem a leitura eventiva. Para Pesetsky (1995), alguns verbos da classe II não apassivam de forma alguma (57a,b) – o que os assemelha aos verbos da classe III, os quais nunca formam pseudopassivas (57c-e) (PESETSKY, 1995, p. 52):

- (57) a. * We were escaped by Smith’s name.
 b. * Panini was eluded by the correct generalization.
 c. * Mary wasn’t appealed to by the play.
 d. * John was mattered to by this.
 e. * Mary was occurred to by the same idea.

(PESETSKY, 1995 *apud* LANDAU, 2010, p. 48)

Para Pesetsky (1995 *apud* Landau, 2010), esses verbos são inacusativos, uma vez que não formam voz média e não formam nominais com *-er* (58). Ademais, são estativos, pois falham no teste de pseudoclivagem (59).

- (58) a. *Great ideas elude/escape/concern/interest easily.
 b. *an eluder, *an escaper, *a concerner, *an interester

- (59) a. *What that solution did was escape/elude/concern Mary.
 b. What that noise did was scare/surprise/startle Mary.

(PESETSKY, 1995 *apud* LANDAU, 2010)

Isso prova que, para o inglês, a correlação entre (56a) e (56b) é válida. Em síntese, segundo Landau (2010) verbos da classe II em inglês só formam passiva verbal se forem não estativos (i.e., eventivos).

No alemão, a forma de particípio passivo mostra ambiguidade entre o uso verbal e o uso adjetival. Para detectar a distinção entre passivas verbais e adjetivais, Pesetsky (1995 *apud* Landau, 2010) propõe como teste a aplicação de alçamento de V(erbo) (do

inglês, *V-raising*), o qual inverte opcionalmente a ordem do particípio e do auxiliar (adjuge o particípio à direita do auxiliar). No alemão, apenas verbos aceitam alçamento, de tal forma que é possível identificar, em (60), que o particípio é verbal, pois o alçamento é permitido. Em (61), diferentemente, o particípio é um adjetivo, já que o alçamento não pode ser aplicado (a sentença é agramatical). O dado em (62) mostra que passivas com psicológicos podem sofrer alçamento de verbo, daí os particípios serem considerados verbos nessa construção.

- (60) a. dat hij [gelachen]_{Part} [heeft]_{Aux}.
 that he laughed has
 ‘That he has laughed.’
 b. dat hij [heeft]_{Aux} [gelachen]_{Part}.
- (61) a. dat Jan de hele dag druk [bezig]_{Adj} [is]_{Aux}.
 that John the whole day very busy is
 ‘That John is very busy the whole day.’
 b. * dat Jan de hele dag druk [is]_{Aux} [bezig]_{Adj}.
- (62) a. dat ik door het college [geboeid]_{Part} [werd]_{Aux}.
 that I by the classes fascinated became.
 ‘That I got fascinated by the classes.’
 b. dat ik door het college [werd]_{Aux} [geboeid]_{Part}.

(PESETSKY, 1998 *apud* LANDAU, 2010, p. 50)

Landau (2010) registra casos de marginalidade de julgamento, como com os verbos psicológicos fortemente estativos (*irriteeren* ‘irritar’, *ergern* ‘aborrecer’). Dada a forte estatividade, eles resistem à apassivação (pois são inacusativos).

- (63) a. dat musicals Jan intrigeren.
 that musicals John intrigued
 ‘That musicals intrigued John.’

- b. dat Jan door musicals [geïntrigeerd]_{Part} [was]_{Aux}/*[was]_{Aux} [geïntrigeerd]_{Part}.
 that John by musicals intrigued was/*was intrigued
 ‘That John was intrigued by musicals.’

(LANDAU, 2010, p. 51)

Para os verbos da classe I (Experienciador nominativo, Tema acusativo), como em ‘João teme o policial.’), o autor verifica que o alçamento do verbo é permitido.

- (64) a. dat Jan musicals haatte.
 that John musicals hated
 ‘That John hated musicals.’
- b. dat musicals door Jan [gehaat]_{Part} [was]_{Aux} / [was]_{Aux} [gehaat]_{Part}.
 that musicals by John hated become / become hated
 ‘That musicals came to be hated by John.’

(LANDAU, 2010, p. 51)

Temos, então, que no alemão verbos estativos da classe II são diferentes de verbos eventivos da classe II e de verbos estativos da classe I.

A generalização de Landau (2010) é a seguinte: um verbo (psicológico) é inacusativo se tiver um argumento Experienciador com Caso inerente e estatividade. Essa combinação gera resistência à apassivação.

Para o finlandês, Landau (2010) segue a análise de Pykkänen (2000), para quem nessa língua a distinção estativo/eventivo nos verbos da classe II é marcada morfológicamente. Essa marcação morfológica ocorre de duas maneiras: na primeira, verbos eventivos da classe II possuem um morfema incoativo (que não ocorre com verbos estativos); na segunda, verbos estativos da classe II marcam seu objeto com o Caso partitivo (como todos os verbos atélicos), enquanto verbos eventivos da classe II marcam o objeto com Caso acusativo. Os dados em (65) ilustram as duas maneiras de marcar morfológicamente a distinção estativo/eventivo em finlandês.

- (65) a. Hyttyset inho-tta-vat Mikk-a.
 mosquitos._{NOM} find-disgusting-_{CAUS}-3pl Mikko._{PAR}
 ‘Mosquitos disgust Mikko’

b. Presidentti ikävy-sty-tti Jussi-n.
 president.NOM boredom-INCH-CAUS.PAST Jussi.ACC

‘The president caused Jussi to become bored’

(PYLKKÄNEN, 2000 *apud* LANDAU, 2010, p. 52)

Para Pyllkkänen (2000), verbos como os de (65b) possuem argumento externo, e verbos como os de (97a) não possuem argumento externo.

Em sua análise do finlandês, Pyllkkänen (2000) utiliza outro contraste para mostrar que há distinção entre verbos estativos e eventivos. Esse contraste diz respeito ao fato de que apenas verbos eventivos possuem passiva com o modificador de evento *with-phrase* (não há *by-phrase* em finlandês). Em (66a), o verbo é estativo e não há passiva; em (66b), diferentemente, o verbo é eventivo e a modificação por *with-phrase* é permitida.

(66) a. * Maija-a inho-te-taan.
 Maija.PAR find-disgusting-CAUS-PASS
 ‘Maija is disgusted’

b. Kaisa pelä-sty-te-ttiin huonoilla uusilla.
 Kaisa fright-INCH-CAUS-PASS.PAST [with bad news]_{with-phrase}
 ‘Kaisa was frightened with bad news (by somebody)’

(PYLKKÄNEN 2000 *apud* LANDAU, 2010, p. 52)

Esse contraste, para Landau (2010), confirma a predição referente às línguas de tipo A, i.e., passivas verbais com predicados da classe II são encontradas apenas com verbos eventivos. Os verbos estativos, por sua vez, são inacusativos. Os dados do finlandês são, para o autor, ainda mais claros do que os do inglês e do alemão, já que as distinções aspectuais (eventivo-estativo) são morfologicamente marcadas, não havendo necessidade de recorrer a intuições de natureza semântica.

Com relação às línguas do tipo B, Landau (2010) parte dos resultados do trabalho de Belletti & Rizzi (1988), os quais defendem que as passivas com psicológicos são adjetivais, pois (i) não comportam um pronome clítico em relativas reduzidas, o que os aproxima dos adjetivos; (ii) são incompatíveis com o auxiliar *venire* ‘tornar-se’, o que os torna diferentes das passivas verbais; e (iii) alguns verbos da classe II não possuem formas participiais regulares – possuem apenas formas adjetivais

irregulares (67). Os verbos em (67) não são estativos, daí serem diferentes das línguas do tipo A, como Landau (2010) propõe:

- (67) a. Le sue idee mi stufano/stancano/entusiasmano.
'His ideas tire/excite me'
- b. *Sono [stufato/stancato/entusiasmato]_{forma regular} dalle sue idee.
'I am tired/excited by his ideas'
- c. Sono [stufo/stanco/entusiasta]_{forma irregular} dalle sue idee.
'I am tired/excited by his ideas'

(BELLETTI; RIZZI, 1988 *apud* LANDAU, 2010, p. 55)

Belletti & Rizzi (1988) argumentam em favor da tese de que os predicados ExpObj formam apenas passivas adjetivais, uma vez que os verbos da classe II resistem à forma regular *da-phrase* e ocorrem apenas com preposições especiais (68). Essas preposições especiais são excluídas em contextos que forcem a escolha da passiva verbal (aspecto progressivo, em (69)).

- (68) a. Gianni è interessato a/*da Maria.
'Gianni is interested to/*by Maria'
- b. Gianni è appassionato di/*dalla poesia.
'Gianni is fond of/*by poetry'

(BELLETTI; RIZZI, 1988 *apud* LANDAU, 2010, p. 56)

- (69) a. Bill was enraged by / at totally innocent remarks.
b. Bill was often being enraged by / *at totally innocent remarks.

(PESETSKY, 1995 *apud* LANDAU, 2010, p. 55-56)

Landau (2010) registra a crítica de Pesetsky (1995) a (i) e (ii), para quem o argumento (i) acima repousa sobre uma escolha problemática de clíticos (o que torna o argumento não informativo) e o argumento (ii) é um diagnóstico de estatividade, não de adjetividade.

Landau (2010) mostra que não há passiva verbal nas línguas do tipo B por meio de uma conjectura, formulada dessa maneira. Suponha-se a existência de um afixo X com as propriedades em (70):

- (70)
- a. X é um afixo deverbal (relativamente) produtivo;
 - b. X se afixa a participípios passivos verbais;
 - c. Em particular, X se afixa a participípios passivos de verbos da classes I;
 - d. X não se afixa a adjetivos;
 - e. X não se afixa a participípios passivos de verbos da classe II.

Caso haja um elemento X que respeita essas condições, as seguintes conclusões emergem:

- (i) X se afixa a verbos (sendo indiferente a estatividade – vide classe I, estativa);
- (ii) Classe II é adjetival;
- (iii) O teste em (102) é um diagnóstico de *verbhood*, não de *eventiveness*.

Segundo o autor, O prefixo *ri-* ‘re-’, em italiano, encaixa-se perfeitamente nas propriedades de (70):

- (71) O prefixo *ri-* ‘re-’ em italiano
- a. *ri-* se afixa a participípios passivos da classe I:
 - riamato* ‘reloved’
 - riconsiderato* ‘reconsidered’
 - ridetestato* ‘redetested’
 - revenerato* ‘reworshiped’
 - ridimenticato* ‘reforgotten’
 - b. *ri-* não se afixa a adjetivos:
 - **rifelice* ‘re-happy’
 - **rifurioso* ‘re-furious’
 - **ristanco* ‘re-tired’
 - **ribello* ‘re-beautiful’
 - **rimalato* ‘re-sick’

c. *ri-* não se afixa a participios passivos da classe II:

- *risconcertato ‘restartled’
- *risorpreso ‘resurprised’
- *riscioccato ‘reshocked’
- *riterrorizzata ‘reterrified’
- *ridivertito ‘reamused’
- *ripreoccupato ‘reworried’
- *rieccitato ‘rethrilled, reexcited’

(LANDAU, 2010, p. 57)

Como conclusão, o autor mostra que no italiano não há passiva verbal com verbos da classe II.

Landau (2010) também discute a proposta de Legendre (1993), para quem as passivas com psicológicos em francês são adjetivais, uma vez que (i) são compatíveis com *si/trés* ‘se/muito’ (modificam adjetivos); (ii) formam causativas com *rendre* ‘render’ (à semelhança de outros adjetivos), como em (72a) e (72c); (iii) aparecem como complemento de *rester* ‘remain’ (selecionam adjetivos); (iv) são incompatíveis com causativos com *faire* ‘fazer’ (diferentemente de passivas verbais), como em (72b). Landau (2010) considera que apenas (iv) acima é um teste que demonstra que passivas com psicológicos não são verbais. Os três primeiros revelam apenas que as passivas com psicológicos possuem um uso adjetival.

(72) a. *Ça rendra/*fera Pierre très célèbre.*

‘This will make Peter very famous.’

b. **Ça fera Pierre [passioné]_{psych} par les timbres.*

‘This will make Peter crazy about stamps.’

c. *Sa visite à la Nouvelle Orléans a rendu Pierre vraiment [passioné]_{psych} par le jazz.*

‘His visit to New Orleans has rendered Peter really crazy about jazz.’

(LEGENDRE, 1993 *apud* LANDAU, 2010, p. 58)

De acordo com Landau (2010), o padrão de prefixação com *re-* em francês é semelhante ao do italiano, como vemos em (73).

(73) O prefixo *ri-* 're-' em francês

a. *re-* se afixa a participios passivos da classe I:

reconsidéré 'reconsidered'

?*réaimé* 'reloved'

?*redétesté* 'redetested'

réestimé 'reestimateded'

?*réoublié* 'reforgotten'.

b. *re-* não se afixa a adjetivos:

**recontente* 're-content'

**reheureux* 're-happy'

**reprête* 're-ready'

**rebelle* 're-beautiful'

**resûre* 're-sure'

c. *re-* não se afixa a participios passivos da classe II:

?**réalarmé* 'realarmed'

?**resurpris* 'resurprised'

?**rechoqué* 'reshocked'

?**réeffrayé* 'rescared'

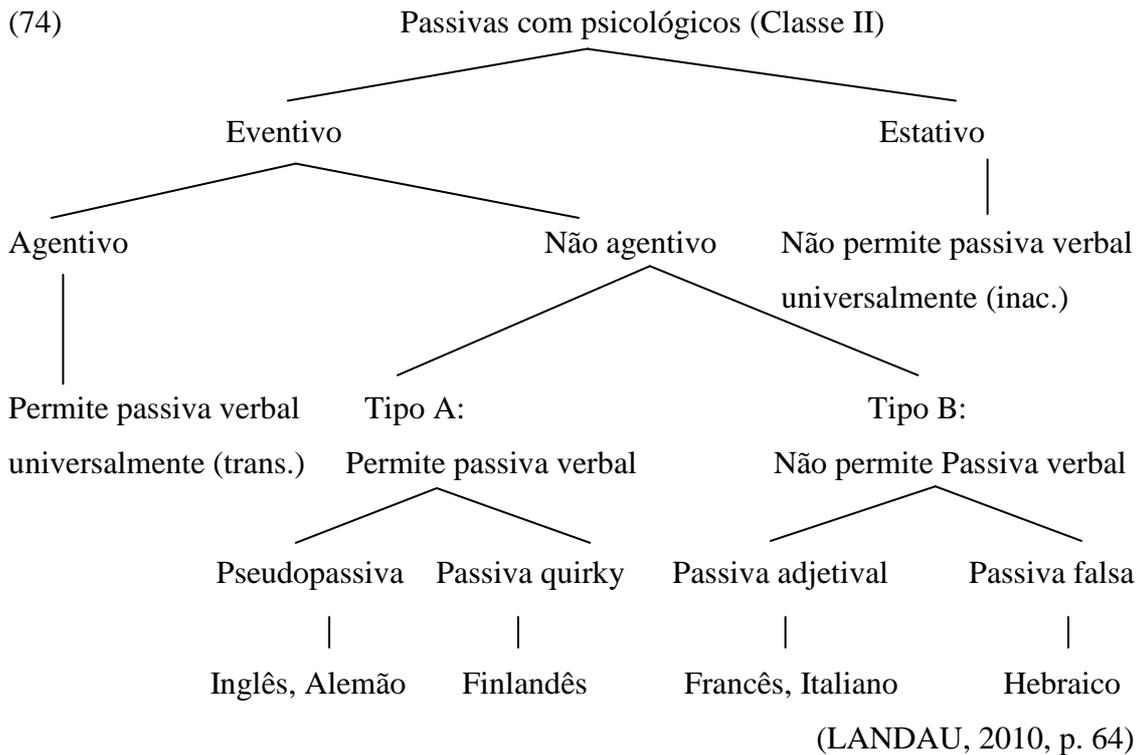
?**réamusé* 'reamused'

?**réennuyé* 'reboled'

(LANDAU, 2010, p. 58)

Landau (2010) analisa, por fim, o hebraico. Segundo o autor, essa língua é distinta do italiano e do francês por não haver ambiguidade entre leitura verbal/adjetival na passiva, a qual é constituída de uma forma flexionada em tempo, inequivocamente verbal. Nessa língua, não há passiva verbal de verbos da classe II.

A partir dessa argumentação e análise de dados translinguísticos, Landau (2010) conclui que, em leitura agentiva, os verbos psicológicos ExpObj perdem as propriedades especiais que os caracterizam (os efeitos psicológicos) e propõe a seguinte tipologia do comportamento dos verbos da classe II em construção passiva:



Na subseção seguinte, apresentamos uma expansão da tipologia elaborada por Landau (2010), considerando dados do espanhol e do português. Para fundamentar a nossa análise, adotamos os trabalhos de Gehrke & Sánchez-Marco (2013) para o espanhol, Barbedo (1999), Cançado (1995) e Pilastre (2012) para o português. Esperamos encontrar o lugar dessas línguas no quadro proposto por Landau (2010), de modo a colaborar para a análise translinguística do fenômeno analisado em nossa tese.

3.2.2 O lugar do espanhol e do português na tipologia proposta por Landau (2010)

Gehrke & Sánchez-Marco (2013) analisam as ocorrências das passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos em um *corpus* do espanhol a partir de dois prognósticos encontrados na literatura sobre o fenômeno.

Segundo o prognóstico 1, os participios dos verbos ExpObj não podem se combinar com o auxiliar ‘ser’ e formar passivas verbais quando em leitura estativa, embora possam formar passivas verbais quando em leitura agentiva. Observando o *corpus* do espanhol, as autoras concluem que a proibição categórica de Belletti & Rizzi (1988) sobre a impossibilidade de haver passiva verbal com predicados ExpObj não se observa, uma vez que elas encontram 41 casos de passivas verbais formadas com verbos

ExpObj. Ao contrário, prevalece a predição de Arad (1998) de que os participios de verbos ExpObj podem combinar-se com ‘ser’ unicamente quando têm uma leitura agentiva, mas não estativa, que pode ser comprovada ao se analisarem os contextos em que as passivas ocorrem. Gehrke & Sánchez-Marco (2013) exemplificam esse fato com os dados em (75), que são passivas verbais, como indica a presença da *by-phrase*.

- (75) a. [...] no digamos ya si es el mismísimo Aznar el que pide amparo al señor Pons para que uno de sus diputados no *fuera* "molestado" por el juez Barbero.
- b. Un notable ejemplo de pasividad absoluta es el erizo, un insectívoro de torpes y lentos movimientos que decide arrojarse en su coraza protectora cuando *es molestado* por un zorro, un ave de presa o el hombre.
- c. [...] pero por más que representó don Lope el peligro de que *fuese* ella *importunada* por Muley, suplicada por Gerif y obligada por todos a cosa que aguase las esperanzas de entrambos, con todo, pudieron más en María las imaginaciones de ser mirada con menos valer que debiera por parte del padre de su amante y de su linaje orgulloso.
- d. La monotonía abrumadora de estas navegaciones de meses y meses sólo *era alterada* por los peligros del Océano.

(GEHRKE; SÁNCHEZ-MARCO, 2013, p. 19)

No entanto, observamos que, para Gehrke & Sánchez-Marco (2013, nota 21, p. 19), os sintagmas preposicionais introduzidos por ‘por’ não são necessariamente uma indicação do caráter agentivo da passiva; são, antes, indicadores da existência de argumento externo. Nesse sentido, elas concluem, a partir dos exemplos obtidos no *corpus*, que não se pode afirmar que os verbos psicológicos ExpObj formam passivas verbais unicamente em sua leitura agentiva, já que não há evidência contextual suficiente que permita confirmar essa ideia (por exemplo, a presença de advérbios como *deliberadamente*). Para nós, embora a preposição ‘por’ possa não ter relação direta com a interpretação agentiva, ela é marcadora do traço de [intencionalidade] do Agente, quando ele ocorre e esse fator é decisivo para licenciar a passiva verbal com predicados ExpObj.

Segundo o prognóstico 2, os participios dos verbos ExpObj acusativo não podem se combinar com o auxiliar ‘estar’, exceto se têm alguma leitura agentiva (télica). Entretanto, no *corpus* do espanhol analisado por Gehrke & Sánchez-Marco (2013), os

particípios de predicados ExpObj podem se combinar livremente com ‘estar’, já que esse auxiliar aparece frequentemente com todos os tipos de verbos dessa classe, sendo a combinação de particípios ExpObj com o auxiliar ‘ser’ significativamente menor em relação à combinação com ‘estar’. As predições derivadas de Arad (1999) e Meltzer-Asscher (2011) – passivas adjetivais só se formam com verbos agentivos e télicos –, no entanto, parecem não adequadas, pois Gehrke & Sánchez-Marco (2013) encontraram leituras não agentivas entre os exemplos, como ilustram com os dados em (76).

- (76) a. Al salir de Madrid yo *estaba* mucho más *animado*.
b. Hacía quince años que no había venido a Madrid; *está aturdido*.
c. Al ver que llegaba la mañana y no aparecía, la pobre *estaría desesperada*, pensando que quizá me habría ocurrido alguna desgracia.

Para nós, as sentenças em (76) não são passivas. São, antes, predicções nominais. Com isso, as predições de Arad (1998) e Meltzer-Asscher (2011) podem ser mantidas para o espanhol.

Assumindo os resultados encontrados por Gehrke & Sánchez-Marco (2013), defendemos que, na tipologia de Landau (2010), o espanhol é semelhante ao francês e ao italiano, uma vez que a passiva verbal é admitida com predicados ExpObj agentivos e apenas a passiva adjetival é permitida com predicados ExpObj não agentivos (estativos). Adotamos os resultados estatísticos de Gehrke & Sánchez-Marco (2013, p. 17) para sustentar a nossa defesa, dado que 81% das ocorrências de passiva com predicados ExpObj são adjetivais (com ‘estar’).

Passamos, agora, à análise dos dados relativos ao português. Inicialmente, fazemos referência à pesquisa de Barbedo (1999), cuja proposta é a de que verbos ExpObj (como ‘preocupar’) em português europeu manifestam algumas tendências, a saber: (i) o número de predicados que formam passiva adjetival é maior, embora a construção passiva verbal seja aceita por um número considerável de verbos (como ‘animar’, ‘assustar’); (ii) há uma relação próxima entre a passiva verbal (com ‘ser’) e agentividade – assim, para a autora, todos os verbos claramente agentivos aceitam a passiva verbal e apresentam restrições quanto à passiva adjetival; (iii) passivas adjetivais ocorrem preferencialmente com sintagmas preposicionais com SN [-hum], embora alguns verbos aceitem SPs com SN [+hum]. Nessa síntese, que concentra a proposta da autora, não vemos nenhuma distinção significativa do comportamento dos

predicados ExpObj em construção passiva entre o português europeu e o português brasileiro.

Para o português, Cançado (1995) propõe, como vimos brevemente no Capítulo 1, quatro classes, definidas com base em uma proposta de refinamento dos papéis temáticos, cuja organização é sintetizada a seguir:

- (77) a. Classe 1: TEMER: V, {Experienciador^{+Controle}, Objetivo}
b. Classe 2: PREOCUPAR: V, {Causa^{-Controle}, Experienciador^{Afetado}}
c. Classe 3: ACALMAR: V, {Causa^{+Controle}, Experienciador^{Afetado}}
d. Classe 4: ANIMAR: V, {Causa^{+/-Controle}, Experienciador^{Afetado}}
- (CANÇADO, 1995, p. 159)

Diferentemente de Belletti & Rizzi (1988), os quais propuseram o teste de apassivação, dentre outros, como identificador de inacusatividade, Cançado (1995) considera que os predicados psicológicos são transitivos e que a diferença de mapeamento dos argumentos entre as classes se deve a uma hierarquia temática, a qual se caracteriza pela combinação da propriedade [controle] com outras três propriedades definidoras dos possíveis argumentos de um predicador, a saber, [desencadeador], [afetado] e [estado]. Cançado (2002) apresenta a seguinte hierarquia: desencadeador/controlado > desencadeador > afetado/controlado > afetado > estado/controlado > estado.

Cançado (1995) propõe que existem restrições de ordem semântica para que ocorra o processo morfológico de apassivação, sendo a restrição mais relevante a de o argumento externo possuir um papel- Θ com o traço [+controle] – caso das classes 1, 3 e 4. Se esse traço não estiver presente, apenas a passiva adjetival é permitida. Segundo a autora, a passiva é caracterizada pela forma do particípio passado e de um auxiliar ('ser', 'ficar'), o qual é suporte das categorias funcionais de tempo e aspecto. Nessa construção, os predicados das classes 1, 2, 3 e 4 revelam distintos comportamentos, como temos mostrado em nosso trabalho. Reproduzimos, para registro, os exemplos de Cançado (1995):

- (78) a. O cachorro é temido por José.
b. * O cachorro ficou temido por José.

- (79) a. *A mãe é preocupada por Rosa.
b. A mãe ficou preocupada por Rosa.
- (80) a. A multidão é acalmada pela polícia.
b. *A multidão ficou acalmada com a polícia.
- (81) a. José é animado por Maria.
b. José ficou animado com Maria.

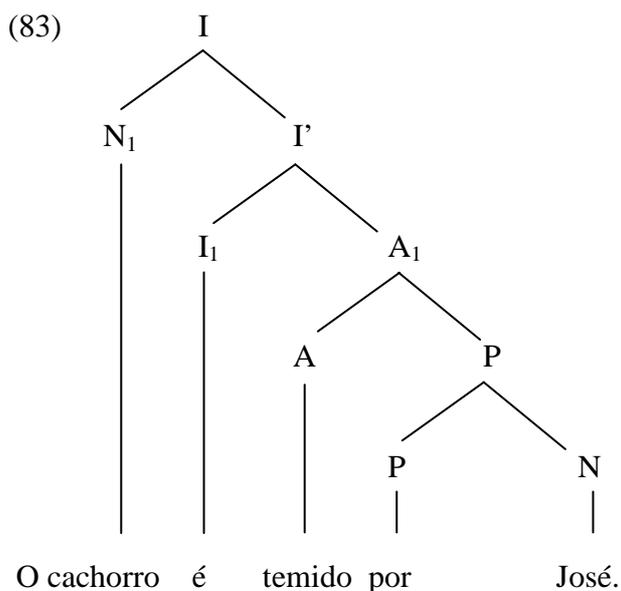
(CANÇADO, 1995, p. 160)

Em relação à representação sintática da passiva, Cançado (1995, p. 163-164) propõe que uma operação no léxico associa verbos a uma forma adjetival. Essa operação altera a hierarquia temática, reordenando o papel- Θ proeminente em uma posição periférica, como na representação para o verbo ‘temer’:

- (82) TEMER: V, {Experienciador^{+Controle}, Objetivo} →
→ TEM+IDO, A, {Experienciador^{+Controle}, Objetivo*}

(CANÇADO, 1995, p. 163)

Nesse ponto, o argumento Objetivo é selecionado para a posição de sujeito e o argumento tornado periférico (o Experienciador^{+Controle}) somente pode se tornar visível em uma posição indireta, introduzida por um sintagma preposicionado (quando exposto). Para o verbo auxiliar, a análise é de que são verbos funcionais, sendo somente a gramaticalização das categorias funcionais de tempo e aspecto. Assim, o verbo auxiliar não expressa nenhuma relação semântica do ponto de vista temático, e o papel- Θ dos argumentos depende exclusivamente das propriedades lexicais do participio. Dessa tomada de posição resulta a estrutura em (83), a qual é gerada a partir do léxico.



(CANÇADO, 1995, p. 164)

Cançado (1995) reconhece que, sem o desenvolvimento de um sistema explicativo formal, é difícil explicar as restrições observadas em (78), (79), (80) e (81). A autora apresenta, de maneira especulativa, a hipótese de que há uma restrição sobre os verbos auxiliares, no léxico, operando sobre os traços semânticos e aspectuais do particípio passado, como o traço de perfectividade, e sobre sua rede temática (a presença ou não do traço [controle] no argumento externo do verbo).

Ainda sobre o português, Pilastre (2012), como reportamos no Capítulo 1 desta tese, considera, seguindo a literatura, que os predicados ExpObj não formam passiva verbal quando em leitura não agentiva, sendo possível, nesse caso, apenas a passiva adjetival. Se a leitura for agentiva (como nos predicados 'assustar', 'animar'), a passiva verbal é permitida. Os dados em (84) são de Pilastre (2012):

- (84)
- a. *As velhas foram indignadas pela meretriz.
 - b. *Os políticos foram estarecidos pela manifestação.
 - c. *A moça foi envaidecida pelos elogios do rapaz.
 - d. *Antônia foi preocupada pela prima.
 - e. *O empregado foi enfurecido pelo patrão.

Aplicando o teste do prefixo re-, conforme proposto por Landau (2010) aos verbos do português, temos o seguinte:

(85) a. *re-* não se afixa a adjetivos:

*refeliz

*refurioso

*recansado

*rebonito

*redoente

b. *re-* não se afixa a participípios passivos da classe II:

*reassustado

*repreocupado

*reindignado

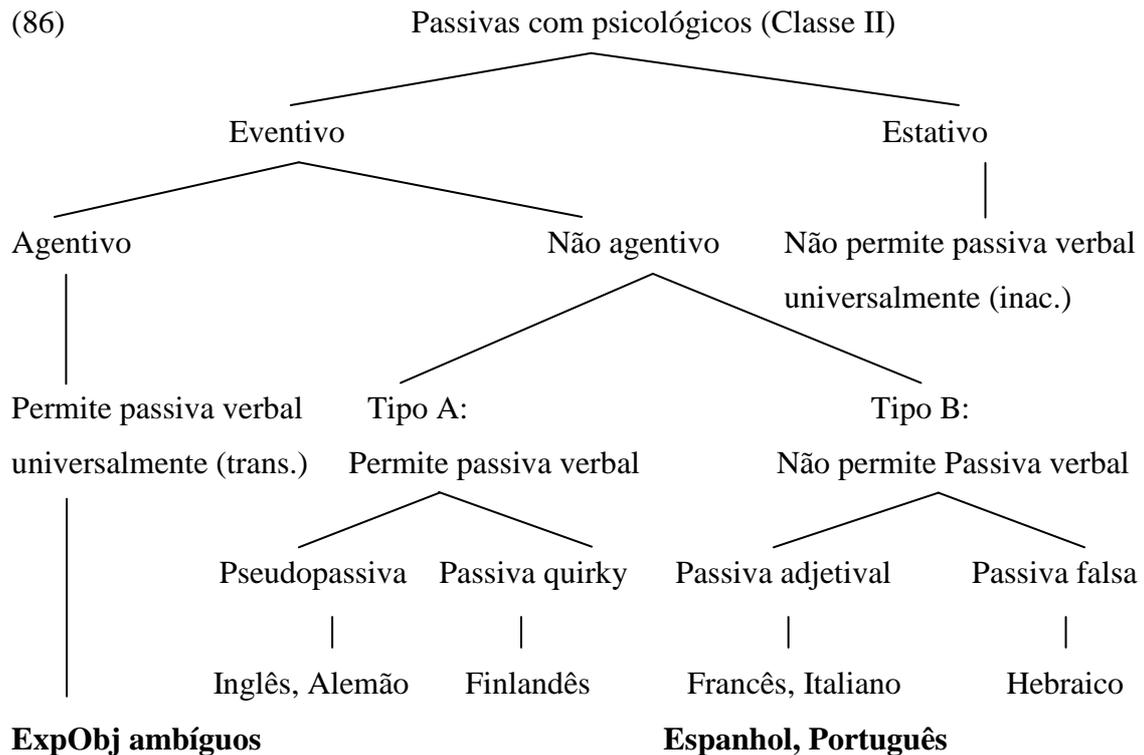
*reenfurecido

*reenvaidecido

Diante desses fatos, consideramos o português uma língua tipo B, pelas seguintes razões: (i) não há estratégias que permitam a passiva verbal (pseudopassiva ou passiva *quirky*); (ii) caso haja leitura agentiva, a passiva é permitida; e (iii) os fatos em (85) mostram que o português aproxima-se do italiano e do francês a respeito da afixação por *re-*.

Com isso, consideramo-nos habilitados a apresentar a nossa proposta de expansão da tipologia de Landau (2010), incluindo no diagrama o espanhol e o português:

(86)



ExpObj ambíguos

em leitura agentiva:

‘assustar’, ‘animar’.

Espanhol, Português

3.4. Síntese do Capítulo 3

Neste Capítulo, contemplamos as propostas relativas aos predicados psicológicos em construção passiva. Para Belletti & Rizzi (1988), os predicados ExpObj não formam passivas verbais porque são inacusativos. As passivas formadas com esses verbos são adjetivais. Para Pesetsky (1995) e Naves (2005), diferentemente, certos verbos ExpObj formam passiva verbal (os que possuem leitura eventiva). Em Bouchard (1995), vimos que a passiva verbal é permitida apenas com verbos que selecionam um argumento externo com a interpretação de Sujeito-I. Caso um predicado selecione um sujeito com a interpretação de Conceito, a passiva verbal não é permitida. Para Arad (1999) e Landau (2010), verbos ExpObj com leitura agentiva formam passivas verbais e os verbos ExpObj com leitura estativa não formam passivas verbais. Reinhart (2000, 2001, 2002), por sua vez, propõe que a passiva verbal só é permitida para verbos que selecionam um argumento (externo) que possui os traços [+c, +m].

Cançado (1995) defende que verbos que selecionam um argumento externo com um traço [+controle] podem formar passiva verbal. Pilastre (2012) propõe que verbos

ExpObj não projetam o núcleo funcional Voice (fundamental para a formação da passiva verbal). Barbedo (1999) e Gehrke & Grillo (1999) também discutem a construção passiva com predicados ExpObj. Para os autores, predicados ExpObj no português e o espanhol, respectivamente, não permitem passiva verbal. A literatura sobre a passiva com predicados psicológicos propõe, a partir de perspectivas distintas, que o papel- θ do argumento externo selecionado pela raiz verbal de predicados ExpObj é determinante para o licenciamento ou não da passiva verbal.

Por fim, apresentamos a proposta de tipologia linguística para as passivas da Classe II (LANDAU, 2010) e propusemos uma ampliação pela inclusão do espanhol e do português.

CAPÍTULO 4

O AUXILIAR, A FORMA PARTICIPIAL E A *BY-PHRASE* EM PASSIVAS COM PREDICADOS PSICOLÓGICOS EXPOBJ

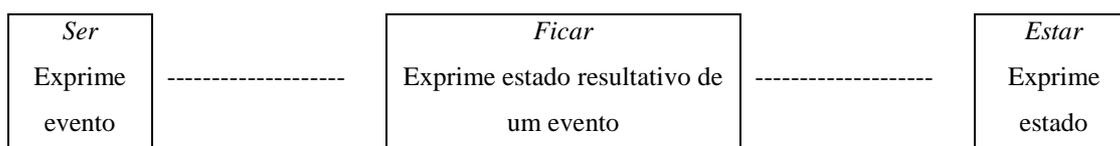
Neste Capítulo, desenvolvemos o objetivo III desta tese, segundo o qual pretendemos, a partir de uma análise composicional, identificar o papel de cada um dos elementos que compõem a construção passiva com predicados psicológicos: os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*; a forma participial; e a *by-phrase*. Iniciamos pelo exame da relação entre auxiliaridade e aspecto em passivas e discutimos as distinções entre uma construção passiva e uma predicação nominal. Seguimos com a discussão sobre a raiz e a forma participial dos predicados psicológicos ExpObj. Finalizamos com o tratamento detalhado da *by-phrase* e do argumento implícito (Agente) em passivas com predicados ExpObj.

4.1 Auxiliaridade e aspecto em passivas com predicados psicológicos ExpObj

Iniciamos o Capítulo pela caracterização da relação entre auxiliaridade e aspecto em passivas, focalizando os predicados psicológicos ExpObj.

Barbedo (1999) situa a aspectualidade de *ficar* entre *ser* e *estar*. A construção com *ficar* partilha com a construção com *estar* o fato de exprimir um estado, diferenciando-se desta por envolver dinamismo e uma alteração do estado-de-coisas. Por outro lado, a construção com *ficar* partilha características com a construção com *ser* por expressar dinamismo e a mudança do estado-de-coisas, afastando-se desta por descrever um estado (Barbedo, 1999, p. 149). Para a autora, o perfil aspectual de cada auxiliar interage diretamente com outros elementos da sentença passiva, como o sintagma preposicional (se está presente ou não; se é [+/-hum]ano; se é um Agente etc.). Com base nas constatações de Barbedo (1999) para o auxiliar, elaboramos o quadro a seguir:

(1) Perfil aspectual de *ser*, *estar* e *ficar* segundo Barbedo (1999).



Pilastre (2012) também aborda a relevância da interpretação aspectual das construções passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos. Para o autor, as passivas adjetivais, com o auxiliar *ficar*, são caracterizadas como de natureza menos causativa, o que atribui características mais nominais ao processo verbal, o qual é interpretado como estativo. As estruturas passivas com o auxiliar *ser* (passiva verbal), por outro lado, são caracterizadas como compatíveis com a natureza causativa do processo verbal, o qual é interpretado como eventivo. Como mencionamos no Capítulo 3, essa hipótese encontra respaldo em Torres Morais (1988), que, apoiando-se no trabalho de Levin & Rappaport-Hovav (1986), afirma que a distinção semântica entre os particípios passivos adjetivos e os particípios passivos verbais é sutil: passivas verbais são associadas à leitura eventiva; passivas adjetivais são associadas à leitura estativa. Essa distinção é formalizada, por exemplo, por Lundquist (2013), que postula a presença de uma categoria de denotação de evento em passivas eventivas. Para nós, essa categoria pode ser a projeção INIT(IATION) ou PROC(ESS) nos termos de Ramchand (2008, p. 55), um *v* nas abordagens da Morfologia Distribuída ou Voice em Collins (2005).¹³³

Com isso, podemos assumir como correta a hipótese de que a análise do valor aspectual da predicação é composicional, sendo importante considerar elementos tidos como periféricos, como a realização ou não (e o tipo) de sintagma preposicionado que ocorre na passiva.

¹³³ Em síntese, Ramchand (2008) trabalha com uma distinção de decomposição sintática do significado verbal em primeira e segunda fase. A segunda fase é composta por categorias como Caso, concordância e tempo. A primeira fase, discutida em detalhes por Ramchand (2008), é composta por três propriedades fundamentais que situam os participantes em relação ao evento. Nessa análise, a categoria *v* é articulada em três projeções verbais: *init*, *proc* e *res*. Cada uma dessas projeções possui uma posição de especificador, as quais são assim apresentadas por Ramchand (2008, p. 40) (mantemos o original, sem tradução):

initP introduces the causation event and licenses the external argument ('subject' of cause = initiator);
procP specifies the nature of the change or process and licenses the entity undergoing change or process ('subject' of process = undergoer);

resP gives the 'telos' or 'result state' of the event and licenses the entity that comes to hold the result state ('subject' of result = resultee).

Para a caracterização formal dos auxiliares, partimos da proposta de Lunguinho (2011), para quem os verbos auxiliares são uma classe de elementos verbais que (i) pertencem à categoria verbal, (ii) apresentam um traço verbal não valorado [*uV*], (iii) não atribuem papel temático e (iv) compõem, com a forma lexical do verbo principal (no nosso caso, a forma participial), um mesmo domínio oracional. Para o autor, a presença do traço [*uV*] na estrutura dos verbos auxiliares tem como consequência o fato de esses verbos selecionarem uma projeção verbal como complemento. É nessa projeção verbal que se encontra o alvo que valora, por meio da operação *Agree*, o traço não interpretável do auxiliar. Na passiva verbal, por exemplo, o autor propõe que o auxiliar *ser* seja um verbo funcional que valora o traço [perfectivo] do participípio passivo.

Para a definição de um verbo como auxiliar no português, o autor discute os critérios necessários e suficientes propostos pela literatura, chegando à seguinte lista (sintetizada por nós).

- (2) Critérios de auxiliaridade: os auxiliares
 - a. não atribuem papel- Θ (existência de sujeito único; ausência de restrição de seleção quanto ao sujeito; correspondência entre sentenças ativas e passivas; impossibilidade de seleção de DP objeto.)
 - b. constituem, com o verbo lexical, um único domínio oracional (impossibilidade de advérbios com valores temporais distintos; impossibilidade de negação do domínio não finito.)
 - c. não podem tomar um CP finito como complemento.

Por meio da aplicação desses critérios, Lunguinho (2011) conclui que há quatro verbos auxiliares no português – ‘ser’, ‘ter’, ‘estar’ e ‘ir’ –, no entanto, não analisa o verbo ‘ficar’. A pergunta que emerge, então, é como essa forma se comporta mediante a aplicação dos critérios de auxiliaridade em (2), o que analisamos com base nos dados em (3).

- (3)
 - a. O Jonas ficou preocupado/*a preocupação.
 - b. Os executivos não ficaram preocupados/*ficaram não preocupados.
 - c. O Pedro ficou assustado/*que assustou.

Em (3a), o verbo ‘ficar’ não pode selecionar um DP objeto, sendo essa restrição decorrente de sua incapacidade de atribuir papel- Θ . Em (3b), a impossibilidade de se negar apenas o verbo lexical mostra que o verbo ‘ficar’ e o verbo lexical formam um único domínio oracional. Por fim, (3c) mostra que o verbo ‘ficar’ não seleciona um CP finito como complemento. Nossa conclusão, assim, é a de que o verbo ‘ficar’, em construções passivas adjetivais resultativas, possui propriedades semelhantes aos auxiliares ‘ser’ e ‘estar’ (que formam passivas verbais e passivas adjetivais estativas, respectivamente).

Ainda que essa conclusão pareça correta, não descartamos um tratamento em termos de núcleo semilexical para ‘ficar’, a exemplo do que propõe Alexiadou (2005) para as *get-passives*.¹³⁴ As distinções entre núcleos lexicais, funcionais e semilexicais, no entanto, exige uma nova pesquisa, a ser realizada em momento futuro. Por ora, consideramos o resultados dos testes em (3) conclusivos para os fins desta tese e, como consequência, adotamos, da proposta de Lunguinho (2011), a caracterização dos verbos auxiliares como formas pertencentes à categoria verbal que apresentam um traço verbal não valorado [uV], cabendo à forma participial a atribuição de papel- Θ aos argumentos na sentença.

A proposta de Duarte & Oliveira (2010) destaca a relação entre a forma auxiliar (e seu perfil aspectual) e a forma participial. Para as autoras, os participios resultativos:

(i) constroem-se tipicamente com ‘ficar’, já que esse é um auxiliar que marca o fim de um evento e o início de um estado resultativo (como nos dados em (4)).

- (4) a. O poste ficou caído.
b. As pontes ficaram destruídas.

(DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 402)

(ii) ocorrem em predicções básicas de tipo télico: culminações e processos culminados (dados em (5) e (6), respectivamente).

- (5) a. O espelho ficou partido.
b. O espelho já está partido.

¹³⁴ Lunguinho (c.p.) considera que o auxiliar *ficar* pode ser enquadrado no grupo de núcleos semilexicais.

- (6) a. A cidade ficou destruída.
b. A cidade já está destruída.

(DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 403)

(iii) são incompatíveis com estados e são raros de ocorrer com processos.

- (7) a. *A Rita ficou amada. (estado)
b. *A Rita já está amada.

- (8) a. *O carro ficou empurrado. (processo)
b. */?O carro já está empurrado.

(DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 403)

Duarte & Oliveira (2010) consideram que, nas passivas eventivas (com ‘ser’), a natureza aspectual do particípio é pouco relevante, como os dados em (9) mostram.

- (9) a. Bagdad foi destruída pelos bombardeamentos americanos. (processo culminado)
b. A janela foi aberta para arejar o quarto. (culminação)
c. O carro foi conduzido por um piloto experiente. (processo)
d. A sobremesa foi apreciada por todos. (estado)

(DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 403)

As autoras propõem, com base em Embick (2004 *apud* DUARTE; OLIVEIRA, 2010), que em verbos com uma única forma participial há subespecificação quanto à distinção eventivo/resultativo/estativo. Nesse caso, são propriedades dos nós funcionais ou dos verbos flexionados que operam a distinção aspectual (i.e., eventivo/resultativo/estativo) por meio das suas propriedades de seleção. A proposta das autoras é sintetizada a seguir.¹³⁵

- (10) a. ‘Ser’: seleciona como complemento uma projeção funcional VoiceP, cujo núcleo seleciona uma projeção funcional AspP com o traço [+ Fient];

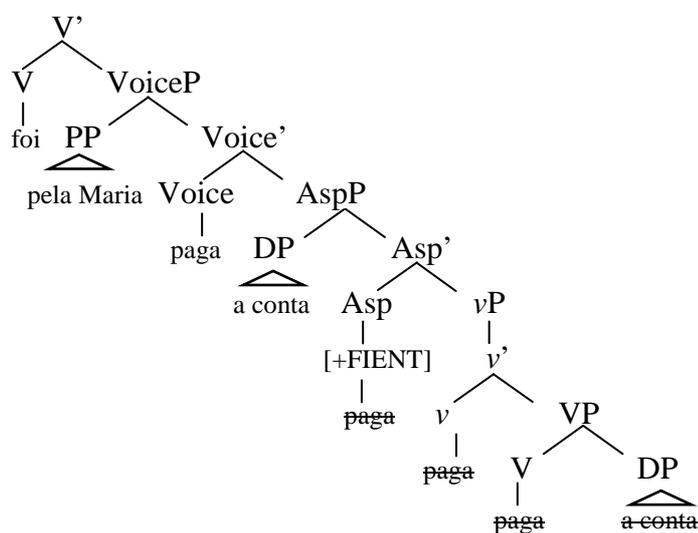
¹³⁵ Segundo Duarte & Oliveira (2010, nota 9), na proposta de Embick (2004), os particípios estativos são complemento de um nó Asp(ecto) com o traço estativo, os particípios eventivos são complemento de uma categoria com o traço Agente, VoiceP, e os resultativos são complemento de uma categoria que funciona como um operador do tipo *BECOME* (telicidade do evento), por ele denominado [Fient]ive.

- b. ‘Ficar’: seleciona tipicamente como complemento uma projeção funcional AspP com o traço [+Fient];
- c. ‘Estar’: seleciona tipicamente como complemento uma projeção funcional AspP com o traço [+Stative].

(DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 406)

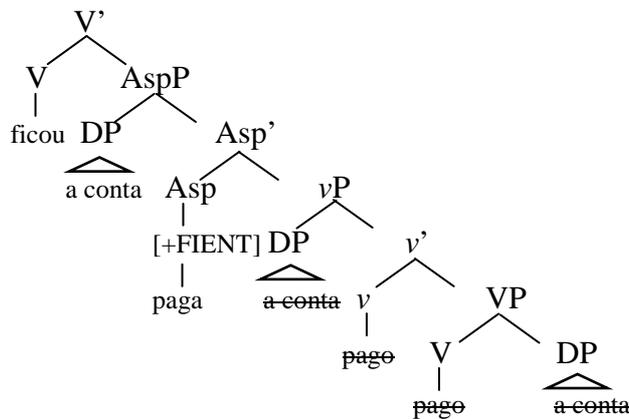
Assim, o nó VoiceP em (10a) é o responsável pelas propriedades de agentividade que caracterizam os participios eventivos. Ainda em (10a), o nó AspP (o qual tem o traço [+Fient]) é o responsável pelas propriedades de eventividade. (10b), por sua vez, é formado pelo nó funcional AspP (com o traço [+Fient]), responsável pelas propriedades de eventividade dos participios resultativos. A ausência de agentividade nas predicções com ‘ficar’ é explicada pela ausência do nó VoiceP. Em (10c), a ausência de propriedades de agentividade e de eventividade são representadas, respectivamente, pela ausência de VoiceP e pela presença de um nó funcional AspP (com o traço [+Stative]). Essas são as representações propostas pela autoras:¹³⁶

- (11) a. Passivas eventivas (auxiliar ‘ser’)

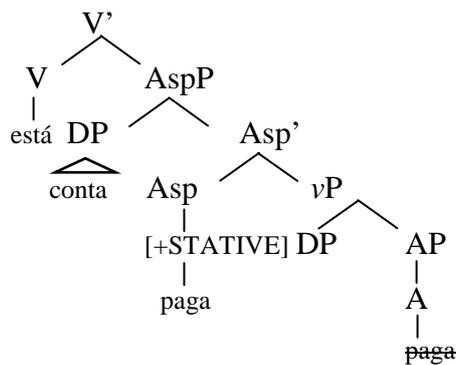


¹³⁶ Duarte & Oliveira (2010) apresentam apenas as derivações parciais das passivas eventiva, resultativa e estativa.

b. Passivas resultativas (auxiliar 'ficar')



c. Passivas estativas (auxiliar 'estar')



(DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 13-15)

Notamos que Embick (2004) considera importante explicar a distinção entre participípios resultativos e estativos. Para ele, a principal distinção é que o traço [evento] pode ser identificado na passiva adjetival resultativa, mas, na estativa, esse traço inexistente. O que há de comum entre a passiva verbal eventiva e a passiva adjetival resultativa é o traço [evento]. Elas diferem em outro ponto: a passiva verbal eventiva implica a existência de um Agente, o que não é encontrado na passiva adjetival resultativa. A síntese em (12) é nossa.

(12) Distinção entre passiva adjetival e passiva verbal.

Passiva adjetival	estativa	[− evento]	
	resultativa	$\left(\begin{array}{l} [+ \text{ evento}] \\ [+ \text{ evento}] \end{array} \right)$	(− Agente)
Passiva verbal	eventiva		(+ Agente)

4.2 A forma participial nas passivas verbais e adjetivais

Como vimos na discussão sobre as passivas adjetivais (Capítulo 2), Baker (2003) propõe uma cisão entre adjetivos e verbos, que tem como motivação inicial o comportamento distinto dessas duas categorias em relação aos diagnósticos de inacusatividade. Burzio (1986 *apud* BAKER, 2003, p. 63) nota, por exemplo, que, enquanto o argumento Tema do verbo passivo *ricosciute* ‘reconhecido’, em (13a), é mapeado internamente, o argumento Tema equivalente da passiva adjetival *sosciute* ‘desconhecido’, em (13b), é mapeado externamente.

- (13) a. Ne sarebbero ricosciute molti t (di vittime).
 of-them would be recognized many (of victims)
 'Many of them (the victims) would be recognized'
- b. *Ne sarebbero sosciute molte t (di vittime).
 of-them would be unknown many of victims
 'Many of them (the victims) would be unknown.'

(BURZIO, 1986 *apud* BAKER, 2003, p. 62-63)

O diagnóstico utilizado para distinguir a posição sintática do argumento Tema em cada construção (verbal ou adjetival) é a cliticização de *ne-*. Em italiano, a cliticização de *ne-* só é possível a partir da posição de objeto. Assim, (13b) é agramatical porque há cliticização de um elemento que não o objeto direto – trata-se, na verdade, de um sujeito externo ao sintagma adjetival. (13a), por sua vez, é gramatical, dado que ocorre cliticização de um elemento que ocupa a posição estrutural do objeto.

Em nossa exposição da proposta de Meltzer-Asscher (2011), mostramos que Baker (2003) postula que sujeitos de adjetivos não são originados dentro da projeção adjetival, mas como especificador de uma projeção funcional, Pred, que toma um indivíduo e o transforma em um predicado.¹³⁷

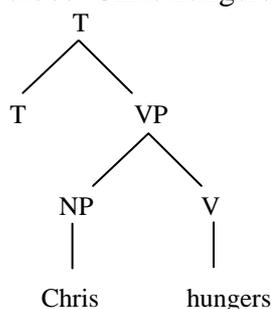
Baker (2003) sugere que Pred é desnecessário no caso de verbos, os quais são predicadores por excelência e licenciam seus próprios sujeitos temáticos. Com adjetivos

¹³⁷ O núcleo funcional Pred foi sugerido inicialmente por Bowers (1993 *apud* BAKER, 2003) em estruturas predicativas com todas as categorias lexicais – verbos, nomes e adjetivos – que não são consideradas como predicados, mas como um tipo especial de “propriedade”, disfarçada como um indivíduo. Esse indivíduo pode ser transformado em um predicado mediante um operador *up* (CHIERCHIA, 1988 *apud* BAKER, 2003). Bowers (1993) propõe que a semântica de Pred é a mesma desse operador *up*.

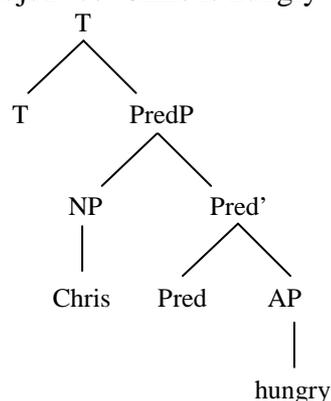
(e nomes), a presença de Pred é necessária, dado que essas categorias são incapazes de atribuir papel- Θ sozinhas. Na implementação da proposta de Baker (2003), Pred toma um AP (ou um NP) como complemento, o qual se torna, assim, um predicado que atribui o papel- Θ Tema ao sujeito na posição de especificador, como ilustrado a seguir:

(14)

Verbos: Chris hungers



Adjetivos: Chris is hungry



(BAKER, 2003, p. 35)

A proposta de Baker (2003) é capaz de explicar o fato em (13) acima, sobre a cliticização de *ne-*. Sujeitos de adjetivos são argumentos externos, gerados na base em spec,PredP, e não é esperado que se comportem como argumentos internos no que diz respeito aos diagnósticos de inacusatividade.

Adicionalmente, Baker (2003) mostra que a existência de um núcleo adicional Pred entre T e AP pode explicar o fato de que adjetivos não são flexionados quanto à categoria tempo, enquanto verbos são. A explicação para esse fato é a de que, por um lado, o adjetivo não pode cruzar Pred para se adjungir a T, uma vez que isso violaria a Restrição de Movimento de Núcleo (do inglês, *Head Movement Constraint*); por outro lado, se o adjetivo se adjunge a Pred em seu caminho para T, então um núcleo Pred complexo é formado.¹³⁸ Baker (2003) propõe que esse núcleo complexo não pode subir e se adjungir a T, uma vez que T precisa se adjungir a categorias lexicais, ao invés de categorias funcionais.

¹³⁸ A Restrição de Movimento de Núcleo, que impede o movimento de categorias lexicais entre sintagmas que não estejam em relação de domínio imediato. A formulação original é a seguinte: *Head Movement Constraint (HMC): A word-level category X can move to adjoin to another word-level category Y only if the phrase headed by X is immediately dominated by a projection of Y.* (TRAVIS, 1984; BAKER, 1988; e CHOMSKY, 1986 *apud* BAKER, 2003, p. 49)

Vejamos, agora, a proposta de Lundquist (2013), o qual discute a relação entre categorias lexicais e categorias derivadas, como participípios e nominalizações. A questão central, para o autor, é saber como a estrutura interna do constituinte afeta a sua distribuição sintática. O pesquisador defende que todos os participípios têm a distribuição de adjetivos. Para fundamentar sua argumentação, o autor considera que uma teoria de categorias lexicais, como a proposta por Baker (2003), seja adequada.

Segundo Lundquist (2013), o predicado adjetival em (15a) e o predicado verbal em (15b) possuem a mesma estrutura subjacente, diferenciando-se apenas quanto ao momento da inserção dos itens de vocabulário (do inglês, *vocabulary insertion*):

- (15) a. Fred is hungry/ Fred is fond of spinach.
 b. Fred hungers /Fred likes spinach.

(LUNDQUIST, 2013, p. 8)

No caso de predicados adjetivais, a inserção vocabular se dá antes de ocorrer *Merge* de Pred, como ilustrado em (16).

- (16) a. A
 b. [_{AP} A (PP)] *Merge*
 c. [_{AP} hungry/fond (NP)] *Vocabulary insertion*
 d. [Pred [_{AP} hungry/fond (NP)]] *Merge*
 e. [_{PredP} NP Pred [_{AP} hungry/fond (NP)]] *Merge*
 f. [_{PredP} NP ; [_{AP} hungry/fond (NP)]] *Vocabulary Insertion*
 g. [NP_i be_j + Tense [_{AuxP} t_i t_j [_{PredP} t_i ; [_{AP} hungry/fond (NP)]]]]

(LUNDQUIST, 2013, p. 8)

No caso de predicados verbais, a inserção vocabular se dá após ocorrer *Merge* de Pred. A raiz adjetival move-se para o núcleo de Pred, que, por sua vez, se transforma em V:

- (17) a. A
 b. [_{AP} A (NP)] *Merge*
 c. Pred [_{AP} A (NP)] *Merge*
 d. A_i + Pred [_{AP} t_i (NP)] *Move*
 e. like/hunger [_{AP} t_i (NP)] *Vocab. insertion*
 f. [_{VP} NP like/hunger [_{AP} t_i (NP)]] *Merge*
 g. [_{NP}_j Tense [_{VP} t_j like/hunger [_{AP} t_i (NP)]]]

(LUNDQUIST, 2013, p. 8)

Para Lundquist (2013), a diferença entre um particípio e um verbo pleno pode ser presumivelmente descrita do mesmo modo. Um particípio pode simplesmente lexicalizar uma estrutura verbal em que Pred ainda não está presente, especialmente se esse particípio toma um Pred associado a uma raiz verbal que introduz um argumento externo. Para particípios adjetivais, Lundquist (2013) assume que a derivação em (17) pode ser, em alguma medida, diretamente aplicável.

Para o autor, a estrutura de evento do particípio possui a configuração em (18), em que *v* é uma espécie de rótulo de “processo”, “evento”, e, nesse sentido, introduz uma variável de evento, mas não um argumento externo, o qual é introduzido por Voice:

- (18) -ed [_v [Root]]

(LUNDQUIST, 2013, p. 10)

Já Alexiadou (2005), focalizando as *get-passives*, considera que o estatuto do particípio nessas construções é diferente da contraparte passiva com *be*. Para a autora, há nas *get-passives* um particípio adjetival. Ela discute que tipo de particípio adjetival está presente na estrutura em vista dos trabalhos de Kratzer (2000), Embick (2003) e outros. Como vemos, esses autores pontuam que particípios adjetivos se dividem em subtipos (pelo menos dois), dependendo se eles carregam ou não implicação de eventos.

Alexiadou (2005) argumenta que uma maneira possível de distinguir entre os dois tipos de particípios adjetivais vem de forma desses particípios. Enquanto na maioria dos casos os particípios são homófonos em inglês, Alexiadou (2005), seguindo Embick (2003), nota que há casos em que um significado estativo puro, isto é, um significado vazio de implicações de evento, é mapeado em uma realização fonológica distinta. Em (19), as formas *rotten* e *sunken* são reservadas para o particípio estativo:

(19)	Raiz	Estativo	Outros Particípios
1.	√ROT	rott- <i>en</i>	rott- <i>ed</i>
	√SINK	sunk- <i>en</i>	sunk
2.	√EMPTY	empty	empti- <i>ed</i>
	√DRY	dry	dri- <i>ed</i>

(ALEXIADOU, 2005, p. 18)

A autora segue a argumentação afirmando que é possível combinar ambas as formas com *get* e que as construções são diferentes em interpretação. Em (20), o sujeito de *get* é afetado pelo evento descrito pelo complemento de *get*, no sentido que alguém é compreendido como tendo esvaziado a caixa de correio. Essa não é a interpretação associada a (21), em que a leitura é a de que a caixa de correio se tornou vazia.

(20) The mailbox got emptied.
 ‘A caixa de correio foi esvaziada.’

(21) The mailbox got empty.
 ‘A caixa de correio ficou vazia.’

(ALEXIADOU, 2005, p. 18)

A sentença em (20), cuja tradução em português exige morfologia passiva (auxiliar *ser* e particípio passivo), é uma passiva verbal, sendo inclusive possível recuperar um Agente implícito (‘pelo carteiro’). Nesse sentido, podemos equiparar (20) a uma construção como ‘João foi acalmado pela enfermeira’. Já a sentença em (21), na nossa análise, não é, formalmente, uma sentença passiva, mas uma construção com sentido passivo, sem morfologia passiva, podendo ser equiparada à construção “João ficou calmo”, em que não (i) não há morfologia passiva e (ii) não há uma contraparte ativa.

Taranto (2004), discutido por Alexiadou (2005), também observa que a construção com *get* como um todo é eventiva, embora *get* possa selecionar complemento estativo ou eventivo. No caso de (20), há uma camada funcional que provoca a leitura de eventividade, mas falta uma projeção funcional que apresente características de agentividade; já em (21) o complemento é uma construção estativa pura, não havendo camadas funcionais que provoquem eventividade.

Outro teste que pode ser utilizado como evidência para a estrutura participial no complemento de *get* diz respeito à distribuição de advérbios. Como mostram os dados em (22), o participio em construções com *get* pode ocorrer com adverbiais que modificam o estado resultante, mas não com advérbios que têm uma interpretação agentiva/intencional:

- (22) a. John got sloppily dressed.
b. ??The manuscript got carefully destroyed.

(ALEXIADOU, 2005, p. 18)

No caso do português, observamos a existência do mesmo padrão. Para nós, o dado em (23a), em que o advérbio modifica o estado resultante, é gramatical – semelhantemente a (22a). Em (23b), a presença de advérbios que trazem uma interpretação agentiva/intencional torna a sentença agramatical – semelhantemente a (22b).

- (23) a. João ficou desleixadamente vestido.
b. *A corda ficou cuidadosamente balançada.

Segundo Alexiadou (2005), o fato de que apenas advérbios orientados para resultados são totalmente gramaticais nas construções-*get* parece sugerir que o complemento de *get* é um participio que carrega traços de eventividade. A construção, portanto, parece ter semelhanças com participios resultativos de Kratzer (2000 *apud* Alexiadou, 2005).¹³⁹ Em favor dessa ideia, Alexiadou (2005) nota que eles são incompatíveis com *for*-PPs (por exemplo, *The table was/*got wiped for an hour*).

No entanto, a autora aponta uma diferença importante entre participios resultativos e as construções-*get*: participios resultativos não licenciam *by-phrases*, mas *get-passives* licenciam:

¹³⁹ Kratzer (2000) propõe que haja dois tipos de passivas adjetivas no inglês e no alemão: as passivas de estado alvo (do inglês, *target state*) e as passivas de estado resultante (do inglês, *resultant state*). As primeiras são compatíveis com o advérbio *ainda*, o qual, segundo a autora, diagnostica estados reversíveis. Nas passivas de estado resultante, a presença do advérbio *ainda* torna a sentença agramatical, o que traduz o fato de esses predicados serem permanentes (i.e., irreversíveis). Os exemplos a seguir, retirados de Duarte & Oliveira (2010), ilustram esse fato:

(i) O cachorrinho (ainda) está escondido atrás da árvore.
(ii) A saia (*ainda) está lavada. (DUARTE; OLIVEIRA, 2010, p. 400)

- (24) a. *John is arrested by the police.
b. John got arrested by the police.

(ALEXIADOU, 2005, p. 19)

Dados como esses sugerem que *by-phrases* não são licenciadas diretamente pelo particípio resultativo, mas o seu licenciamento ocorre de uma maneira distinta. Fox e Grodzinsky (1998 *apud* Alexiadou, 2005) postulam que o licenciamento da *by-phrase* nas passivas com *get* segue o padrão de licenciamento de *by-phrases* em nominalizações e se restringe apenas ao papel de afetado. Arce-Arenales *et al.* (1994 *apud* Alexiadou, 2005) denomina as *by-phrases* envolvidas nas construções *get* como sintagmas pseudo-agentivos.¹⁴⁰ Alternativamente, pode-se supor que a diferença entre (24a) e (24b), e, portanto, entre o *locus* de licenciamento da *by-phrase* nas duas construções, deve-se à presença de *get*. Em nossa tese, defendemos que, de fato, o *locus* de licenciamento da *by-phrase* em passivas verbais e adjetivais seja distinto. Remetemos o leitor à seção 4.3 para uma caracterização mais ampliada da *by-phrase* e ao Capítulo 5 para detalhes da nossa proposta de análise.

Retomando a questão da categoria lexical da forma participial em construções passivas, sobre a qual há intenso debate, a literatura assume, de modo geral, que a forma participial nas passivas adjetivais é recategorizada como adjetivo.¹⁴¹ Segundo Duarte (2013), com verbos que possuem uma forma participial verbal e outra forma recategorizada como adjetivo, nas orações passivas verbais é usado o particípio verbal (dado em (25)), enquanto nas construções passivas adjetivais resultativas, há duas alternativas: a primeira é a opcionalidade entre a forma participial e a forma adjetival recategorizada como adjetivo (26a); a segunda é a obrigatoriedade da ocorrência da forma recategorizada (26b).

¹⁴⁰ Arce-Arenales *et al.* (1994, p. 12) notam que uma importante distinção entre passivas com *get* e passivas verbais é o fato de estas sempre possuírem uma contraparte ativa, o que nem sempre ocorre com aquelas. Para os autores, há fortes indícios de que as construções com *get* não sejam derivadas de uma construção ativa, sendo antes construções ativas. O problema enfrentado pelos autores a partir dos dados analisados é relacionado a como um sintagma preposicionado com Agente (uma *by-phrase* agentiva) pode ocorrer em uma sentença ativa. A resposta está em postular que sintagmas pseudo-agentivos são permitidos em ativas, como *Shirley died by her own hand* ‘Shirley morreu por suas próprias mãos’ (ARCE-ARENALES *et al.*, 1994, p. 14). Essa sentença só é permitida se não houver um Agente verdadeiro, como **Shirley died by Jack* ‘Shirley morreu por Tiago’ (ARCE-ARENALES *et al.*, 1994, p. 14).

¹⁴¹ Cf. Levin & Rappaport-hovav (1986), Torres Morais (1988), Embick (2004) e Duarte & Oliveira (2010).

- (25) a. O veículo foi submergido/*submerso pela torrente.
b. O fuzileiro foi cegado/cego pelos estilhaços da bomba.
- (26) a. O veículo ficou submergido/submerso na torrente.
b. O fuzileiro ficou *cegado/cego em consequência dos estilhaços da bomba.

(DUARTE, 2013, p. 442)

Duarte (2013, p. 441) sugere que a generalização descritiva que rege essa alternância parece ser de natureza diacrônica. A explicação da autora é a seguinte: nos casos em que a recategorização do particípio irregular como adjetivo foi concluída em época anterior à presente sincronia, é obrigatória a ocorrência da forma recategorizada como adjetivo (por exemplo, ‘*cegado/cego’). A nossa hipótese é que esse parece ser o caso da forma ‘calmo’, dado que em nossa sincronia não há alternância entre a forma participial e a forma adjetival (‘ficou *acalmado/calmo’). Essa hipótese acerca da diacronia dessas formas, no entanto, precisa ser atestada em trabalho futuro.¹⁴²

Já nos casos em que a recategorização do particípio irregular é um processo ainda em curso, os falantes tanto usam o particípio regular como o irregular nas construções passivas resultativas (como ‘submergido/submerso’).

Nesses casos, a relação entre morfologia participial e passiva verbal se mostra mais evidente. A morfologia participial é uma exigência na passiva verbal pelo fato de a riqueza morfológica do particípio licenciar a ausência do argumento externo. Como vimos no Capítulo 2, essa relação é presente nos trabalhos de Jaeggli (1986), Baker, Johnson & Roberts (1989) e Boeckx (1998).¹⁴³ Nessas propostas, o morfema participial desempenha papel importante na passiva, sendo caracterizado, respectivamente, como: (i) responsável pela absorção do papel- Θ externo; (ii) um argumento; (iii) licenciador do argumento implícito. Pires (1996) também defende proposta semelhante, segundo a qual as formas regulares de particípios duplos tendem a ocorrer em contextos eminentemente verbais, incluindo o contexto de passiva.¹⁴⁴

¹⁴² Sobre a relação entre as formas participiais regulares e irregulares, defendemos, como Lobato (1999), que uma forma não é derivada da outra (regular>irregular ou irregular>regular). Assim, ‘manifesto’ não é uma redução de ‘manifestado’, e ‘manifestado’ não é uma ampliação de ‘manifesto’.

¹⁴³ Essa posição também é defendida por Alexiadou (2005), como vimos na análise dos dados (20) e (21) deste Capítulo.

¹⁴⁴ Pires (1996), que adota os traços categoriais [V] e [N] para analisar as formas participiais no português.¹⁴⁴ O autor propõe que as formas participiais (V-DO) sempre manifestam um traço categorial [+V] e, em geral, um traço categorial [+N]. O traço [+N] é estipulado para contemplar as características múltiplas da forma participial, ora de verbos, ora de adjetivos. As formas participiais são, então,

Segundo Duarte (2013), foi o fato de a forma recategorizada ocorrer na passiva resultativa levou muitos autores a denominá-las passivas adjetivais. O argumento apresentado em favor dessa denominação é a possibilidade de se coordenar o particípio a um adjetivo, o que não é permitido nas orações passivas verbais.

- (27) a. Os museus de Bagdad ficaram destruídos e *vazios*.
b. *Os museus de Bagdad foram destruídos e *vazios* pelas pilhagens.

(DUARTE, 2013, p. 442)

Aplicamos o teste de coordenação a construções passivas formadas por predicados ExpObj e consideramos que a distinção permanece: em (28a), a coordenação entre o particípio do predicado ‘assustar’ e um adjetivo não pode ocorrer, visto que se trata de uma passiva verbal; em (28b), uma passiva adjetival, o particípio desse verbo pode ocorrer em coordenação com um adjetivo.

- (28) a. *O Pedro foi assustado e *bravo* pelo João.
b. O Pedro ficou assustado e *bravo* com o João.

Outro teste proposto para evidenciar o contraste entre o comportamento morfossintático dos particípios em passiva verbal e adjetival é a possibilidade ou não de a forma participial sofrer derivação de grau (pela adição do sufixo -íssimo) (TORRES MORAIS, 1988). Aplicamos esse teste ao verbo ‘assustar’ e, como vemos em (29a), a forma participial verbal é refratária a essa derivação, diferentemente da forma participial em (29b), a qual aceita a derivação.

- (29) a. *O Pedro foi assustadíssimo pelo João.
b. O Pedro ficou assustadíssimo com o João.

O último teste (também proposto por Torres Morais (1988)) está relacionado à possibilidade ou não de o particípio ser modificado por advérbio de grau. Segundo esse teste, as formas participiais que são recategorizadas como adjetivos aceitam a presença

caracterizadas como [+V, +N], o que, em tese, anula a fronteira entre adjetivos e formas participiais, uma vez que, em termos de traços categoriais, os adjetivos também são [+V, +N].

de advérbios como ‘muito’, o que não ocorre com formas participiais verbais. Tomando as mesmas sentenças em (29), aplicamos o teste e encontramos os seguintes resultados.

- (30) a. *O Pedro foi *muito* assustado pelo João.¹⁴⁵
b. O Pedro ficou *muito* assustado com o João.

Fica claro que, nos dados em (28a), (29a) e (30a), a agramaticalidade das sentenças mostra que as formas participiais são refratárias a processos morfossintáticos aplicáveis a adjetivos (coordenação com adjetivo, derivação de grau e modificação com advérbio de grau). Essas sentenças são compostas, portanto, por formas participiais verbais. Concluimos que, nos dados em (28b), (29b) e (30b), as formas participiais são recategorizadas como adjetivos, uma vez que são compatíveis com os três processos morfossintáticos em análise.

Feitas essas considerações sobre o fato de a forma participial em passivas verbais ser morfossintaticamente distinta da forma participial em passivas adjetivais (aquela apresenta comportamento de verbo; esta, de adjetivo), passamos à análise das formas participiais das três classes de predicados psicológicos ExpObj em foco nesta pesquisa: ‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘assustar’. Para isso, recuperamos os dados de passivas verbais e adjetivas com esses verbos:

- (31) a. *O pai foi *preocupado* pela Eliana.
b. O pai ficou *preocupado* com a Eliana.
- (32) a. O marido foi *assustado* pela esposa.
b. O marido ficou *assustado* com a esposa.
- (33) a. O João foi *acalmado* pela enfermeira.
b. *O João ficou *acalmado* com a enfermeira.
c. O João ficou *calmo* com a enfermeira.

¹⁴⁵ A sentença é gramatical apenas na leitura em que, no passado, em determinada faixa temporal, ‘o João assustou o Pedro’ em muitos momentos. Trata-se de uma leitura de quantificação de evento e não de intensificação de evento, como pretendemos para obter uma leitura de passiva adjetival.

O verbo ‘preocupar’, em (30), apresenta comportamento regular, aceitando apenas a passiva adjetival. O verbo ‘assustar’, em (31), permite ambas as passivas e mantém a mesma forma participial para ambas, apesar de os testes aplicados de (28) a (30) terem demonstrado que se trata de categorias morfossintáticas distintas.

O verbo ‘acalmar’, por sua vez, apresenta um padrão especial: a passiva verbal é formada com o particípio ‘acalmado’, como vimos anteriormente. Já na passiva adjetival, a forma participial ‘acalmado’ é agramatical, mas a presença de uma forma adjetival, como ‘calmo’, torna a sentença gramatical. A análise de outros verbos pertencentes à mesma classe de ‘acalmar’ nos leva a resultados semelhantes:

(34) a. *O policial ficou *abrandado* com o gesto cordial.

b. O policial ficou *brando* com o gesto cordial.

(35) a. *Jonas ficou *agradado* com o elogio.

b. Jonas ficou *grato* com o elogio.

(36) a. *Os ânimos ficaram *suavizados* com o pedido do padre.

b. Os ânimos ficaram *suaves* com o pedido do padre.

(37) a. *Os fiéis ficaram *tranquilizados* com o sermão do padre.

b. Os fiéis ficaram *tranquilos* com o sermão do padre.

Propomos que a análise para esses verbos deve levar em consideração a raiz que produz cada particípio. Primeiramente, notamos que na classe de ‘preocupar’, a qual só forma passiva adjetival, a raiz é um verbo, sendo a forma nominal (‘preocupação’) e a forma participial derivadas do verbo (predominantemente por afixação de -mento/-ção, mas também por derivação zero, no caso dos nominais, e por afixação de ‘-do’, no caso dos particípios):¹⁴⁶

¹⁴⁶ Para uma análise sobre a formação de nominalizações em -mento e -ção, remetemos o leitor ao trabalho de Oliveira (2014).

(38) Classe de ‘preocupar’

[abalar] _{verbo}	→	[abaloØ] _{substantivo}	[abalado] _{particípio}
[aborrecer] _{verbo}	→	[aborrecimento] _{substantivo}	[aborrecido] _{particípio}
[acabrunhar] _{verbo}	→	[acabrunhamento] _{substantivo}	[acabrunhado] _{particípio}
[acanhhar] _{verbo}	→	[acanhamento] _{substantivo}	[acanhado] _{particípio}
[afetar] _{verbo}	→	[afetação] _{substantivo}	[afetado] _{particípio}
[agitar] _{verbo}	→	[agitação] _{substantivo}	[agitado] _{particípio}

Quanto às classes de ‘acalmar’ e de ‘assustar’, diferentemente, as formas de base são, respectivamente, o adjetivo ‘calmo’ e o substantivo ‘susto’, sendo a forma verbal derivada por meio de sufixos verbalizadores e a forma participial por ‘-do’.

(39) Classe de ‘acalmar’

[calmo] _{adjetivo}	→	[acalmar] _{verbo}	→	[acalmado] _{particípio}
[brando] _{adjetivo}	→	[abrandar] _{verbo}	→	[abrandado] _{particípio}
[grato] _{adjetivo}	→	[agradar] _{verbo}	→	[agradado] _{particípio}
[suave] _{adjetivo}	→	[suavizar] _{verbo}	→	[suavizado] _{particípio}
[tranquilo] _{adjetivo}	→	[tranquilizar] _{verbo}	→	[tranquilizado] _{particípio}

(40) Classe de ‘assustar’

[pavor] _{substantivo}	→	[apavorar] _{verbo}	→	[apavorado] _{particípio}
[sombra] _{substantivo}	→	[assombrar] _{verbo}	→	[assombrado] _{particípio}
[susto] _{substantivo}	→	[assustar] _{verbo}	→	[assustado] _{particípio}
[temor] _{substantivo}	→	[atemorizar] _{verbo}	→	[atemorizado] _{particípio}
[terror] _{substantivo}	→	[aterrorizar] _{verbo}	→	[aterrorizado] _{particípio}

A classe de ‘acalmar’, sendo de base adjetival, não necessita de morfologia verbalizadora para ocorrer em passivas adjetivais, como observamos nos dados de (34) a (37). Como a forma participial é originada de um verbo, a morfologia verbal é obrigatória ($\text{calmo}_{\text{adj}} > \text{acalmar}_{\text{verb}} > \text{acalmado}_{\text{part}}$), daí a ocorrência de participípios regulares em passivas verbais. Nesses casos, a eventividade advém da morfologia verbal (seja ela parassintética, como em (a-)calm(-ar); seja ela sufixal, como em tranquil(-izar)).

Para a ambiguidade em predicados como ‘assustar’, defendemos que há duas componentes ativas na forma participial. Primeiramente, a raiz substantiva codifica a

estatividade ('susto', 'ânimo', 'temor', 'medo'). A eventividade advém da morfologia verbal (que é predominantemente parassintética, como em (a-)ssust(-ar)).

Com essa descrição, acreditamos dar conta do padrão apresentado pelas três classes de psicológicos analisadas em nossa tese no que tange à forma participial. Retomaremos essa discussão em nossa análise no Capítulo 5.

4.3 O sintagma preposicional em passivas verbais e adjetivais com predicados ExpObj

Ao contrastarmos os tipos de sintagmas preposicionais que ocorrem em construções passivas verbais e adjetivais no Capítulo 1 deste trabalho, notamos a ocorrência de duas preposições distintas, 'por' e 'com', uma para cada tipo de construção, como ilustrado nos dados em (41) e (42) a seguir. Nesta seção, discutimos o que está em jogo nessa distinta seleção entre as preposições 'por' e 'com'.

(41) Sentenças passivas verbais (leitura agentiva):

- a. João foi assustado *pela* irmã.
- b. As crianças foram *animadas* pelo mágico.

(42) Sentenças passivas adjetivais:

- a. João está/ficou assustado *com* o sucesso da irmã.
- b. As crianças estão/ficaram animadas *com* a presença do mágico.

Barbedo (1999) discute os valores semânticos das preposições 'por' e 'com' em passivas com psicológicos da classe de 'preocupar' (ExpObj) no português europeu. Para a autora, o confronto das frases (43a) e (43b) mostra a distinta (e sutil) interpretação dos sintagmas nominais (do inglês, *Nominal Phrases* – NPs) introduzidos pelas preposições 'por' e 'com', respectivamente:

- (43) a. A Maria foi magoada pela atitude do Pedro.
- b. A Maria foi magoada com a atitude de Pedro.

(BARBEDO, 1999, p. 156)

Para Barbedo (1999), em (43a) pode-se interpretar que a atitude de ‘Pedro’ se dirigiu diretamente à ‘Maria’ (não necessariamente no sentido agentivo, mas no sentido de que ‘Pedro’ fez qualquer coisa diretamente à ‘Maria’); em (43b), a interpretação preferencial é a de que ‘Pedro’ pode ter feito alguma coisa a uma terceira pessoa e foi isso o que magoou ‘Maria’.¹⁴⁷ Barbedo (1999) afirma que o mesmo ocorre nas construções com ‘estar’ e ‘ficar’:

- (44) a. A Maria está chocada com as palavras do Pedro.
b. A Maria está chocada pelas palavras do Pedro.

- (45) a. A Maria ficou perturbada com os elogios do Pedro.
b. A Maria ficou perturbada pelos elogios do Pedro.

(BARBEDO, 1999, p. 156)

A generalização de Barbedo (1999) é, então, a seguinte:

- (i) a preposição ‘com’ introduz um ‘Objeto da emoção’ (entidade que constitui o conteúdo ou estímulo da experiência) (PESETSKY, 1995); e
(ii) a preposição ‘por’ introduz um Agente ou um Causador.

Observamos, no entanto, que a análise dos dados em (44) e (45) não se mantém se o NP interno ao sintagma preposicional (do inglês, *Prepositional Phrase* – PP) for apenas ‘o Pedro’ (e não ‘a atitude de Pedro’). Incluímos a sentença passiva verbal, para reforçar o contraste. Os dados de (46) a (48) são nossos.

- (46) a. A Maria está chocada com o Pedro.
b. *A Maria está chocada pelo Pedro.

- (47) a. A Maria ficou perturbada com o Pedro.
b. *A Maria ficou perturbada pelo Pedro.

¹⁴⁷ Observamos que essa distinção está diretamente relacionada à proposta de Arad (1998) para a relação entre o argumento externo e a intenção (em maior ou menor grau) para dar consecução à mudança de estado efetuada no objeto.

- (48) a. *A Maria foi magoada com o Pedro.
b. A Maria foi magoada pelo Pedro.

Em (46a) e (47a), a interpretação equivale a ‘por causa da atitude/postura do Pedro’. Em (46b) e (47b), a sentença é agramatical em uma interpretação de *by-phrase*. A gramaticalidade só existe em um contexto em que a ‘Maria’ ficou preocupada ‘no lugar de/em solidariedade a’ ‘Pedro’, e a interpretação de *by-phrase* é agramatical. Em contrapartida, (48b) mostra a ocorrência de uma *by-phrase*, em que ‘Pedro’ é interpretado como Agente. O dado (48a), agramatical, contrastado com a sentença em (43b), gramatical, repetidos abaixo, deixa evidente a distinção entre um NP do tipo ‘a atitude de Pedro’ e ‘o Pedro’.

- (48a) *A Maria foi magoada com o Pedro.

- (43b) A Maria foi magoada com a atitude de Pedro.

(48a) só é gramatical em uma interpretação do tipo ‘juntamente/em companhia de’. Essa interpretação é corroborada pela inserção de uma *by-phrase* introdutora de Agente. Nesse caso, a interpretação é de que a ‘Maria’ e o ‘Pedro’ foram magoados por ‘João’.

- (49) A Maria foi magoada, pelo João, com o Pedro.

Barbedo (1999) aponta que a presença de um elemento potencialmente Agente modifica a gramaticalidade da sentença, como ilustram os dados em (50).

- (50) a. A Maria foi ridicularizada pelo Pedro.
b. *A Maria está ridicularizada com o Pedro.
c. *A Maria ficou ridicularizada com o Pedro.

(BARBEDO, 1999, p. 157)

A relação entre os argumentos introduzidos pelas preposições ‘por’ e ‘com’ e o perfil aspectual dos verbos é, de acordo com Barbedo (1999, p. 157), a seguinte: um Agente é sempre um Causador e é, assim, um elemento semanticamente adequado para

se relacionar com o valor causativo da passiva com ‘ser’. Esse sentido causativo se perde (ou é diluído) nas passivas com ‘estar’ e ‘ficar’. Assim, o argumento com o traço [+hum]ano (no caso, ‘Pedro’) é potencialmente um Agente, e esse papel é muito forte para dar conta do valor de estado ou de estado resultativo das construções com ‘estar’ e ‘ficar’. Assim, em síntese, as preposições ‘por’ e ‘com’ formam sentença com um determinado particípio se houver compatibilidade entre a estrutura lexical conceptual do conjunto [verbo aspectual + particípio] e a estrutura temática da preposição.

Também notamos que há interpretações específicas (‘no lugar de’) da preposição ‘por’ em construções passivas adjetivais, o que indica ser essa realização distinta da *by-phrase*. Com Jaeggli (1986), consideramos que, nesses contextos, a preposição ‘por’ é atribuidora de papel- Θ . Defendemos, assim, que a *by-phrase* com papel- Θ Agente possui estatuto distinto das demais *by-phrases* (com papéis- Θ não agentivos). Seguimos, nesse sentido, a análise de Arce-Arenales *et al.* (1994), apresentada anteriormente, segundo a qual as *by-phrases* envolvidas nas construções *get* são sintagmas pseudo-agentivos. Não nos comprometemos com a classificação das *by-phrases* como argumento ou como adjunto. A nossa posição, nesse momento da discussão, é de que o *locus* de licenciamento da *by-phrase* é distinto nas duas construções – passiva verbal e adjetival.

4.4. Síntese do Capítulo 4

Neste Capítulo, identificamos o papel de cada elemento que compõe a construção passiva com predicados psicológicos. Para a caracterização das formas auxiliares, discutimos os trabalhos de Barbedo (1999), Lunguinho (2011), Alexiadou (2005) e Duarte & Oliveira (2010). Para as formas participiais, contemplamos os trabalhos de Torres Morais (1988), Baker (2003), Alexiadou (2005), Meltzer-Asscher (2011), Lundquist (2013) e Duarte (2013). Em relação à *by-phrase*, discutimos os trabalhos de Jaeggli (1986) e Barbedo (1999).

Dessa discussão sobre as componentes da construção passiva com predicados psicológicos, assumimos que na passiva verbal o auxiliar ‘ser’ seleciona como complemento uma projeção funcional VoiceP, a qual comporta um núcleo PartP em posição de especificador. Em termos categoriais, classificamos a forma participial em passivas verbais como uma forma verbal. Para nós, a riqueza aspectual da morfologia

passiva ('-do') está intimamente relacionada à não realização do argumento externo da ativa. Em relação à *by-phrase*, assumimos que em passivas verbais ela ocupa a posição de argumento externo da ativa. Em passivas curtas, o argumento externo é representado por *pro*.

Para as passivas adjetivais, assumimos que o auxiliar 'ficar' seleciona uma projeção AspP com o traço [+Fient]. Esse auxiliar é caracterizado aspectualmente por denotar um evento (sem vincular um Agente). O auxiliar 'estar' seleciona uma projeção AspP com o traço [+Stative] e denota um estado. O particípio da passiva adjetival é morfossintaticamente uma forma adjetival. De modo geral, assumimos, seguindo a literatura, que não é possível detectar argumentos implícitos em passivas adjetivais.

CAPÍTULO 5

PROPOSTA DE ANÁLISE

Neste Capítulo de análise, apresentamos a nossa proposta para a sintaxe das passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos ExpObj no português. Organizamos nossa exposição da seguinte forma. Na primeira seção, retomamos brevemente nosso objeto de estudo, nosso problema teórico e nossos objetivos. Na segunda seção, apresentamos a síntese das propriedades dos predicados psicológicos que consideramos determinantes para a análise composicional das construções passivas com essa classe de predicados. Buscamos, nesse sentido, determinar quais traços formais são manipulados pelo sistema computacional (C_{HL}) quando um predicado ExpObj ocorre em construção passiva (verbal e/ou adjetival). Na terceira e última seção, elaboramos, a partir da fundamentação teórica por nós adotada, a nossa proposta de análise.

5.1. O problema teórico desta tese: a construção passiva com predicados psicológicos

Em nosso Capítulo 1, dissemos que os predicados psicológicos não são homogêneos quanto ao mapeamento do argumento Experienciador. De um lado, há a classe de ‘temer’, a qual mapeia o Experienciador na posição de sujeito. De outro lado, há a classe dos predicados que mapeiam o argumento Experienciador na posição de objeto (ExpObj), como ‘preocupar’, ‘acalmar’ e ‘assustar’. Essa assimetria, que se apresenta como uma violação às hipóteses de correspondência entre papéis temáticos e posições sintáticas – U(T)AH –, é discutida por uma extensa literatura, como apresentamos no Capítulo 3 desta tese.

Em construção passiva, mostramos que o comportamento da classe de predicados ExpSuj é regular. Predicados como ‘temer’, ‘amar’ e ‘adorar’ ocorrem em construção passiva verbal e não ocorrem em passiva adjetival, comportando-se,

portanto, como predicados transitivos canônicos. Por essa razão, optamos por não tomar essa classe de predicados psicológicos como objeto de pesquisa neste trabalho.

Quanto aos predicados ExpObj, o trabalho seminal de Belletti & Rizzi (1988) aponta que essa classe de verbos no italiano não ocorre em passiva verbal e aceita a passiva adjetival, sendo analisados como predicados inacusativos. Esse fato é contestado por uma série de trabalhos subsequentes, citados no Capítulo 3 desta tese, em que se observa translinguisticamente que o comportamento dos predicados ExpObj quanto à formação de passivas verbais e adjetivas é assimétrico.

O português é uma dessas línguas em que a classe de predicados ExpObj apresenta assimetrias. Verbos da subclasse de ‘preocupar’ rejeitam a passiva verbal e aceitam a passiva adjetival. O grupo formado por predicados do tipo ‘acalmar’ aceita a passiva verbal mas rejeita a passiva adjetival (referimo-nos à passiva formada pelo particípio regular do verbo principal ‘acalmado’, como em ‘João foi acalmado pela esposa’ –, sendo possível a construção com ‘ficar’ para os verbos que têm uma forma adjetival especializada, como é o caso de ‘calmo’ em ‘João ficou calmo com a esposa’). O terceiro e último conjunto de verbos ExpObj, os do tipo ‘assustar’, aceita tanto a passiva verbal quanto a passiva adjetival, ambas com a forma participial ‘assustado’.

O quadro a seguir sintetiza as assimetrias dos predicados psicológicos em relação ao mapeamento do argumento Experienciador e em relação à construção passiva (desconsideramos, por ora, a construção ‘ficar’ + adjetivo).

(1) Assimetrias dos predicados psicológicos ExpObj: mapeamento de argumentos e formação de passivas

	Predicados psicológicos	Assimetria 1: mapeamento dos argumentos	Assimetria 2: formação de passivas
	‘temer’	Posição de sujeito	✓Verbal *Adjetival
Predicados ExpObj	‘preocupar’	Posição de objeto	*Verbal ✓Adjetival
	‘acalmar’		✓Verbal *Adjetival
	‘assustar’		✓Verbal ✓Adjetival

A resolução desse problema teórico demanda o esclarecimento de três questões: (i) quais são as propriedades centrais da passiva verbal e da passiva adjetival; (ii) quais são os traços relevantes dos predicados ExpObj que os tornam especiais (semântica e gramaticalmente) quando em construção passiva; (iii) qual é o papel de cada uma das componentes da construção passiva com predicados psicológicos ExpObj (auxiliares, forma participial e sintagma preposicional) na interpretação composicional da passiva. Essas questões recebem uma proposta de análise neste Capítulo.

Ao longo desta tese, procuramos identificar, nas propostas da literatura, as propriedades sintático-semânticas que podem estar relacionadas à possibilidade ou não de se formar a passiva verbal e/ou adjetival com predicados psicológicos ExpObj. Na próxima seção, apresentamos a síntese dessas propostas, destacando as propriedades que consideramos relevantes na derivação das construções passivas com predicados psicológicos.

5.2. Em direção a uma proposta de análise

Nas próximas subseções, formamos o alicerce de nossa proposta teórica. Na seção 5.2.1., apresentamos a discussão sobre o traço que consideramos relevante como distintiva do comportamento dos predicados ExpObj em construção passiva, a saber, [intencionalidade]. Na seção 5.2.2, sustentamos que as construções passivas verbais e adjetivais são formadas na sintaxe. A derivação da passiva verbal e da passiva adjetival se distingue por propriedades distintas que induzem a projeção de núcleos funcionais específicos, os quais codificam essas propriedades distintas.

5.2.1. Os traços relevantes dos predicados ExpObj em construção passiva

Como verificamos nos Capítulos precedentes, grande parte da literatura sobre os predicados psicológicos ExpObj situa no léxico os traços relevantes para o comportamento especial desses predicados, incluindo a ocorrência ou não em construção passiva verbal. Partindo desse posicionamento e dos pressupostos do Programa Minimalista de que os itens lexicais são formados por um complexo de propriedades abstratas (os traços), defendemos que [intencionalidade] é o traço

determinante para a formação da construção passiva verbal com predicados ExpObj. Na nossa análise, esse traço é uma propriedade semântica do item verbal (inerente à raiz ou à morfologia derivacional do verbo), a qual tem relevância para a computação gramatical. Os predicados ExpObj ‘preocupar’, ‘assustar’ e ‘acalmar’ se distinguem, então, da seguinte maneira.

Verbos como ‘preocupar’ são caracterizados por não possuírem o traço [intencionalidade], havendo apenas mudança de estado, a qual é causada pelo argumento sujeito, interpretado como Causador.¹⁴⁸ Essa análise está pautada na nossa descrição sobre a formação do particípio dos predicados psicológicos, desenvolvida no Capítulo 4. Como vemos em (2), verbos da classe de ‘preocupar’ constituem diretamente a base para a formação dos respectivos nomes deverbais e participios. Com respeito à base, é preciso observar que ela denota o processo causado, correspondendo a nominalização à denotação do resultado desse processo.

(2) Classe de ‘preocupar’

Forma de base verbal	Forma derivada substantiva	Forma derivada participial
[abal-ar] _{verbo}	[abaloØ] _{substantivo}	[abalado] _{particípio}
[aborrec-er] _{verbo}	[aborrecimento] _{substantivo}	[aborrecido] _{particípio}
[acabrunh-ar] _{verbo}	[acabrunhamento] _{substantivo}	[acabrunhado] _{particípio}
[acanh-ar] _{verbo}	[acanhamento] _{substantivo}	[acanhado] _{particípio}
[afet-ar] _{verbo}	[afetação] _{substantivo}	[afetado] _{particípio}
[agit-ar] _{verbo}	[agitação] _{substantivo}	[agitado] _{particípio}

Dessa forma, concluímos que esses predicados denotam simplesmente o processo causado, razão pela qual não portam o traço [intencionalidade], o que tem como consequência, em primeiro plano, apresentarem-se lexicalmente como inacusativos e, em segundo plano, rejeitarem a passiva verbal.

Verbos como ‘acalmar’, por sua vez, portam o traço [intencionalidade] como um traço presente na morfologia verbal. Como vemos em (3), verbos dessa classe têm como forma de base um adjetivo, a partir do qual se forma o verbo por parassíntese (no caso de ‘a-calm-ar’) ou por derivação sufixal (no caso de ‘tranquil-izar’). Independentemente

¹⁴⁸ Isso vai ao encontro da proposta de Cançado (1995), para quem verbos que admitem a passiva verbal são do tipo [+controle], o que não é o caso de ‘preocupar’ que, na descrição da autora, selecionam um argumento do tipo Causa^[-controle], como exposto no Capítulo 3.

do processo morfológico de formação do verbo, o que observamos em ambos os casos é que os morfemas verbalizadores associados à raiz têm semântica causativa, de maneira que, além de denotar o estado resultante – informação que se encontra na raiz adjetival –, verbos dessa classe apontam necessariamente para um Agente/Causador. O particípio é, então, formado a partir do verbo, mantidos os afixos derivacionais que implicam [intencionalidade], razão pela qual esses predicados são transitivos e, por consequência, admitem passivas verbais e rejeitam passivas adjetivais.

(3) Classe de ‘acalmar’

Forma de base adjetiva	Forma derivada verbal	Forma derivada participial
[calmo] _{adjetivo}	[acalmar] _{verbo}	[acalmado] _{particípio}
[brando] _{adjetivo}	[abrandar] _{verbo}	[abrandado] _{particípio}
[grato] _{adjetivo}	[agradar] _{verbo}	[agradado] _{particípio}
[suave] _{adjetivo}	[suavizar] _{verbo}	[suavizado] _{particípio}
[tranquilo] _{adjetivo}	[tranquilizar] _{verbo}	[tranquilizado] _{particípio}

No entanto, mencionamos nos Capítulos anteriores a possibilidade de os verbos dessa classe formarem predicados com ‘ficar’ seguido da forma de base adjetival. Consideramos, entretanto, que nesses casos houve uma especialização de formas: o particípio se especializou na composição de passivas verbais e o adjetivo se especializou na predicação nominal.¹⁴⁹ Estamos, então, de acordo com a análise categorial para o comportamento dos predicados psicológicos realizada por Naves (2005), para quem, no grupo de verbos como ‘acalmar’, a morfologia verbal pode ser lida como a manifestação morfológica de *v*, que licencia a presença de um Agente (i.e., projeta um argumento externo) e codifica o traço de [intencionalidade].

Quanto à classe de ‘assustar’, consideramos que é formada por verbos subespecificados para o traço [intencionalidade], pelo que podem ou não formar passiva verbal, a depender das outras componentes da sentença – em especial, os traços do argumento externo (se [hum]ano ou não, por exemplo), os quais, por sua vez, combinam-se com o auxiliar adequado à formação da passiva verbal ou adjetival. Verbos da classe de ‘assustar’, como vemos em (4), têm uma raiz substantiva, que denota a coisa psicológica (nos termos de Bouchard (1995) – cf. Capítulo 3), e são

¹⁴⁹ Sobre especialização das formas participial e adjetival dos verbos da classe de ‘acalmar’, v. também Naves (2005).

formados predominantemente pelo processo de parassíntese, em que observamos a semântica causativa. Portanto, de um lado, esses verbos se assemelham aos da classe de ‘acalmar’ (no sentido de que uma morfologia verbal causativa possibilita a combinação com um Agente/Causador, codificando o traço [intencionalidade], que licencia a formação da passiva verbal); de outro lado, a coisa psicológica remete ao nome do processo (em grande parte trata-se de processos culminados), o que aproxima esses verbos dos da classe de ‘preocupar’ e licencia a construção passiva adjetival. Uma evidência de que a forma de base substantiva denota o processo, tomado em si mesmo, é que as nominalizações de verbos da classe de ‘assustar’ são raras (*‘assustação’, *‘assustamento’) e, quando existem, muitas vezes se especializaram em denotar entidades (como no caso de ‘assombração’, que remete a fantasmas ou seres sobrenaturais).

(4) Classe de ‘assustar’

Forma de base substantiva	Forma derivada verbal	Forma derivada participial
[pavor] _{substantivo}	[apavorar] _{verbo}	[apavorado] _{particípio}
[sombra] _{substantivo}	[assombrar] _{verbo}	[assombrado] _{particípio}
[susto] _{substantivo}	[assustar] _{verbo}	[assustado] _{particípio}
[temor] _{substantivo}	[atemorizar] _{verbo}	[atemorizado] _{particípio}
[terror] _{substantivo}	[aterrorizar] _{verbo}	[aterrorizado] _{particípio}

Consideramos que a ambiguidade da classe de ‘assustar’ (leitura agentiva/não agentiva) advém da relação entre a categoria de base, a qual é estativa (um substantivo) e a morfologia verbal (a-raiz-ar), a qual codifica a eventividade das construções agentivas.

A análise que apresentamos acima é compatível com as descrições aspectuais encontradas na literatura sobre os predicados psicológicos ExpObj: verbos da classe de ‘preocupar’ são considerados estativos, enquanto verbos da classe de ‘acalmar’ são considerados eventivos (causativos) e verbos da classe de ‘assustar’ podem ter as duas leituras. Em (5), sistematizamos a nossa análise.

(5)

Predicado ExpObj	Passiva adjetival	Passiva verbal	Descrição morfológica	Aspecto	Traço [intenc]
‘preocupar’	✓	---	verbo	Estativo	[-intenc]
‘acalmar’	---	✓	adjetivo + morfologia causativa	Eventivo	[+intenc]
‘assustar’	✓	✓	substantivo + morfologia causativa	Estativo ou eventivo	[Øintenc]

Uma vez apresentadas as propriedades dos predicados psicológicos ExpObj e os traços relevantes desses predicados em construção passiva, podemos definir as propriedades centrais da construção passiva verbal e adjetival. Nosso objetivo é estabelecer as operações fundamentais na derivação de uma construção passiva, tomando como objeto de análise os predicados ExpObj conforme os descrevemos nesta seção.

5.2.2. Propriedades relevantes das construções passivas

Para elaborar a nossa proposta de derivação das construções passivas verbais e adjetivais com predicados psicológicos ExpObj, partimos do pressuposto de que a passiva verbal é formada sintaticamente e a passiva adjetival é formada lexicalmente, conforme a literatura linguística sobre o tema (cf. WASOW, 1977; CHOMSKY, 1981; LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1986; TORRES MORAIS, 1988; HORVATH & SILONI, 2008; e MELTZER-ASSCHER, 2011, todos citados em nossa tese) pode ser reinterpretada, em termos minimalistas, pela hipótese de que os itens lexicais são feixes de traços abstratos (semânticos, fonológicos e formais), os quais operam no sistema computacional produzindo sentenças, e que a interpretação das sentenças é obtida composicionalmente no processo de derivação. Ainda em termos minimalistas,

propomos que, na computação sintática, a numeração prevê um feixe de itens (lexicais e funcionais) específicos de cada construção passiva.¹⁵⁰

Sendo assim, para dar conta das diferenças de comportamento dos predicados psicológicos ExpObj, consideramos desnecessária a postulação de que haja operações no léxico, uma vez que isso sobrecarrega o sistema linguístico e onera o processo de aquisição de língua. Uma abordagem em termos de traços, como a que desenvolvemos na seção anterior para o traço [intencionalidade], apresenta-se adequada para captar essas diferenças.

Em termos derivacionais, consideramos que passiva verbal e passiva adjetival correspondem a estruturas independentes, cada uma motivada por propriedades distintas que induzem a projeção de núcleos funcionais específicos para codificar essas propriedades: no caso da passiva verbal, o núcleo Voice e, no caso da passiva adjetival, o núcleo Pred. Com essa proposta, evitamos mecanismos adicionais no sistema computacional, centrando toda a derivação na componente sintática.

Antes de passarmos à derivação das construções passivas verbal e adjetival, entretanto, discorreremos brevemente sobre cada uma das componentes da passiva (auxiliar, forma participial e sintagma preposicionado), buscando sintetizar os pontos relevantes para a nossa proposta de estrutura.

Com relação às passivas verbais, consideramos que o auxiliar ‘ser’ seleciona como complemento uma projeção funcional VoiceP (DUARTE & OLIVEIRA, 2010), a qual comporta o núcleo PartP em posição de especificador (COLLINS, 2005). O participio que ocorre em passivas verbais é uma forma verbal, dadas as suas características morfossintáticas (não aceita coordenação com adjetivos, não aceita processo derivacional de grau e modificação por advérbios de grau) (CHOMSKY, 1981; LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1986). Também defendemos que a riqueza da morfologia participial passiva (‘-do’) está intimamente relacionada à não realização do argumento externo da ativa (CHOMSKY, 1981; JAEGGLI, 1986; BAKER, JOHNSON & ROBERTS, 1989; BOECKX, 1998). Em relação à *by-phrase*, defendemos que em passivas verbais ela ocupa estruturalmente a posição do argumento externo da ativa, o que explica os fatos relativos à aquisição de construções passivas em crianças com Síndrome de Down (RUBIM, 2005). Nesse sentido, seguimos Collins (2005), que propõe que VoiceP é nucleado por *by*, o qual introduz o argumento externo gerado em

¹⁵⁰ De modo análogo, na computação de uma construção ativa com predicados ExpObj, a numeração prevê um feixe de itens específicos para essa construção.

spec,vP. O argumento externo implícito, detectável na ausência de *by-phrase*, é representado por um *pro*, detectável pelos testes de detecção de argumento externo implícito (aceita advérbios voltados para agente, sintagmas instrumentais e permite controle de orações infinitivas) (JAEGGLI, 1986; ALEXIADOU, 2005; MELTZER-ASSCHER, 2011).

Quanto às passivas adjetivais, o auxiliar ‘ficar’, com interpretação resultativa, seleciona uma projeção AspP com o traço [+Fient]. Aspectualmente, o auxiliar ‘ficar’ denota um evento (que corresponde ao evento causado, interpretado como a mudança de estado), sem, no entanto, vincular um agente. O auxiliar ‘estar’ (com interpretação estativa) também seleciona uma projeção AspP, mas com o traço [+Stative], já que denota um estado (DUARTE & OLIVEIRA, 2010). O particípio da passiva adjetival é uma forma adjetival, dadas as características morfossintáticas que exibem (permite coordenação com adjetivos, derivação de grau e modificação por advérbios de grau) (CHOMSKY, 1981; LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1986; ALEXIADOU, 2005). Essa forma adjetival é a responsável por selecionar tematicamente o único argumento presente na passiva adjetival, de maneira que o licenciamento de argumento externo implícito não é possível (essas construções não aceitam advérbios voltados para agente, sintagmas instrumentais e não permitem controle de orações infinitivas). Em decorrência disso, consideramos que a configuração do sintagma preposicionado em passivas adjetivais é distinta da passiva verbal, como demonstramos a seguir.

5.3. Proposta de análise

Nas seções a seguir, propomos a derivação das passivas verbais (seção 5.3.1.) e adjetivais (5.3.2.) com predicados psicológicos ExpObj. Em cada derivação, apresentamos primeiramente a construção com sintagma preposicionado manifesto e, em seguida, a construção sem sintagma preposicionado.

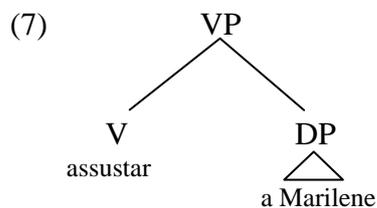
5.3.1. Derivação das passivas verbais (com e sem *by-phrase*)

Vejamos, primeiramente, a derivação das passivas verbais com *by-phrase*. Nessa derivação, seguimos a proposta de *smuggling* de Collins (2005). Consideramos, como já

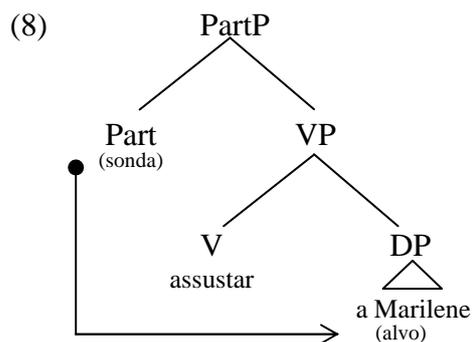
foi dito anteriormente, que as passivas verbais são formadas por verbos que carregam o traço [intencionalidade] e, portanto, projetam duas posições para argumentos: o Agente e o Experienciador, no caso dos predicados psicológicos, sendo que o argumento Agente pode não ter manifestação fonológica (argumento implícito). A sentença a ser derivada encontra-se em (6) e é tomada em leitura agentiva (portanto, eventiva):

(6) A Marilene foi assustada pela Juliana.

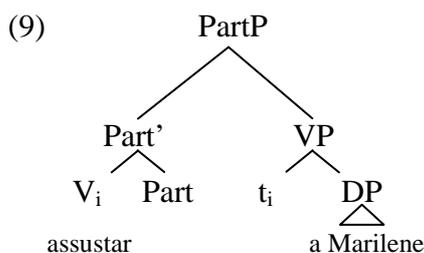
O núcleo verbal ‘assustar’ se concatena primeiramente com o sintagma determinante (do inglês, *Determiner Phrase* – DP) argumento interno ‘a Marilene’, formando o VP ‘assustar a Marilene’, como em (7):



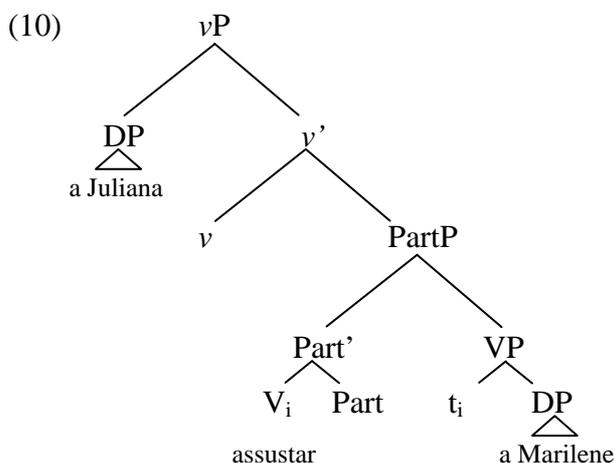
Nesse ponto da derivação, o núcleo Part é introduzido. Part possui um conjunto incompleto de traços- ϕ (gênero e número) não valorados. Para valorar esses traços, Part estabelece *Agree* com o DP ‘a Marilene’ (representação em (8)):



O núcleo Part, no entanto, não é capaz de valorar o traço de Caso desse DP ‘a Marilene’. O verbo, então, se move para o núcleo de Part. A derivação, nesse momento, se mostra como em (9):



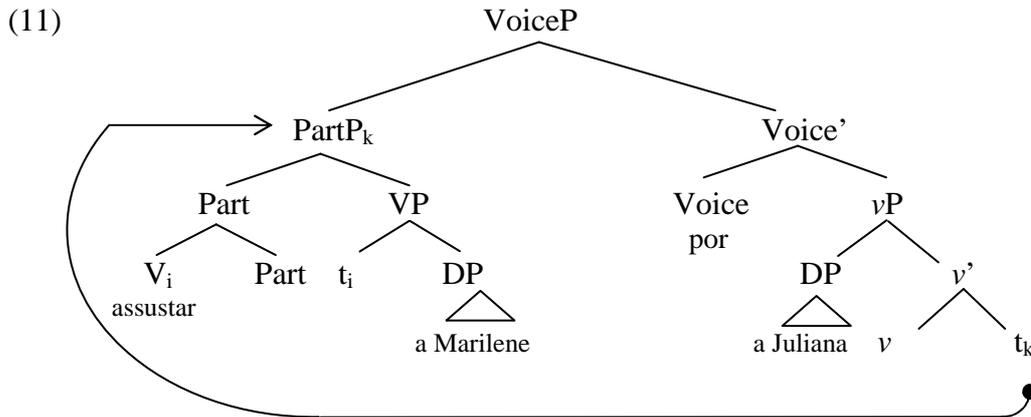
O argumento externo ‘a Juliana’, interpretado como Agente, é inserido por v . Por fim, consideramos que o argumento selecionado pelo núcleo v estabelece estreita relação com o DP interno ao VP, como em Arad (1998). O argumento Agente atua, então, com intencionalidade, objetivando a mudança de estado no objeto. A inserção de v resulta na estrutura em (10):



A sentença passiva verbal, em Collins (2005) e em nossa proposta, caracteriza-se pela existência de Voice, o qual tem como núcleo a preposição ‘por’. Voice possui um conjunto completo de traços- ϕ não valorados e funciona, desse modo, como uma sonda à procura de um alvo – nesse caso, o DP ‘a Juliana’ que, além de valorar os traços- ϕ de Voice, tem seu traço de Caso checado. Nessa configuração, o traço semântico de [intenc] pode ser interpretado adequadamente como um Agente prototípico na interface conceitual-intencional.

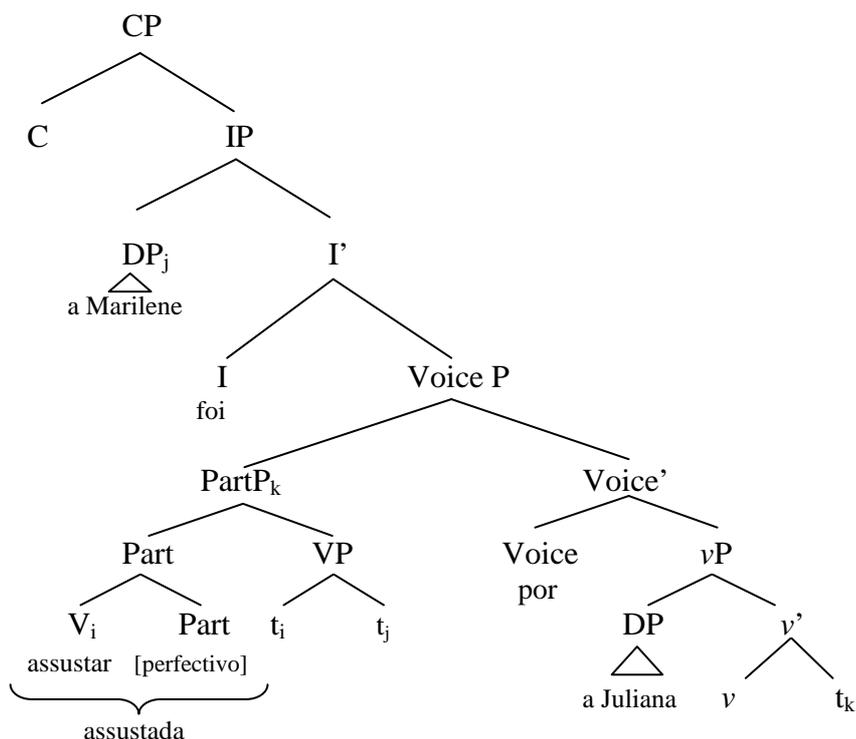
Como vimos em Collins (2005), Voice atrai PartP para seu especificador, de modo a licenciar a morfologia do particípio. Como consequência, o movimento de PartP para spec, VoiceP (*smuggling*) livra o argumento interno do efeito de intervenção defectiva. Assumimos, ainda, com Gehrke & Grillo (2009), que o movimento de *smuggling* tem também motivação semântica e discursiva envolvidas na operação.

Entretanto, diferentemente das autoras, não consideramos que esse movimento se deva ao traço do predicado BECOME, dado que a mudança de estado é comum às passivas verbais e adjetivas resultativas com predicados psicológicos, mas à propriedade das passivas de focalizar o argumento interno como sujeito da predicação. A partir dessa análise, a derivação chega ao estágio em (11):



Por fim, o núcleo flexional I é inserido na estrutura em (11). Seguimos Chomsky (2007, 2008) na proposta de que o núcleo I herda de C um conjunto completo de traços- ϕ não valorados. O núcleo I passa, então, a funcionar como uma sonda cujo alvo é o DP interno em PartP. Na passiva verbal, I é preenchido pelo auxiliar ‘ser’, que seleciona como complemento uma projeção funcional VoiceP (DUARTE & OLIVEIRA, 2010). A concordância valora os traços- ϕ de I e o traço de Caso do DP ‘a Marilene’ (nominativo) é também valorado. Também defendemos, com Lunguinho (2011), que o auxiliar ‘ser’ é portador de um traço [uV] não valorado – e o elemento que valora esse traço é PartP, o qual é especificador de VoiceP. Nessa computação, o verbo ‘assustar’, em PartP, é responsável por licenciar o traço aspectual de Part ([perfectivo]), que é interpretado como um particípio passivo. Sendo assim, a representação final de uma passiva verbal com *by-phrase* é a seguinte:

(12) A Marilene foi assustada pela Juliana.



Passamos agora à derivação das passivas sem *by-phrase* (com argumento implícito). Nosso posicionamento, como temos formulado ao longo desta tese, é o de que as passivas verbais sem *by-phrase* apresentam interpretação agentiva mesmo sem este argumento estar manifesto. Os testes de detecção de argumento externo implícito mostram esse fato. Em (13a-c) temos, respectivamente, a presença de um advérbio voltado para agentes, um sintagma instrumento e controle em uma oração de finalidade.

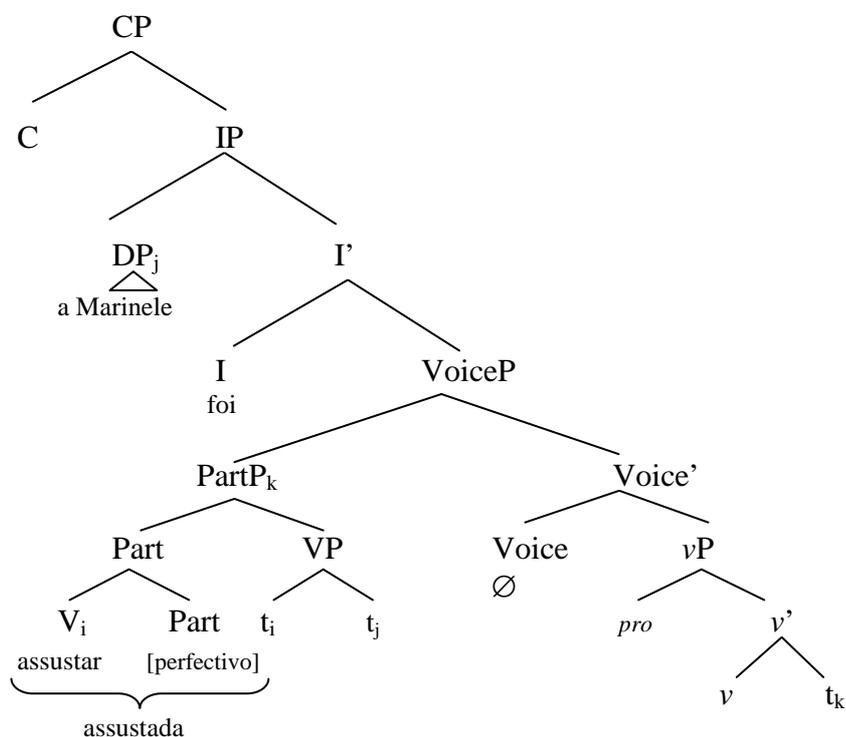
- (13) a. A Marilene foi assustada propositalmente.
 b. A Marilene foi assustada com uma máscara.
 c. O preço foi baixado para ajudar os pobres.

Em Collins (2005, p. 103), a passiva sem *by-phrase* (passiva curta) é formada a partir de um núcleo VoiceP fonologicamente nulo. A proposta desse autor é que, nessas passivas, *v* também seleciona um argumento externo, sob a forma de uma categoria vazia *e*. A discussão sobre a natureza dessa categoria é ampla e não nos aprofundamos nela nesta tese. Seguimos a proposta de Boeckx (1998), de que se trata de um *pro*. Ainda que estejamos propondo uma derivação para a passiva distinta da proposta por

esse autor, consideramos que há vantagens em adotar *pro* como o argumento implícito da passiva, nomeadamente por situar a relação entre a morfologia participial e o licenciamento da passiva no fenómeno geral da relação *pro-drop*. A morfologia participial (isto é, sua riqueza aspectual) é a responsável por permitir que o argumento agente seja omitido na passiva (i.e., esteja implícito), mantendo-se a interpretação eventiva da construção e a intuição de que ativa e passiva compartilham as mesmas posições estruturais para argumentos.¹⁵¹ Ademais, não há problemas de intervenção defectiva, dado que o processo de *smuggling* ainda se mantém na passiva sem *by-phrase*.

O processo de derivação da passiva verbal sem *by-phrase* é semelhante à derivação da passiva com *by-phrase*. A diferença está, primeiramente, na evidente não realização da preposição *por* como núcleo de VoiceP e, igualmente, na não realização do DP introduzido por essa preposição. A estrutura final da passiva verbal sem *by-phrase* é a seguinte:

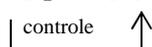
(14) A Marilene foi assustada.



¹⁵¹ Nesse sentido, sendo *pro* o sujeito não realizado da ativa, mantê-lo como argumento externo não realizado na passiva parece-nos adequado.

Seguindo Collins (2005), consideramos que *pro* está em posição final. Assim, explicamos a presença de adjuntos voltados para agente, de sintagmas instrumentais e a capacidade de exercer controle de orações de finalidade a partir da compatibilidade entre os traços por *pro* e esses elementos. A presença do traço [intencionalidade] é constatada pela compatibilidade com advérbios voltados para agente (propositalmente, intencionalmente etc.). A presença de um sintagma instrumental também é indício de intencionalidade, uma vez que o uso de um instrumento (ferramenta etc.) concorre para a consecução intencional de determinado objetivo (no caso, a mudança de estado psicológico do Experienciador). Por fim, o controle em orações de finalidade é exercido por *pro*.

- (15) a. A Marilene foi assustada [*pro*]_{intenc} propositalmente_{intenc}.
 b. A Marilene foi assustada [*pro*]_{intenc} com uma máscara_{intenc}.
 c. O preço foi baixado [*pro*] para [*e*] ajudar os pobres.



A principal restrição envolvendo a formação de passivas é relacionada ao número de argumentos que um predicado deve selecionar. Para que um verbo seja apassivado, é preciso que selecione um argumento externo e um interno. A proposta de Collins (2005) e a nossa são capazes de interpretar essa restrição, dado que Voice seleciona um *v* como complemento – e *v* tem por função precípua selecionar um argumento externo. Com isso, excluímos da formação da construção passiva verbal os verbos inacusativos, dado que selecionam apenas um argumento interno.

Na próxima seção, procedemos à derivação da construção passiva adjetival, derivando a sentença passo a passo.

5.3.2. Derivação das passivas adjetivais (com e sem sintagma preposicionado)

O pressuposto principal para a derivação da passiva adjetival no nosso trabalho é o de que o comportamento morfossintático das formas ‘preocupado’ e ‘assustado’ nessas construções é o de adjetivos, como mostram os dados a seguir:

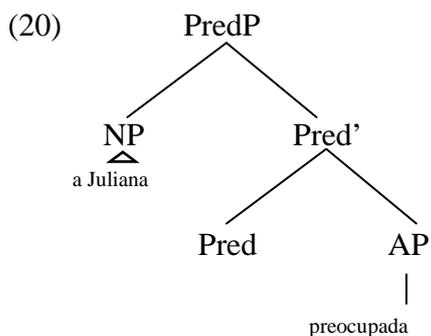
- (16) Aceitam modificação de advérbios de grau.
- A Juliana ficou/está *muito* preocupada.
 - A Juliana ficou/está *muito* assustada.
 - A Juliana ficou/está *muito* calma.
- (17) Aceitam derivação de grau.
- A Juliana ficou/está preocupadíssima.
 - A Juliana ficou/está assustadíssima.
 - A Juliana ficou/está calmíssima.
- (18) Aceitam coordenação com formas adjetivais.
- A Juliana ficou/está preocupada e *tensa* .
 - A Juliana ficou/está assustada *apreensiva* .
 - A Juliana ficou/está calma e *tranquila* .

Propomos, então, que, em passivas adjetivais, as formas ‘preocupado’ e ‘assustado’ passam pelo processo de conversão do particípio passivo verbal em um adjetivo, como em (19), baseado em Levin & Rappaport-Hovav (1986):

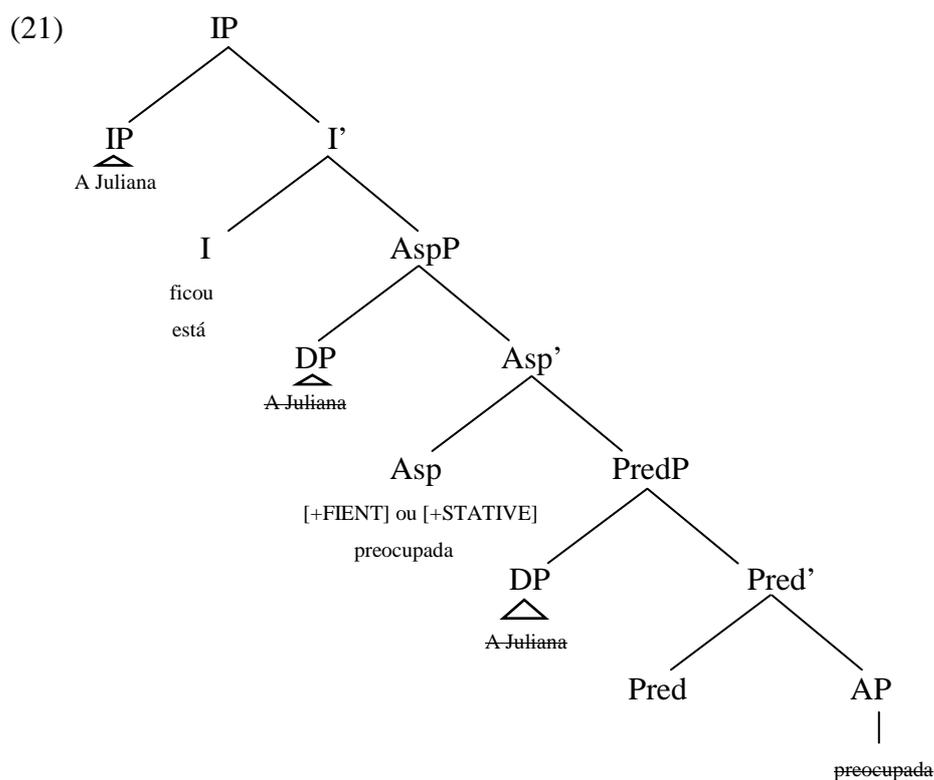
$$(19) \quad v[\text{Part}] \rightarrow [v[\text{Part}]]_A$$

(LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1986)

Seguindo Baker (2003), consideramos que adjetivos requerem a projeção do núcleo funcional PredP, o qual é responsável pela abertura de uma posição para que ocorra *Merge* do DP ‘a Juliana’, cujo papel- Θ é o de Experienciador.

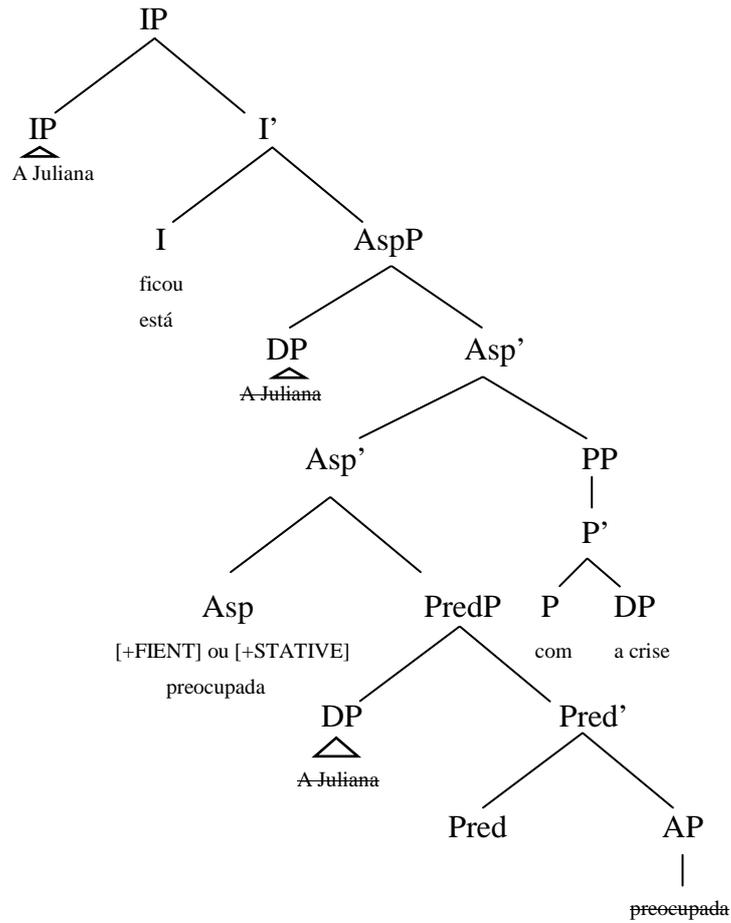


Após *Merge* do DP argumento externo em (20), propomos que ocorra *Merge* de uma projeção AspP, a qual possui um conjunto completo de traços- ϕ não valorados. Esse é o ponto em que as passivas adjetivais resultativas se distinguem das passivas adjetivais estativas. Como em Duarte & Oliveira (2010), propomos que o núcleo Asp de passivas resultativas carregam o traço [+FIENT] e que o núcleo Asp de passivas estativas carregam o traço [+STATIVE]. O elemento que valora os traços de Asp é o particípio em AP, o qual já estabeleceu *Agree* com o DP ‘A Juliana’. Esse DP sobe à posição de spec,AspP (como em Duarte & Oliveira (2010)). O particípio da passiva resultativa é caracterizado pelo traço [evento], mas, diferentemente da passiva verbal, é [-Agente] (não há posição de argumento externo, como spec,v). O particípio da passiva estativa é caracterizado tanto pelo traço [-evento] (em razão da natureza estativa de Asp) quanto pelo traço [-agente]. O estágio final diz respeito ao *Merge* dos auxiliares ‘ficar’ e ‘estar’ em I, que seleciona como complemento a projeção AspP. A estrutura resultante é a seguinte:



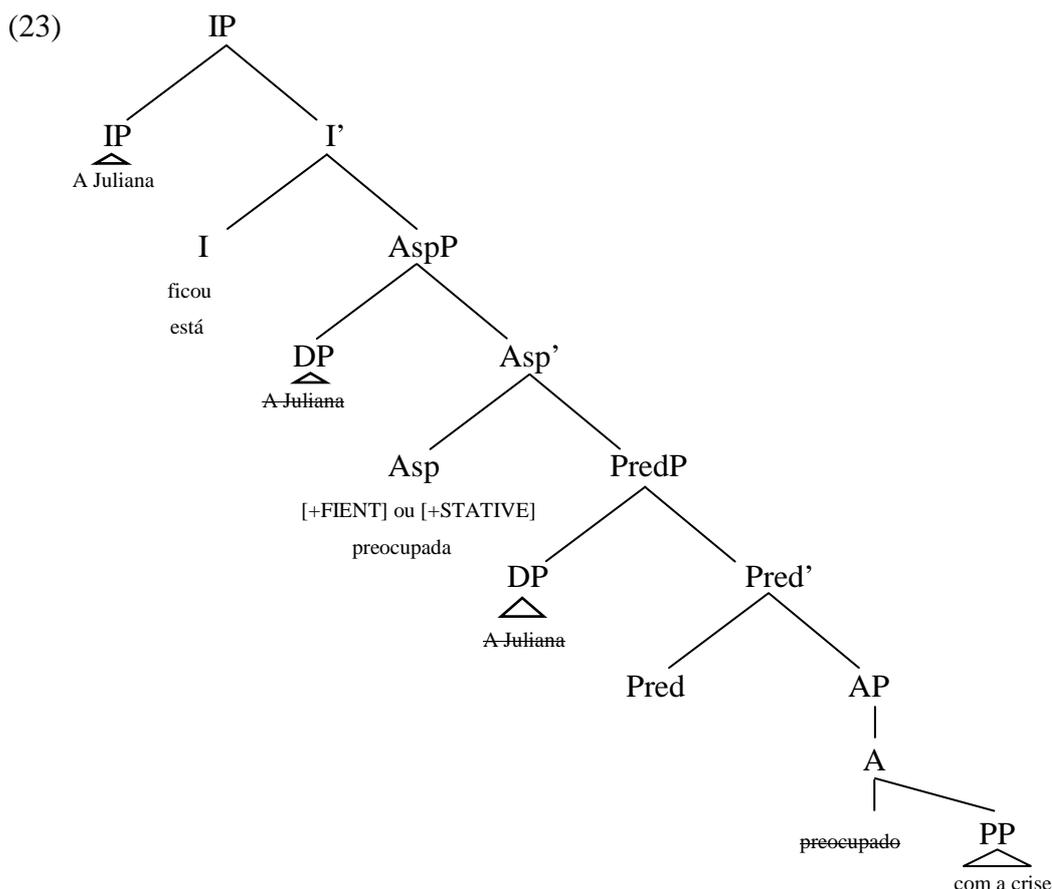
Em (21), temos uma passiva adjetival sem um sintagma adjunto (‘A Juliana ficou/está preocupada’). Como o adjetivo não projeta um argumento externo, a inserção do papel temático Objeto da Emoção (Pesetsky, 1995) ocorre por adjunção, o que é representado em (22):

(22)



Também poderíamos propor uma estrutura em que o sintagma preposicionado esteja em posição de complemento do sintagma adjetival, como representado em (23):¹⁵²

¹⁵² McGinnis (2000) adota estrutura semelhante para construções alternantes da classe de *frighten* (ExpObj), como 'Mary was angry at the government'. Essa estrutura, como vimos, se assemelha à passiva adjetival com predicados ExpObj.



Dentre as duas representações, optamos pela adjunção, proposta em (22). Para nós, a possibilidade de omissão e a possibilidade de deslocamento do sintagma preposicional em passivas adjetivais indicam que estamos diante de um adjunto, mas reconhecemos que essa questão merece investigação futura.

5.4. Síntese do Capítulo 5

Neste Capítulo 5, apresentamos nossa proposta de análise. Para explicar nosso problema teórico, a assimetria dos predicados ExpObj em construção passiva, esclarecemos três questões. Primeiramente, determinamos as propriedades centrais da passiva verbal e da passiva adjetival, postulando que cada uma dessas construções projeta um núcleo funcional específico (Voice e Pred, respectivamente) para codificar suas respectivas propriedades. Situamos na sintaxe as operações de computação de cada construção, descartando processos adicionais internos ao léxico.

Também defendemos que o traço de [intencionalidade] é o que torna os predicados ExpObj especiais (semântica e gramaticalmente) quando em construção

passiva. Predicados ExpObj como ‘assustar’ não portam o traço [intencionalidade]; nos predicados ExpObj como ‘acalmar’, o traço [intencionalidade] está presente na morfologia verbal; os predicados ExpObj como ‘assustar’, por fim, são subespecificados para o traço [intencionalidade].

Nossa proposta de análise foi desenvolvida por meio da derivação das passivas verbais e adjetivais com predicados ExpObj. Nessa derivação, levamos em consideração o papel de cada uma das componentes da construção passiva com predicados psicológicos ExpObj (auxiliares, forma participial e sintagma preposicional) na interpretação composicional da passiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, investigamos o problema teórico da assimetria envolvendo os predicados psicológicos ExpObj em construção passiva verbal e adjetival. Desenvolvendo a análise a partir dos pressupostos do Programa Minimalista, nomeadamente o de que uma língua consiste de um sistema computacional (C_{HL}) e de um léxico (conjunto de traços), propusemo-nos a identificar as propriedades centrais da passiva verbal, das passivas adjetivais e dos predicados psicológicos ExpObj quando em construção passiva. Em uma análise composicional, determinamos o papel de cada um dos elementos que compõem a passiva com predicados psicológicos, a saber, as formas auxiliares, a forma participial e o sintagma preposicional.

Acreditamos ter apontado uma maneira satisfatória de lidar com o problema teórico sobre o qual nos debruçamos ao identificarmos o traço [intencionalidade] como determinante para a ocorrência de predicados psicológicos ExpObj em construção passiva verbal. Assim, apenas predicados ExpObj que carregam esse traço são capazes de ocorrer em passiva verbal. Também contribuímos para a discussão envolvendo a distinção entre passiva verbal e adjetival. A nossa proposta é a de que tanto a passiva verbal quanto a passiva adjetival são formadas na sintaxe, não sendo necessária a estipulação de operações adicionais internas ao léxico. Com essas duas premissas, acreditamos ter formulado uma proposta derivacionalmente mais econômica para o fenômeno da assimetria das passivas com predicados ExpObj.

Consideramos que algumas questões envolvendo a construção passiva com predicados psicológicos devem ser aprofundadas em pesquisas futuras. Primeiramente, embora a literatura trate os predicados Experienciador Sujeito ('temer') como transitivos canônicos (isto é, que selecionam um argumento externo e um interno) e como predicados que podem formar passiva verbal, não se detalha o fato de esses predicados não poderem formar passiva adjetival. Meltzer-Asscher (2011) oferece uma proposta em termos aspectuais ao defender que predicados ExpSuj são estativos e, por isso, não podem formar passivas adjetivais. Ainda que essa restrição seja válida, consideramos necessária uma investigação da classe de predicados ExpSuj em construção passiva verbal e adjetival. Com isso, é possível realizar uma análise mais ampla da classe dos predicados psicológicos (ExpSuj e ExpObj) em construção passiva.

Essa pesquisa futura pode, por exemplo, responder questões sobre a semelhança de comportamento da classe de ‘acalmar’ (ExpObj) e a classe de ‘temer’ (ExpSuj) em construção passiva, dado que ambas admitem somente a passiva verbal (a classe de ‘acalmar’, como vimos, não permite a passiva adjetival com o particípio ‘acalmado’).

Ao longo desta pesquisa também percebemos a relevância do tema para questões relacionadas à aquisição. Uma vasta literatura (BORER; WEXLER, 1987; FOX; GRODZINSKY; RUBIN, 2004; LIMA JÚNIOR, 2012, entre outros) mostra o modo como a passiva verbal e a passiva adjetival são adquiridas de maneira distinta (a passiva adjetival é adquirida em período anterior à passiva verbal). A explicação para essa distinção é variada. No entanto, parece ser consenso o fato de que a passiva adjetival envolve uma menor complexidade estrutural em relação à passiva verbal. A literatura também discute o modo como os predicados psicológicos são processados. Predicados psicológicos com uma componente agentiva, por exemplo, parecem envolver maior complexidade de processamento em relação aos predicados psicológicos não agentivos (CARNEIRO, 2011).

Também percebemos que as discussões sobre a distinção entre passiva verbal e passiva adjetival recobre outros fenômenos sintáticos, como o que envolve os quantificadores flutuantes (BALTIM, 1995). As distintas configurações dos quantificadores em sujeitos de passivas verbais e em sujeitos de passivas adjetivais parecem demonstrar que o sujeito da passiva adjetival é derivado, o que o torna distinto do sujeito da passiva verbal (que é gerado internamente à categoria verbal).

Esperamos contribuir para essas discussões em trabalhos futuros, uma vez que demandam investigações de outros fenômenos não contemplados em nossa tese.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A. A note on non-canonical passives: the case of the get-passive. In: BROEKHUIS, H. et al. **Organizing Grammar: Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk**, Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.
- ANAGNOSTOPOULOU, E. Participles and voice. In: ALEXIADOU, A, RATHERT, M.; STECHOW, A. (Eds.), **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- ARAD, M. **VP-Structure and the Syntax-Lexicon Interface**. PhD Thesis. London: University College, 1998.
- ARCE-ARENALES et al. Active voice and middle diathesis: A cross-linguistic perspective. In **Voice: Form and Function**, ed. By Barbara Fox and Paul Hopper. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- BAKER, M. **Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BAKER, M. **Lexical categories: Verbs, Nouns, and Adjectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BAKER, M.; JOHNSON, K.; ROBERTS, I. Passive Arguments Raised. **Linguistic Inquiry** 20. 1989.
- BALTIN, M. Floatin quantifiers, PRO, and predication. **Linguistic Inquiry** 26. 1995.
- BARBEDO, M. **Passivas com Verbos Psicológicos da Família de Preocupar**. Actas do XV Encontro Nacional da APL, 1999.
- BARBEDO, M. **Passivas com verbos psicológicos da família de preocupar**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.
- BARON, P. **Uma investigação sobre a natureza locative dos predicados psicológicos no português brasileiro**. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília, 2016.
- BELLETTI, A. Morphological passives and pro drop: the impersonal constructions in Italian. **Journal of linguistic Research** 2, 1982.
- BELLETTI, A.; RIZZI, L. Notes on psych-verbs, theta-theory and binding. In: FREIDIN, R. (org.) **Principles and Parameters in Comparative Grammar**. Cambridge, Massachussets, MIT Press, 1992.
- BELLETTI, A.; RIZZI, L. Psych-verbs and theta-theory. **Natural Language & Linguistic Theory** 6. 1988.
- BENNIS, H. Unergative Adjectives and Psych Verbs. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. **The Unaccusativity Puzzle: Explorations of the Syntax-Lexicon Interface**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

- BOECKX, C. **A Minimalist View on the Passive**. Working Papers in Linguistic. Occasional Papers 2. University of Connecticut, 1998.
- BORCHEV, V.; PARTEE, B. **The Russian genitive negation in existential sentences: the role of theme-rheme structure reconsidered**. In: Travaux de Cercle Linguistique de Prague (nouvelle série), v. 4, Eva Hajičová and Petr Sgall, eds. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2001.
- BORER, H. The Projection Principle and Rules of Morphology. In: JONES, C.; SELLS, P. eds. **Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of NELS, GLSA**. University of Massachusetts, 1984.
- BORER, H.; WEXLER, K. The maturation of syntax. In T. Roeper & E. Williams (eds.) **Parameter-setting and Language Acquisition**. Dordrecht: Reidel, 1987.
- BOUCHARD, D. **The Semantics of Syntax**. Chicago: University of Chicago Press. 1995.
- BOWERS, J. The syntax of predication. **Linguistic Inquiry** 24, 1993.
- BRESNAN, J. The passive in lexical theory. In Joan Bresnan (Ed.), **The Mental Representation of Grammatical Relations**. Cambridge, MA: MIT Press. 1982.
- BURZIO, L. **Intransitive Verbs and Italian Auxiliaries**. PhD Thesis. Cambridge, MIT Press, 1981.
- BURZIO, L. **Italian Syntax: A Government and Binding Approach**. Reidel, Dordrecht, 1986.
- BUTLER, J.; TSOULAS, G. **Get-passives, Raising, and Control**. Unpublished paper. 2006.
- CAMARA, M. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CANÇADO, M. Uma aplicação da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos: Verbos Psicológicos. **Revista do GEL**, número especial, 2002.
- CANÇADO, M. **Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional**. Tese – Doutorado em Linguística. Unicamp, Campinas, 1995.
- CARNEIRO, B. **Uma investigação sobre mapeamento de argumentos e aquisição de verbos psicológicos**. Dissertação de mestrado: Universidade de Brasília, 2011.
- CHIERCHIA, G. A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences. In Artemis Alexiadou, Elena Anagnostopoulou and Martin Everaert (Eds.), **The unaccusativity puzzle: Studies on the syntax-lexicon interface**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: the MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. Beyond Explanatory Adequacy. **MIT Occasional Papers in Linguistics, vol. 20**. Cambridge, MA: MITWPL, 2001.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In Michael Kenstowicz (Ed.), **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, MA.: MIT Press, 2001.

- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht, The Netherlands: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: the framework. In: MARTIN, Roger; MICHAELS, David; URIAGEREKA, Juan. **Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**, Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- CHOMSKY, N. **On Language and Nature**. Cambridge: CUP, 2002.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In **Readings in English transformational grammar**, ed. R. Jacobs and P. Rosenbaum. Waltham, Mass.: Ginn, 1970.
- CHOMSKY, N. **Sobre natureza e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge Mass: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. **Three factors in language design**. *Linguistic Inquiry* 36. 2005.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of Language**. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, N. **Barriers**. Cambridge Mass: MIT Press. 1986b.
- COLLINS, C. A Smuggling Approach to the Passive in English. **Syntax**, 8.2. 2005.
- COLLINS, C. The absence of the linker in double-object constructions in N|uu. **Studies in African Linguistics** 33(2), 2005.
- DiDESIDERO, L. **Psych Verbs: Acquisition, Lexical Semantics, and Event Structure**. Doctoral Dissertation. Evanston, Illinois, Northwestern University, 1999.
- DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. **Language** 67, 1991.
- DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar**. Dordrecht: Reidel, 1979.
- DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- DUARTE, I. Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In: RAPOSO, E. et al. (Eds.). **Gramática do Português**, vol. I: 429-458. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2013.
- DUARTE, I. Construções passivas, teoria temática e teoria do caso. **Actas do II Colóquio de Estudos Linguísticos - Teoria da Linguagem/Teoria da Literatura**. Universidade de Évora, 1986.
- DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. Partícipios Resultativos. **Textos Seleccionados XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Porto, APL, 2010.
- DURIE, M. The so-called passive in Acehnese. **Language** 64, 1988.
- EMBICK, D. On the structure of resultative participles in English. **Linguistic Inquiry** 35. 2004.
- ESTRELA, A. **A aquisição da Estrutura Passiva em Português Europeu**. Tese de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2013.

- FÁBREGAS, A.; MARÍN, R.; MCNALLY, Y. From psych verbs to nouns, en V. Demonte y L. McNally (eds.), **Telicity, Change, and State: A Cross-Categorial View of Event Structure**. Oxford, Oxford University Press, 2012.
- FOX, D.; GRODZINSKY, Y. Children's passive: a view from the by-phrase. **Linguistic Inquiry** 29, 1998.
- FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.
- FUKUI, N.; SPEAS, M. **Specifiers and projection**. MIT Working Papers in Linguistics 8, 1986.
- GEACH, P. **Reference and generality**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1962.
- GEHRKE, B.; GRILLO, N. How to become passive, en K. K. Grohmann (ed.), **Explorations of Phase Theory: Features, Arguments, and Interpretation at the Interfaces**. Interface Explorations 17, Berlin, Mouton De Gruyter, 2009.
- GEHRKE, B.; SÁNCHEZ-MARCO, C. Las pasivas psicológicas. In: MARÍN, R. (Ed.). **Los predicados psicológicos**. Madrid: Visor. 2013.
- GRIMSHAW, J. **Argument Structure**. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1990.
- GUPTA, A. **The logic of common nouns**. New Haven, Conn.: Yale University, 1980.
- HAEGEMAN, L. The get-passive and Burzio's generalization. **Lingua** 66. 1985.
- HAIDER, H. Heads and selection. In **Semi-lexical categories: the function of content words and the content of function words**. Norbert Corver and Henk van Riemsdijk (Eds.). Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 2001.
- HALE, K.; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. **The view from building 20**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.
- HALE, K.; KEYSER, S. **The Basic Elements of Argument Structure**. MITWPL 32. Cambridge, Massachussets: MIT, 1997.
- HALLE, M.; MARANTZ, M.. Distributed morphology and the pieces of inflection. In Ken Hale and Samuel Keyser (Eds.), **The view from building 20. Essays in honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge MA: MIT Press, 1993
- HINNEBUSCH, T.; MIRZA, S. **Kiswahili: Msingi wa kusema, kusoma, na kuandika**. Lanham, Md.: University Press of America, 1998.
- HORVATH, J.; SILONI, T. Active lexicon: Adjectival and verbal passives. In: SHARON ARMON-LOTEM, S.; ROTHSTEIN, S.; DANON, G. (Eds.). **Generative Approaches to Hebrew Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- HORVATH, J.; SILONI, T. **The thematic phase and the architecture of grammar**. Manuscript, Tel Aviv University, 2010.
- JACKENDOFF, R. **Semantic interpretation in generative grammar**. MIT Press, Cambridge. Massachusetts. 1972.
- JAEGGLI, O. A. Passive. **Linguistic Inquiry** 17. 1986.

- KITAHARA, H. Some notes on the minimalism program. In.: BOECKX, C. (Ed.). **Minimalism Essays**. Linguistics Today. John Benjamins, Netherlands, 2006.
- KOOPMAN, H.; SPORTICHE, D. **The position of subjects**. *Lingua* 85, 1991.
- KRATZER, A. Building statives. **Berkeley Linguistic Society** 26. 2000.
- KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Eds.). **Phrase structure and the lexicon**. Dordrecht: Kluwer, 1996.
- KURODA, Y. Whether we agree or not: A comparative syntax of English and Japanese. In William. Poser (Ed.). **Papers from the Second International Workshop on Japanese Syntax**. Stanford, CA: CSLI Publications, 1988.
- LANDAU, I. **The locative syntax of experiencers**. Cambridge, MA: MIT PRESS. 2010.
- LAWLER, J. A agree with B in Acehnese: A problema for Relational Grammar. In P. Cole and J. M. Sadock (Eds.), **Grammatical Relations**. New York: Academic Press. 1977.
- LEGATE, J. **Voice and v: lessons from Acehnese**. Linguistic Inquiry Monographs 69. Cambridge, Massachusetts, 2014.
- LEGENDRE, G. **Antipassive with French Psych-Verbs**. In: Dunca, Erin, Donka Farkas and Philip Spaelti (eds.), Proceedings of WCCFL 12, 1993.
- LEVIN, B. **English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. The formation of adjectival passives. **Linguistic Inquiry** 17. 1986.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. **Unaccusativity. At the Syntax Lexical Semantics Interface**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- LIMA JÚNIOR, J. **Revisitando a aquisição de sentenças passivas em Português brasileiro: uma investigação experimental com foco na compreensão**. Dissertação de Mestrado: PUC-RIO, 2012.
- LIMA, R.; RUBIN, M. Efeitos de intervenção no sistema de Agree: o caso das passivas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 6, n. 10, 2008.
- LOBATO, L. **What the form of Portuguese past participle reveals about formal features and language development**. Ms. 1998.
- LUNDQUIST, B. The Category of Participles. In: Iordăchioaia & Takamine (eds.). **Categorization and Category Change**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars. 2013.
- LUNGUINHO, M. **Verbos Auxiliares e a Sintaxe dos Domínios Não-Finitos**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- MANZINI, R. On control and control theory. **Linguistic Inquiry** 14. 1983.
- MARANTZ, A. **On the nature of Grammatical Relations**. Cambridge, Mass. MIT Press. 1984.

- McGINNIS, M. Event Heads and the Distribution of Psych-roots. In: Williams, Alexander & Elsi Kaiser (eds.), **Current Work in Linguistics: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics** 6:3. 2000.
- MEDEIROS, A. **Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais.** Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro. 2008.
- MELTZER-ASSCHER, A. **Adjectival passives in Hebrew:** Evidence for parallelism between the adjectival and verbal systems. *Natural Language and Linguistic Theory*, 29. 2011.
- MELTZER-ASSCHER, A. Present participles: Categorial classification and derivation. *Lingua*, 120, 2010.
- MELTZER-ASSCHER, A. The subject of adjectives: Syntactic position and semantic interpretation. *The Linguisticf Review*, 29, 2012.
- MIHAILOVIC, L. The Agent in the Passive Construction. **English Language Teaching XX.** London: Oxford Academic, 1966.
- MOREIRA, B. **Aspectos sintáticos e semânticos dos adjetivos modais.** Tese de Doutorado. UnB, Brasília. 2015.
- NAVES, R. **Alternâncias Sintáticas: Questões, Perspectivas de Análise.** Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2005.
- NAVES, R. **Aspectos Sintáticos e Semânticos das Estruturas com Verbos Psicológicos.** Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB. 1998.
- OLIVEIRA, D. **Nominalizações no português brasileiro: estrutura argumental, formação e morfossintaxe.** 2014. Tese de Doutorado: Universidade de Brasília, 2014.
- PERLMUTTER, D.; POSTAL, P. M. The I-advancement exclusiveness law. In: PERMULTER, D.; ROSEN, C. (eds.) **Studies in Relation Grammar 2.** Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- PESETSKY, D. **Experiencer Predicates and Universal Alignment Principles.** Ms., MIT. 1990.
- PESETSKY, D. **Psych predicates, universal alignment and lexical decomposition.** Paper presented at UCLA Conference on the Lexicon and Syntax. 1988.
- PESETSKY, D. **Zero Syntax: Experiencers and Cascades.** Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- PILASTRE, B. **Aspectos das construções passivas com verbos psicológicos.** Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, 2012.
- PIRES, A. **As formas V-DO no Português do Brasil: características sintáticas e semânticas.** Dissertação de Mestrado, UnB, 1996.
- PYLKKÄNEN, L. **Introducing Arguments.** Cambridge, MA: MIT Press. 2008.
- RAMCHAND, G. Time and the Event: The semantics of Russian prefixes. *Norlyd* 32. 2004.

- RAMCHAND, G. **Verb Meaning and the Lexicon: A First Phase Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- RAPOSO, E (Tradução, Apresentação e Notas à Tradução). **O Programa Minimalista**. Lisboa, Portugal: Editora Caminho, 1999.
- REINHART, T. Experiencing Derivations. **A paper presented at SALT 11**. 2001.
- REINHART, T. **Syntactic effects of lexical operations**: reflexives and unaccusatives. Utrecht working papers in linguistics. 1996.
- REINHART, T. The Theta System – An Overview. **Theoretical Linguistics 28**. 2002.
- REINHART, T. **The Theta System: Syntactic realization of Verbal Concepts**. Ms., OTS Working Papers in Linguistics, University of Utrecht, 2000.
- REINHART, T.; SILONI, T. The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other arity operations. **Linguistic Inquiry 36**, 2005.
- RIZZI, L. **Relativized minimality**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.
- ROTHSTEIN, S. **Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect**. Oxford: Blackwell. 2004.
- RUBIN, M. **A Passiva na Síndrome de Down**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Brasil, 2004.
- RUWET, N. **Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français**. Paris: Seuil, 1972.
- SPORTICHE, D. French predicate clitics and clause structure. In Anna Cardinaletti and Maria Guasti (Eds.). **Small Clauses, Syntax and Semantics 28**. San Diego: Academic Press. 1995.
- TALMY, L. Semantics causative types. In: Shibatani, M. (ed.): **Syntax and semantics 6: The grammar of causative constructions**. New York: Academic Press. 1976.
- TARANTO, G. **An event structure analysis of causative and passive get**. Manuscript. University of California, San Diego. 2004.
- TENNY, C. **Psych Verbs and Verbal Passives in Pittsburghese**. Linguistics 36. 1998.
- TORRES MORAIS, M. **A passivação no português: uma abordagem léxico-funcional**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1988.
- TRAVIS, L. **Parameters and effects of Word orden variation**. Ph.D. Dissertation, MIT, Cambridge, Mass. 1984.
- WASOW, T. **Transformations and the Lexicon**. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A., eds. **Formal Syntax**. New York: Academic Press, 1977.
- WILLIAMS, E. **Argument Structure and Morphology**. Linguistic Review. 1981.
- ZAENEN, A. Unacusativity in Dutch: integrating syntax and lexical semantics. In: **Semantics and the lexicon**, ed. J. Pustekovsky. Dordrecht: Kluwer. 1993.